

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

MARIA DA GLÓRIA VIANNA AMORIM SILVA

**ENCONTROS E DESENCONTROS ENTRE  
PSICANÁLISE E LINGUÍSTICA**

*A presença de Jacques Lacan*

**MESTRADO EM LINGUÍSTICA APLICADA E ESTUDOS DA  
LINGUAGEM**

**SÃO PAULO**

**2012**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

MARIA DA GLÓRIA VIANNA AMORIM SILVA

**ENCONTROS E DESENCONTROS ENTRE  
PSICANÁLISE E LINGUÍSTICA**

*A presença de Jacques Lacan*

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, sob orientação da Profa. Dra. Maria Francisca Lier-DeVitto.

**SÃO PAULO**

**2012**

## Encontros e desencontros entre Psicanálise e Linguística: a presença de Jacques Lacan

Maria da Glória Vianna Amorim Silva

### ERRATA

#### (1) P. 19 – 4º parágrafo

Onde se lê:

“De modo análogo, quando um trabalho desse tipo ....”

leia-se:

“Quando um trabalho desse tipo ... “

---

#### (2) P. 36 - último parágrafo:

Onde se lê:

“Lacan não empreendeu um percurso em busca de uma verdade, mas de uma ressignificação de conceitos que lhe importavam.”

leia-se:

“Lacan não empreendeu um percurso em busca de uma verdade, mas de uma ressignificação de conceitos incorporados do estruturalismo europeu, como procurarei mostrar no próximo item.”

---

#### (3) p. 105 – enumeração final da página

Onde se lê:

“2) Analogamente, existe a série: *Sinthoma*, Real, *lalangue*, e” ,

leia-se:

“2) Existe, também, a série: *Sinthoma*, Real, *lalangue*, e”

#### (1) p. 107 – 1º parágrafo

Onde se lê:

“(...) é o conjunto... copiar... até fazer signo”. (MILNER, 1978, pp. 64-65)

leia-se:

“Suponhamos a língua, como rede de impossível e como objeto de um saber, submetida ao processo, logo à função de excesso – que é a alíngua – se desenha: é o conjunto de todas as cadeias possíveis, àquelas que a ciência representa – etimologia, paradigmas diversos, derivações, transformações, etc; e aquelas que ela recusa: homofonias, homossemias, palíndromos, anagramas, tropos e todas as figuras imagináveis da associação. A alíngua é, pois, uma multidão de arborescência pululante, onde o sujeito enlaça seu desejo, qualquer nó podendo ser eleito por ele para fazer signo.” (MILNER, 1978, pp. 64-65)

### **Banca examinadora**

Profa Dra. Maria Francisca Lier-DeVitto **Instituição:** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Profa. Dra. Lucia Maria Guimarães Arantes **Instituição:** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Prof. Dr. Valdir Heitor Barzotto **Instituição:** Universidade de São Paulo

Profa. Dra. Maximina Maria Freire **Instituição:** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Prof. Dr. Alain Marcel Mouzat **Instituição:** Universidade de São Paulo

À Lygia Irene, minha mãe,

Ao Ulysses Vianna Filho,  
meu irmão... uma pequena  
parcela do imenso  
carinho, apoio e amor que  
me dedicaram.

## AGRADECIMENTOS

- À Profa. Dra. Maria Francisca Lier-DeVitto, minha orientadora, por ter acreditado, desde o início, em meu projeto.
- À Profa. Dra. Lúcia Arantes, pelas contribuições dadas durante o exame de qualificação e por me proporcionar, durante as aulas, oportunidade de discutir mais ativamente os assuntos relacionados à Psicanálise.
- Ao Prof. Dr. Valdir Heitor Barzotto, pela leitura refinada, criteriosa e minuciosa do meu trabalho, por ocasião do exame de qualificação.
- Aos professores, funcionários e colegas do LAEL, pelo incentivo, carinho e atenção.
- Aos meus colegas do Módulo de Psicanálise: ao Carlos Genaro Gauto Fernandez (pelos livros e poemas que trocamos), ao Ariel Bogochvol, Daniela Gatto, Teresa Genesini, Claudia Rosa Riolfi, Alain Marcel Mouzat, Dorothee Rüdiger, Elza Macedo, Liège Selma Lise, Maria Cecília Parasmó, Griseldis Achôa.
- Aos meus colegas do IPLA, em especial aos da Clínica da Infância, pelo trabalho que estamos desenvolvendo: Claudia Rosa Riolfi, Griseldis Achôa, Suelen Gregatti da Igreja, Dorothee Rüdiger e Susie Teresa da Silva Pellegrini.
- Ao Sr. Luis Carlos Araújo, meu fiel livreiro, quem pacientemente procurava os livros e publicações, e a Daisy Michi Kobuchi, pela ajuda na busca de sites de publicações francesas.
- A Emari Andrade, amiga e revisora, quem com leitura acurada e calma revisou meu texto.
- A Rosana Trevisan, pelas aulas de computação e torcida para que tudo saísse bem.

- À Profa. Dra. Marcia Aguiar, amiga e ouvinte, por me acompanhar na escrita desse percurso e me fazer perguntas que me possibilitaram escrever cada vez melhor o que queria dizer.
- Ao Prof. Dr. Alain Grosrichard, por suas conversas tão instrutivas e instigantes.
- À querida Profa. Dra. Claudia Rosa Riolfi, quem com maestria e competência soube ler este trabalho, ouvindo minhas indagações e respeitando minha singularidade.
- Ao Dr. Jorge Forbes, querido nesse caminho, por me possibilitar ler o que não estava escrito.

## RESUMO

Neste trabalho, foi tematizada a tensão entre dois campos do saber em que a linguagem é protagonista, a ciência Linguística e a Psicanálise. Nosso ponto de partida foi o texto de Jean-Claude Milner (1995), para quem o estabelecimento explícito de tal relação deve ser atribuída exclusivamente a Lacan, que, ao construir sua obra, mobilizou várias das conquistas teóricas e conceitos da Linguística estrutural. Assim, esta dissertação privilegia o momento da instituição da Psicanálise de orientação lacaniana, fortemente influenciada por dois expoentes do estruturalismo: Roman Jakobson, que se baseou nas teorias de Ferdinand de Saussure e Claude Lévi-Strauss, fundadores respectivamente da Linguística Estrutural e da Antropologia Estrutural. Visamos a examinar certas vicissitudes do amor de Lacan pela Linguística que se pode depreender dos trabalhos em que o psicanalista mobilizou conceitos ali inaugurados. Assim, nosso objetivo foi circunscrever os contornos da singularidade do gesto de Lacan que, mantendo a separação entre Linguística e Psicanálise, tentou, ao colher conceitos da Linguística, produzir seu mais famoso monólogo: a dita Psicanálise de orientação lacaniana. A pergunta-mestra desta dissertação foi a seguinte: Como caracterizar os efeitos do encontro entre o psicanalista Jacques Lacan e a Linguística? Para respondê-la, investigamos alguns Seminários e textos de Jacques Lacan, publicados entre 1945 e 1973, nos quais é possível apreender o momento em que Lacan se vale da Linguística como chave de leitura para os textos de Freud. Três aspectos fundamentais foram pinçados: o signo linguístico (significante e significado); as operações metafóricas e metonímicas e a diferença entre enunciado e enunciação. Lacan os transformou, agregando a eles sua noção de sujeito do desejo do inconsciente. Mesmo no momento de maior encantamento, Lacan jamais aplicou a Linguística ao campo da Psicanálise. Com a continuidade da elaboração de sua teoria, ele abandonou a Linguística como ciência, mantendo o interesse pela linguagem. Linguística e Psicanálise operam, assim, com concepções de linguagem bastante diferentes e disso resulta uma relação de “proximidade incessante e heterogeneidade absoluta” (MILNER, 1995. p.2).

Palavras-chave: Linguística; Psicanálise; signo linguístico; sujeito do inconsciente; singularidade.

## SUMMARY

In this study, we have broached the tension between two fields of knowledge in which language is the protagonist, Linguistics and Psychoanalysis. Our starting point was the text of Jean-Claude Milner (1995), to whom the explicit establishment of this relationship must be attributed exclusively to Lacan, who, building his work, has mobilized many of the theoretical achievements and concepts from Structural Linguistics. Thus, this dissertation privileges the moment where Psychoanalysis was founded, strongly influenced by two exponents of the Structuralism: Roman Jakobson, whose work was based on Ferdinand de Saussure's and Claude Lévi-Strauss's theories, who have founded, respectively, Structural Linguistics and Structural Anthropology. We aim to examine determined vicissitudes in Lacan's love for Linguistics that it is possible to infer from the works in which the psychoanalyst mobilized concepts from this science. In this manner, our aim was defining the singularity's outlines in Lacan's gesture that, keeping the separation between Linguistics and Psychoanalysis, intended, by gathering concepts from Linguistics, produce his most famous monologue: the well-known Lacanien Psychoanalysis. The main question of this dissertation was the following: How can we characterize the effects of the encounter between the psychoanalyst Lacan and Linguistics? In order to answer it, we have investigated some Jacques Lacan's Seminars and texts, published between 1945 and 1973, in which it is possible to apprehend the moment when Lacan takes Linguistics as a key to read Freud's texts. Three main aspects were taken into account: the linguistic sign (signifier and signified); the metaphorical and metonymical operations and the difference between statement and enunciation. Lacan has transformed them and has aggregated the notion of subject of desire from the unconscious. Even in the moment of most delight, Lacan has never employed Linguistics in the field of Psychoanalysis. When proceeding his theory's elaboration, he has abandoned Linguistics as a science, keeping interest in language. Linguistics and Psychoanalysis performs, thus, as very different language conceptions and from this results a relationship of "incessant proximity and absolute heterogeneity" (MILNER, 1995. p. 2).

Key-words: Linguistics; Psychoanalysis; linguistic sign; subject of desire from the unconscious; singularity

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	<b>12</b>
<b>1. Há relação entre Linguística e Psicanálise?</b>	<b>26</b>
1.1. O curso de Linguística Geral e seus aportes	26
1.1.1. O Curso de Linguística Geral - algumas considerações	27
1.1.2. Em torno da obra de Saussure	34
1.2. O percurso do estruturalismo: encontros e acontecimentos	37
1.3. Linguística e Psicanálise: uma relação complicada?	41
1.3.1. A relação da Psicanálise com a linguagem, compreendida como um <i>fenômeno</i>	45
1.3.2. A Psicanálise e sua relação com a Linguística, compreendida como <i>ciência</i>	53
1.3.3. A relação da ciência Linguística com os <i>dados</i> trazidos à luz pela Psicanálise	56
1.3.4. A ciência Linguística e sua relação com a <i>teoria</i> da Psicanálise	57
<b>2. Linguística e Psicanálise: o que se pode dizer deste encontro promovido por Lacan</b>	<b>59</b>
2.1. O momento em que Lacan teve seu interesse pela linguagem despertado	59
2.2. De Saussure a Jakobson: elementos mínimos para compreender a linguagem como estrutura	66
2.2.1. O estruturalismo lacaniano: a força da <i>diferença</i> em Saussure para um psicanalista	67
<b>3. Psicanálise e Linguística, o que já se disse dessa relação?</b>	<b>72</b>
3.1. O que disseram os pesquisadores franceses?	73
3.1.1. Linguística e/ou Psicanálise	73
3.1.2. É possível contornar a fronteira entre Linguística e Psicanálise?	78
3.2. O que disseram os pesquisadores brasileiros?	80
<b>4. O amor de Lacan pela Linguística</b>	<b>85</b>
4.1. Lacan e a Linguística: particularidades dessa relação	85
4.2. O que escuta o psicanalista?	90
<b>5. Linguística e Psicanálise: as pedras do caminho de Lacan</b>	<b>99</b>
5.1. Da explicação para a implicação: a mudança de predomínio da clínica do simbólico para a clínica do real	100

5.2. La langue: turbulências na relação entre Linguística e Psicanálise	106
5.2.1. A ausência da palavra na literatura	109
5.3. O desinteresse de Lacan pela Linguística estrutural	114
5.4. Para além do sujeito da linguagem, o corpo do falante	115
<b>Considerações Finais</b>	<b>117</b>
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>122</b>

Eu trago o peito tão marcado  
De lembranças do passado  
E você sabe a razão  
Vou colecionar mais um soneto  
Outro retrato em branco e preto  
A maltratar meu coração

BUARQUE, Chico, *Retrato em branco e preto*, 1968.

## Introdução

Sejamos claros: a Psicanálise freudiana constrói entre o inconsciente e a linguagem uma rede intrincada de conexões, mas ela o faz dentro da maior ignorância da Linguística. É nesse ponto, aliás, que a ruptura instituída por Lacan provocou os efeitos mais visíveis. Pode-se resumi-los assim: a questão das relações entre a Psicanálise e a ciência da linguagem não tem sentido antes de Jacques Lacan. (MILNER, 1995, p. 8)

No presente trabalho, tematizamos a tensão entre dois campos do saber: a ciência Linguística e a Psicanálise que, ao se construir como uma práxis mobilizou várias de suas conquistas teóricas e conceitos. Visamos a examinar aspectos da relação explícita entre Linguística e Psicanálise - relação esta que, segundo Jean-Claude Milner (1995), deve ser atribuída exclusivamente a Lacan.

Ao fazê-lo, hipotetizamos que, no interior de qualquer campo do saber, são produzidos abalos profundos quando um estudioso nele introduz conceitos originários de outro campo. Do mesmo modo, os referidos abalos podem, em certas circunstâncias, abalar também o campo de onde os conceitos foram retirados. Embora essa dupla afetação possa ocorrer, essa não parece refletir o que ocorreu entre Psicanálise e Linguística, pois se pode dizer que o chamado núcleo duro da Linguística não se deixou afetar pela Psicanálise (MILNER, 1978, 1989).

Muito embora a Linguística tenha sido essencial no movimento lacaniano, vê-se que conceitos foram introduzidos e, evidentemente, modificados, em seu bojo. Isso se deu sob efeito de considerações teóricas e clínicas a respeito do inconsciente, como se vê, por exemplo, no Seminário XX (LACAN, 1972-1973).

Dessa maneira, esta investigação inscreve-se na sequência de alguns trabalhos, que tematizam os efeitos do encontro entre duas disciplinas que estão, por algum motivo, postas em confronto. Esclarecemos, preliminarmente, que ao adotar aqui a palavra “confronto” estamos privilegiando a acepção “pôr frente a frente”, sem que isso implique hierarquizar uma das partes envolvidas.

Posto isso, pontuaremos brevemente o trabalho de seis autores que, dedicando-se às especialidades diversas, têm em comum o interesse em discutir condições e consequências nas quais encontros e desencontros entre disciplinas ou campos podem acontecer: Canguilhem (1963); Herbert (1967);<sup>1</sup> Henry (1969); Lier-DeVitto (2000, 2006); Lemos (2002); e Landi (2000).

O primeiro refere-se à reflexão de Canguilhem (1963) a respeito da constituição da Fisiologia como ciência. Para o filósofo, quando uma ciência se constitui e, nesse gesto, utiliza-se de conceitos de outros campos, ela deve observar certos princípios que conduzem a “transformações regradas”. Em suas palavras:

...Trabalhar um conceito, é fazê-lo variar na sua extensão e na compreensão, generalizá-lo pela incorporação de traços de exceção, “exportá-lo para fora de sua região de origem, tomá-lo por um modelo ou, inversamente, procurar-lhe um modelo, em resumo, conferir-lhe, progressivamente, por *transformações regradas*, a função de uma forma. (CANGUILHEM, 1963, p.94)<sup>2</sup> (ênfase nossa).

Lendo a citação de Canguilhem a respeito da transposição de conceitos de uma ciência para outra, percebemos que sua discussão não indica ou sugere a possibilidade de uma simples e direta incorporação de noções de outro campo – elas devem ser “trabalhadas”, diz ele. Nesse sentido, qualquer mera incorporação não poderia dar conta de aspectos essenciais ao espaço teórico em que noções/conceitos são inseridos e que não são abordados na ciência de origem. Gestos irrefletidos costumam ser “o pecado” do que, geralmente, designa-se com o nome de “interdisciplinaridade”. Trata-se, antes, como diz Canguilhem, de entender que um conceito sofre, necessariamente, “transformações” quando passa de um campo para outro. Isso se dá porque o conceito se submeterá a uma episteme diferente. Buscaremos discutir esse ponto nesta dissertação, que versa a respeito de conceitos da Linguística absorvidos por Lacan na teoria psicanalítica.

O segundo é Thomas Herbert, pseudônimo de Michel Pêcheux, autor responsável pela proposição daquilo que ficou conhecido como “teoria da Análise Automática do Discurso”. Pêcheux, que vem da Sociologia, aproxima-se da Linguística e da Psicanálise. Ele lança mão de conceitos psicanalíticos para

<sup>1</sup> Pseudônimo de Michel Pêcheux.

<sup>2</sup> O texto citado funcionou como epígrafe para *Les cahiers pour l'analyse* da École Normale Supérieure da Rua d'Ulm, de 1965-1968.

desenvolver a Análise do Discurso, especialmente a noção de sujeito. Nessa teoria, a noção de sujeito da ideologia (“assujeitado”, como se diz na área) é tributária da ideia de “sujeito do inconsciente” – concebido por Jacques Lacan a partir do inconsciente de Freud. Certamente, o conceito sofre exatamente o tipo de “trabalho” e de “transformação” mencionado em Canguilhem.<sup>3</sup>

Como se pode apreender na leitura do artigo de Thomas Hebert, *Remarques pour une théorie générale des idéologies* (1967), o materialismo histórico constitui o princípio organizador da Análise do Discurso desenvolvida por Pêcheux. É essa teoria que determinará o papel a ser ocupado pelos “instrumentos inicialmente constituídos na Psicanálise” (HERBERT, 1967, p. 83) no interior da Análise Automática do Discurso.

Em outros termos, os conceitos emprestados da Psicanálise serão inseridos na análise automática do discurso sob a ótica do materialismo histórico e, assim, deslocados de seu sentido original. Assim, trata-se de “colocar o problema da relação entre *inconsciente analítico* e *inconsciente social* do recalque ideológico” (HERBERT, 1967, p. 83).

O predomínio do materialismo histórico na reflexão de Pêcheux já foi amplamente apontado. Por exemplo, Gadet *et alii* afirmam que “o empreendimento de Michel Pêcheux permanece orientado para um horizonte teórico implicitamente dominado por um fantasma da articulação entre o materialismo histórico, peça dominante, e a teoria do inconsciente, contribuição regional” (GADET *et alii*, 1990, p. 52).

Ao comentar o empréstimo feito por Pêcheux do conceito de sujeito do inconsciente, oriundo da Psicanálise, os autores assinalam que a especificidade do conceito de sujeito em Lacan reside no fato de ele não se identificar com qualquer forma de substancialização (como é o caso do sujeito social, da ideologia) – ele emerge na relação entre significantes no momento da fala.

Gadet *et alii* (1990) mostram que Thomas Herbert, interpretando a fórmula de Lacan “o significante representa o sujeito para outro significante” através do

---

<sup>3</sup> Para uma abordagem mais extensa a respeito das transmudações do conceito de “sujeito” ao longo da obra de Michel Pêcheux, a partir do texto escrito sob o pseudônimo de Thomas Herbert, leia-se o trabalho de Leite (1994), no qual a autora se dedica ao cotejamento de formulações de Jacques Lacan e sua apropriação pelo linguista.

materialismo histórico, preconiza que o sujeito *é o significante* que o representa na cadeia de significantes. Ponderam que esse conceito acabou, portanto, sendo “deformado” no contato com a noção de “inconsciente social” elaborada a partir das teorias de Louis Althusser, de quem Michel Pêcheux foi aluno e amigo.

O problema reside na mudança ocorrida no modo de interpretar a existência (ou não) do sujeito antes de sua concretização em um enunciado. Para ser representado, como quer Herbert, o sujeito deve ter uma anterioridade, ser uma substância que tem seu lugar determinado por sua posição social. Ao contrário do que se vê na Psicanálise, portanto, na obra de Herbert o “mecanismo da identificação diferencial não passa do ‘efeito de sociedade’, cujas dissimetrias encontram aqui sua causa”. (GADET, 1990, p. 53).

O terceiro trabalho que nos inspirou foi o de Paul Henry (1969). Nele, ao comentar a posição de Pêcheux com relação ao sujeito, Henry ressalta que ele “segue mais Althusser que Lacan, Derrida que Foucault” (p. 29). Assim, reafirma que “Pêcheux introduz o sujeito enquanto efeito ideológico elementar” (p. 29). Por esse motivo, para ele, é enquanto esse sujeito “que qualquer pessoa é ‘interpelada’ a ocupar um lugar determinado no sistema de produção”. (HENRY, 1969, p. 30)

Vê-se, portanto, que, na avaliação de Henry o sujeito mobilizado por Pêcheux é aquele que vai existir enquanto referido a uma ideologia, como “efeito ideológico elementar” (p.30). Isso significa, como já vimos, que ele terá uma realidade substancial, o que Henry expressa dizendo que “nada se torna um sujeito, mas aquele que é ‘chamado’ é sempre já-sujeito”(HENRY, 1969, p. 30).

Ora, Lacan caminha a contrapelo dessa concepção quando, como nos explica Henry, recusa-se a buscar uma origem que estaria fora da linguagem, ou seja, que existiria como que de forma independente dos falantes. Para Henry, no raciocínio de Lacan o sujeito não é uma “coisa”, mas uma posição, o que aproxima o trabalho do psicanalista com aquele que o linguista se propõe a fazer.

A quarta fonte de inspiração são os trabalhos de Lier-DeVitto, de 1997 e 2000, que foram sintetizados em um artigo escrito em 2006. O primeiro corresponde ao texto que deu origem ao Projeto Integrado CNPq (522002/1997-8) e o segundo, ao texto que foi material para obtenção do título de “professora titular” do Departamento de Linguística da PUC-SP. Todo o trabalho do projeto decorre de

uma discussão crítica sobre a relação entre Linguística/Fonoaudiologia e Interacionismo.

A quinta fonte de inspiração é o trabalho desenvolvido por Teresa Lemos (2002) que discutiu as relações entre o Interacionismo e a Psicanálise<sup>4</sup>. A autora, que é psicanalista, aborda a “importação de conceitos lacanianos” pelo Interacionismo. Teresa Lemos afirmou que, no início da pesquisa, acreditava na existência de “um espaço comum entre as teorias” (LEMOS, 2002, p. 9). Disse, ainda, que essa crença revelou-se, posteriormente, ilusória: afinal, reconhece ela, as duas áreas trabalham com objetos e campos de atuação diferentes e não podem ser assimiladas:

Que [esses campos] fossem diferentes, isso já era evidente. A questão foi, na verdade, a de *colocar essa diferença no seu devido lugar*, isto é, *no próprio modo como esses campos se fundam e se estruturam*, o que com que a aparência de semelhança perca toda sua validade como critério de viabilidade para um projeto que pretenda associar esses campos (LEMOS, 2002, p.12) (ênfases nossas).

Lemos não admite ser viável, assim, a transposição direta de conceitos entre campos diferentes. O que ela pretende assimilar da Psicanálise é a virulência contida em seu discurso. Ela sustenta ser preciso que o pesquisador-interacionista reconheça que a Psicanálise é uma práxis, o que a diferencia da prática do pesquisador da aquisição da linguagem, que não possui essa dimensão<sup>5</sup>. Para nós, a importância do trabalho de Teresa Lemos reside no fato de que essa psicanalista nos mostra que “abrir” uma leitura de outro campo com instrumentos da Psicanálise envolve, como assinalou Lier-DeVitto, suportar sua virulência e sustentar a diferença entre as áreas. Envolve, portanto, recusar qualquer possibilidade de aplicação de noções e conceitos ou evitar a tentação de supô-los assimiláveis.

A sexta fonte de inspiração é um desdobramento dos trabalhos de Lier-DeVitto, pois consiste em uma dissertação por ela orientada. Landi (2000), a respeito da noção de interdisciplinaridade, considera essa como um “sintoma” nas

---

<sup>4</sup> Para uma aproximação à teorização da proposta de Lemos, ver Lier-DeVitto & Carvalho (2008) em que se discute a questão problemática do “interacionismo” e dos “sociointeracionismos”. Lemos (1998), em prefácio ao livro de Lier-DeVitto, *Os monólogos da criança*, fala sobre a “infelicidade” do nome da proposta que avança.

<sup>5</sup> Sobre isso, ver ainda, De Lemos (2003); Lier-DeVitto (2004).

teorizações - em especial, no trabalho de uma fonoaudióloga que se dedicou à investigação das afasias ambicionando contemplar, por meio de uma abordagem transdisciplinar, o que ela pensava ser o “paciente como um todo”.

Landi, reconhecendo a possibilidade de existência de “afinidades e de relações viáveis entre campos”, coteja três perspectivas: a) A *interdisciplinar*; b) A *multidisciplinar*; e c) A *transdisciplinar*. O Quadro 1, abaixo, sistematiza os principais aspectos contemplados nesse cotejamento.

Quadro 1 - Cotejamento das perspectivas de acordo com Landi (2000)

Perspectivas	Conceituação	Críticas
Interdisciplinar	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Importação de um conceito de uma dada disciplina para outro; e</li> <li>- Contiguidade desarticulada de fragmentos de diferentes domínios disciplinares.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Colcha de retalhos;</li> <li>- Ilusão explicativa;</li> <li>- Obstáculo às teorizações; e</li> <li>- Inviável.</li> </ul>
Multidisciplinar	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Utilização de conceitos de várias disciplinas para se dar conta de uma questão complexa; e</li> <li>- Relaciona-se com o surgimento de disciplinas híbridas, como a Sociolinguística.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Recobrimento do sintoma que deveria ser tratado;</li> <li>- Burla de conceitos e de noções; e</li> <li>- Aproximação de campos “que conduzem argumentações diferentes sobre temas eventualmente semelhantes.” (p. 83).</li> </ul>
Transdisciplinar	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Constituição de um novo objeto, por meio da junção de conceitos de várias disciplinas que são extrapoladas;</li> <li>- “Trans”, neste caso, é entendido como “através de” e “mais além”; e</li> <li>- Criação de algo novo, de uma <i>síntese original</i>, na acepção de Lalande (1992/78);</li> <li>- Tem como sua condição a existência de um <i>diálogo teórico</i>, tal qual descrito por Lier-DeVitto (1994); e</li> <li>- Não é aplicação de várias teorias a uma questão, mas sim, uma elaboração centrada na produção de uma singularidade (novo campo).</li> </ul>	<p>Como esta é a perspectiva defendida pela autora, não existem críticas.</p>

Tendo em vista a relação entre Psicanálise e Linguística, cabe, portanto, interrogar, frente ao quadro acima apresentado, se alguma das perspectivas ali expostas a ela se aplica. Começamos descartando a perspectiva da interdisciplinaridade, que nos parece em nada se adequar ao gesto de Lacan. Segundo Landi (2000), a interdisciplinaridade consiste na “importação direta de um

conceito de uma dada disciplina para outra”, o que redundaria em uma “colcha de retalhos teórica” com conceitos que não se articulam, não se harmonizam, enfim, não adquirem força explicativa.

Pensamos que a importação de um conceito de um campo de saber para outro, no nosso caso da Linguística para a Psicanálise, não se faz sem consequências, mais precisamente, não se faz sem uma ressignificação do conceito importado. Ele é “trabalhado” (expressão de Canguilhem) pela teoria psicanalítica e com ela se harmoniza. Por essa razão, falar de interdisciplinaridade seria, no caso, redutor.

Do nosso ponto de vista, ceder à interdisciplinaridade é uma tentativa vã de aplacar ansiedades e, muitas vezes, angústia que nos provoca o novo, um encontro entre campos que levanta questionamento inusitado. Esses sentimentos não devem sobrepujar a virulência própria do encontro com o novo, nem abafar o conflito que advém da busca ou do desejo de aproximação a outras epistemes para oxigenar a reflexão ou a própria prática.

Do mesmo modo, descarta-se a perspectiva da multidisciplinaridade, posto que, de saída, nota-se que os temas de uma e de outra disciplina não são semelhantes. A multidisciplinaridade recorre a conceitos de várias disciplinas para dar conta de um mesmo fenômeno, que seria, assim, abordado a partir de vários aspectos. Landi (2000) comenta que essa perspectiva deu margem ao surgimento de disciplinas híbridas como a Sociolinguística. Na relação entre Linguística e Psicanálise, contudo, esse caminho não é possível, pois, como afirma Jean-Claude Milner (1995), a Linguística não tem possibilidade lógica ou teórica de importar o conceito de inconsciente, central na Psicanálise.

O objeto próprio daquela ciência impossibilita incluir o falante - a língua em sua universalidade ou a Gramática Universal de Chomsky o afasta e, portanto, a ideia de inconsciente tem se apresentado como inviável nesse espaço. Sendo assim, o autor sustenta que “não existe inconsciente linguístico, se tomarmos “inconsciente” e “Linguística” em um sentido preciso” (MILNER, 1995, p. 12). Por outro lado, os conceitos da Linguística são profundamente transformados quando absorvidos pela Psicanálise. Esses dois argumentos levam Jean-Claude Milner a falar em “ruptura” entre as duas disciplinas. Na verdade, concordando com Milner,

acreditamos que a face mais flagrante dessa impossibilidade é o fato de não haver, por exemplo, uma “Linguística psicanalítica”, nem uma “Psicanálise linguística”.

Poderíamos pensar, então, que as relações entre Linguística e Psicanálise poderiam ser enquadradas no âmbito do que Landi (2000) chama de transdisciplinaridade, já que, nesse caso, os conceitos de cada uma das disciplinas são extrapolados, suscitando o surgimento do novo. Embora essa consideração escape ao escopo do presente trabalho, achamos importante dizer que aquele que procura o fonoaudiólogo o faz baseado não em uma fala que tropeça no dizer, mas naquela que já é, em si, “o próprio tropeço”<sup>6</sup>.

Acreditamos, assim, que nas relações entre Linguística e Psicanálise, não cabe falar nem em “inter”, nem em “multi” e nem em “transdisciplinaridade”. No caso da elaboração de Jacques Lacan, a preocupação não é a criação de um novo campo de saber ou de um novo objeto, nem mesmo a tentativa de realização de uma ciência híbrida. Procuraremos demonstrar que se trata de um amor nascido de sua paixão pela clínica e da conseqüente tentativa de encontrar instrumentos mais potentes para o trabalho analítico.

Concluídas essas apresentações e considerações iniciais, cumpre reconhecer, de início, que uma aproximação desse tipo sempre sofrerá uma perda. Quando é feita por um linguista, corre-se o risco da aplicação e da inconsistência teórica na incorporação de conceitos oriundos da Psicanálise.

De modo análogo, quando um trabalho desse tipo é feito por um psicanalista, caso de Lacan, pode-se notar que ele procura afastar-se da Linguística, sem, contudo, negar o papel que ela desempenhou para a Psicanálise. A esse respeito, cumpre ressaltar a afirmação de Lacan: “Um dia percebi que era difícil não entrar na linguística a partir do momento em que o inconsciente estava descoberto” (LACAN, 1975/1982, p. 25) - a saída é “deixar [ao linguista] seu domínio reservado [e] forjar alguma outra palavra”. A palavra de Lacan é “linguisteria” (LACAN, 1975/1982, p. 25). Introduzir Lacan nesse argumento é reafirmar toda a discussão encaminhada até aqui sobre a impossibilidade de assimilação entre os campos da Linguística e da Psicanálise (vice-versa).

---

<sup>6</sup> Para uma discussão sobre o “sintoma na fala”, conforme teorização desenvolvida na linha de pesquisa a que estamos ligados no LAEL-PUC-SP, recomendamos a leitura de Lier-DeVitto (2000, 2006); Arantes (2001), Andrade (2003), Fonseca (2002) e Carnevale (2008).

A colocação que acabamos de fazer não exime esta pesquisa de se responsabilizar pelas elaborações a respeito de temas que, pertencendo tanto a um quanto ao outro campo do saber, fazem com que, por vezes, o mesmo conceito pareça, tanto ao linguista quanto ao psicanalista, superficialmente introduzido ou inconsistentemente utilizado. Assumimos o risco de tentar olhar de frente a inexistência de complementariedade entre esses dois campos e, durante a escrita do presente trabalho, esperamos não cair na tentação de obturar diferenças com colocações apaziguadoras da tensão gerada pelo e no confronto entre áreas diferentes. Lembramos que a perda é um dos conceitos mais caros para a Psicanálise, que, por definição, trabalha com a inexistência da completude.

Mais especificamente, tomamos como foco de análise o retorno à obra freudiana realizada por Jacques Lacan, já que dela participaram os efeitos da leitura que este fez da Linguística. Para fins de realização de nossa reflexão, centrar-nos-emos nos encontros “em alta tensão” entre Linguística e Psicanálise, promovidos pelo psicanalista francês em seus Seminários. Mais especificamente, teremos em mente os movimentos de Lacan entre 1945 a 1973, período denominado por Milner (2002) de “classicismo lacaniano”.

O privilégio conferido a tal período deve-se ao fato de que, neste momento de sua obra, Lacan privilegiou operações e conceitos recolhidos da ciência da linguagem, mais particularmente, do estruturalismo europeu (Saussure, Jakobson e Benveniste). Deve-se dar destaque aqui, em especial, às operações metafórica e metonímica e à noção de significante.

Assim, esta dissertação destaca o momento da instituição da Psicanálise de orientação lacaniana que ficou conhecido como a “Primeira Clínica de Jacques Lacan”, fortemente influenciada por dois expoentes do estruturalismo: Roman Jakobson, quem deu pleno reconhecimento à “novidade saussuriana” em toda sua obra – ele admite Saussure como “o pai da ciência da linguagem”, como “pai da Linguística”; e Claude Lévi-Strauss (2008), fundador da Antropologia Estrutural, quem, afetado pelo pensamento daquele autor, influenciou, por sua vez, o pensamento de Lacan:

Hoje melhor do que nunca, com o passar dos anos, reconheço que foram os temas destas lições [de Jakobson] que mais fortemente me marcaram. Por

mais heteróclitas que possam ser noções como as de fonema e de proibição do incesto, a concepção que eu viria a ter da segunda inspira-se no papel conferido pelos linguistas à primeira. (LÉVI-STRAUSS, 1977, p.11).

Ao realizar seu “retorno a Freud”, Lacan teve como pano de fundo o *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand de Saussure, apresentado por Roman Jakobson que favoreceu a criação da Antropologia Estrutural por Claude Lévi-Strauss, como vimos na citação acima.

A opção por privilegiar, neste trabalho, “Lacan da Primeira Clínica”, da clínica do significante, não se dá por desconhecimento de seus últimos trabalhos, mas, sim, porque é nesse momento de sua elaboração que está mais marcada a presença do estruturalismo antropológico de Lévi-Strauss e do estruturalismo linguístico de Jakobson, autores que, por sua vez, recorrem a Freud com relação ao conceito de inconsciente instituído por este último.

Cumpramos esclarecer que o trabalho consiste em desdobramentos de nossas próprias interrogações formuladas, em 2009, quando apresentamos o projeto de pesquisa “Psicanálise e Linguística: um diálogo possível?”. Naquela ocasião, pensávamos que, entre linguistas e psicanalistas, seria possível haver “uma troca verbal movida por um interesse comum ou intersubjetividade”. (FLORES, BARBISAN, FINATTO, TEIXEIRA, 2009, p.81).

Entretanto, o contato mais aprofundado com a reelaboração que Lacan fez de noções e conceitos da Linguística fez-nos ver sucessivos quiasmas em seu modo de se dirigir a essa ciência. Em poucas palavras, ainda que os efeitos desse encontro nunca tenham deixado de existir em sua obra, podemos perguntar: “por que Lacan, paulatinamente, deixou de buscar o diálogo com a Linguística?”.

Provisoriamente, cumpre esclarecer que se trata de uma mudança de estatuto dado às falas do paciente. Na Primeira Clínica, o texto produzido ao longo de uma sessão era visto como produtor de saber e de verdade. A partir dos anos 1970, período que, grosso modo, marca o advento da Segunda Clínica, aquilo que o paciente diz passou a ser entendido por Lacan como o único meio que o sujeito teria para se deparar com o próprio sintoma.

Esse tema será mais bem abordado no quarto capítulo deste trabalho, mas, no momento, cumpre esclarecer que não se tratou, por parte de Lacan, de, na

condução de uma análise, deixar de lado algo que já caducou por velhice ou desuso, mas de poder ver que a noção de sujeito do inconsciente já não era tão produtiva na clínica psicanalítica. Na segunda metade da referida década, a fala que passa a interessar Lacan vai ser a que ressoa, referida apenas ao núcleo duro do sintoma do falante. O sujeito depara-se com o próprio inefável de sua letra, com a sua fala sem sentido que ressoa no seu sintoma, que vai lhe colocar frente ao seu inesperado.

É interessante observar que essa mesma problemática aparece de modo contundente na literatura. No universo teatral, a descobrimos, particularmente, nos trabalhos desenvolvidos por Valère Novarina. O dramaturgo francês abordou, em seu livro *Diante de palavra* (2009), uma perspectiva que, em muito, aproxima-se da questão levantada nesta dissertação. Mais especificamente, ao postular que monólogo é a palavra que não se presta à troca entre os homens, não transporta significados, Novarina colabora com a compreensão do conceito. Em suas palavras, a “fala não se comunica como mercadoria”. Indo além de si própria, além do que pode ser dito, a palavra não circula como se fosse um “bem”, uma mercadoria (NOVARINA, 2009, p.19).

Na direção de continuar aproximando o trabalho do dramaturgo ao do psicanalista, observamos ainda que, no excerto a seguir, Novarina emprega a mesma palavra que teve grande importância para Lacan em sua última clínica: “ressoar”. Quando ressoam, as palavras não representam o mundo nem o sujeito, mas se impõem por si mesmas, produzindo oscilações nos sentidos. Leiamos:

O que as palavras nos dizem no interior onde ressoam? Que não são nem instrumentos de escambo, nem utensílios para se pegar e jogar, mas que querem tomar a palavra. Sabem muito mais sobre a linguagem do que nós. Sabem que são trocadas entre os homens não como fórmulas e slogans mas como oferendas e danças misteriosas. Sabem disso muito mais que nós; elas ressoaram muito antes de nós; chamavam-se umas às outras muito antes que estivéssemos aqui. (NOVARINA, 2009, p. 14)

Feitas essas considerações, cumpre ressaltar que as perguntas que nos moveram na direção da Linguística não se originaram na clínica. Elas são advindas das leituras de Lacan, tanto dos seus *Escritos* quanto dos seus Seminários. Contudo, não podemos nos esquecer de que Lacan tinha um compromisso com uma prática clínica e que as discussões e elaborações feitas nos seus Seminários

apontavam para isso. Assim sendo, embora a clínica não seja o ponto de partida desta dissertação, ela está no pano de fundo em nossas reflexões e vinhetas clínicas serão mobilizadas nesta dissertação.

Focalizamos nosso trabalho em Lacan em detrimento de uma maior atenção à obra de Freud porque, como bem marcou Milner (1995), mesmo tendo privilegiado os fenômenos linguageiros de seus pacientes, Freud não recorreu, de modo algum, à Linguística de seu tempo. O autor faz referência à “estranheza da posição de Freud”, descrita no que segue:

Pode-se admitir que antes de 1914, Freud possa ter ignorado o que se passava com a Linguística na França e na Suíça e que era pouco conhecido. Pode-se igualmente admitir que as rupturas causadas pela guerra o tenham desviado do que se passava fora dos meios de língua alemã, notadamente em Praga e em Paris. Mas, o fato é que apesar de tudo isto, o fato é que a Linguística alemã, sob forma de gramática comparada, conheceu no final do século 19 um desenvolvimento estrondoso. (MILNER, 1995, p. 5)<sup>7</sup>

Na citação que acabamos de transcrever, lemos que Milner considera estranho o fato de Freud ter sido contemporâneo do grande acontecimento linguístico europeu sem ter feito parte do mesmo. Ele estranha o fato de Freud ter se dirigido a Karl Abel, ou a uma “Filologia ultrapassada”, e não às contribuições de Saussure, da “Linguística moderna”.

Mesmo não sendo pertinente aqui uma discussão a esse respeito, pensamos ser relevante pontuar, além de uma pretensa posição ‘narcísica’ de Freud, a luta de um homem que, no seu desejo incomensurável de estudar a alma humana, plantou, no solo do século XIX, suas interrogações a respeito de como lidar com as falas dos seus pacientes, interrogando-se a respeito de qual seria a fala mais verdadeira, a dita sob hipnose ou a que não foi dita sob hipnose.

Muito mais se poderia falar e contar a respeito do dilema de Freud com relação a essa questão, mas o que nos parece importante para esta dissertação é o fato de que, ao abandonar a hipnose, Freud passou a acreditar em outra forma de saber, numa outra forma de “escutar” seus pacientes visando a perceber, nesses

---

<sup>7</sup> Todas as traduções que se referem ao trabalho de Milner (1995) presentes nesta dissertação são nossas. As páginas citadas correspondem a essa tradução.

dizeres uma verdade. Foi no rastro dessa herança que Lacan acabou encontrando a Linguística e sustentando, por longo tempo, os frutos deste amor.

Posto isso, cumpre esclarecer quais são nossos objetivos. Como **geral**, temos: examinar as vicissitudes do amor de Lacan pela Linguística que se podem depreender de certos trabalhos seus em que o psicanalista mobilizou conceitos ali inaugurados<sup>8</sup>. Como **específico**: circunscrever os contornos da singularidade do gesto de Lacan que, mantendo a separação entre Linguística e Psicanálise (para dar consequência e consistência às diferenças entre seus objetos), tentou, ao colher conceitos da Linguística, produzir seu mais famoso monólogo, a dita Psicanálise de orientação lacaniana.

Resumidamente, esta dissertação tomou como norte para sua elaboração as seguintes perguntas de pesquisa:

- 1) Como pode ser descrito o encontro entre o psicanalista Jacques Lacan e a Linguística?
- 2) Por meio da análise de alguns Seminários e textos de Jacques Lacan, publicados entre 1945 e 1973, que retrato pode ser feito das aproximações e distanciamentos, feitos pelo psicanalista, do campo da Linguística?

Na direção de respondê-las, o trabalho será organizado em cinco capítulos. No primeiro, situaremos a relação entre a Linguística e a Psicanálise, buscando subsídios que permitam mostrar os frutos do amor do psicanalista Jacques Lacan por noções e conceitos da Linguística tributária do pensamento de Saussure, noções e conceitos que estão na base do “estruturalismo europeu”, em especial, do estruturalismo linguístico de Jakobson e do estruturalismo antropológico de Claude Lévi-Strauss.

No segundo capítulo, buscamos abordar a questão: “o que Jacques Lacan queria ao recorrer à Linguística?” - interrogação por meio da qual desejamos mostrar a especificidade da apropriação feita pelo psicanalista, no seio do movimento estruturalista.

---

<sup>8</sup> Não se deve esperar que esta dissertação percorra todos os textos deste período da obra de Lacan e que os examine detalhadamente. Serão eleitos aqueles considerados por nós representativos dessa época e do encontro de Lacan com a Linguística.

No terceiro, sempre na direção de caracterizar a tensão insolúvel que brota do encontro entre Psicanálise e Linguística, dedicar-nos-emos a fazer um levantamento bibliográfico, por meio do qual visamos a traçar os contornos daquilo que aqui se afirmou sobre essa relação.

No quarto capítulo, buscamos pontuar, nos diversos momentos da formulação de Lacan, as vicissitudes de seu amor pela Linguística que se dão a ver em seus movimentos de apropriação dessa ciência, marcados por sucessivas aproximações e deslocamentos ou, como dissemos no título deste trabalho, encontros e desencontros.

Por fim, no quinto capítulo, versaremos, mais especificamente, a respeito dos incômodos dessa relação, experimentados por Jacques Lacan, quem, afetado pelas grandes transformações sociais, considerou que *era necessário reinventar a Psicanálise*.

## 1. Há relação entre Linguística e Psicanálise?

Por meio da recuperação dos principais noções e conceitos que permitem traçar um panorama dos encontros e desencontros entre a Linguística e a Psicanálise, promovido por Jacques Lacan, no início de sua releitura de Freud, o objetivo deste capítulo é oferecer subsídios que permitam mostrar os frutos do amor do psicanalista por certos conceitos da Linguística de Saussure, e, ao fazê-lo, sopesar se este encontro pode ser caracterizado como uma “relação”.

Este capítulo está dividido em três partes. Na primeira, dedicamo-nos a mostrar os efeitos da ciência da linguagem sobre Lacan. Na segunda, preocupamo-nos em mostrar a novidade e o impacto teórico provocado pelo estruturalismo à sua época e sua repercussão no pensamento de Lacan. Na terceira, recorrendo a Jean-Claude Milner, tentamos interrogar o que ocorre quando conceitos advindos do campo da Linguística e da Antropologia estrutural ultrapassam suas fronteiras e deslizam para a Psicanálise.

### 1.1. O Curso de Linguística Geral e seus aportes

Saussure é conhecido como “pai da Linguística” por ter definido, pela primeira vez, o seu “objeto próprio”: a *língua*. É importante assinalar que a língua não é identificável a “uma língua particular”. É puro funcionamento: operações simultâneas do eixo sintagmático e do eixo associativo. Assim como a palavra “*inconsciente*”, para Saussure a palavra “*língua*” não tem singular, nem plural.

Lendo o *Curso de Linguística Geral*, nota-se, de início, sua visada crítica a respeito do que faziam os gramáticos e os estudiosos do século XIX, quando as pesquisas eram, fundamentalmente, comparativas e históricas. Eles dedicavam-se a

comparar as línguas (note-se aí o plural) e a investigar sua história, em busca de uma origem comum<sup>9</sup>.

Saussure contrapõe a essa abordagem, chamada por ele de “diacrônica” ou de “Linguística diacrônica”, um tratamento sincrônico “estrutural”. A língua (objeto da Linguística) é assumida como *um sistema* no qual cada elemento se define pelos demais.

Nesse olhar sincrônico, um determinado estado de uma língua particular corresponde às cristalizações de suas relações internas e atuais. Importa assinalar que as mudanças de uma língua no tempo passam a ser investigadas como efeitos de um sistema de elementos puramente linguísticos, sem causação externa (social, histórica). O “objeto da Linguística” ganha, assim, autonomia. As mudanças devem ser vistas como efeitos de operações do sistema.

Como ponto de partida, tomemos os elementos que, tradicionalmente, ficaram conhecidos como sendo as principais contribuições do autor para a constituição da Linguística moderna: a) sincronia e diacronia; b) língua e fala; c) significante e significado; e d) relações sintagmáticas e associativas.

### **1.1.1. O Curso de Linguística Geral - algumas considerações**

Neste momento, passaremos a discorrer a respeito desses quatro pares de conceitos.

#### *a) A diferença entre sincronia e diacronia*

Na época em que Saussure ministra, de 1907 a 1910, na Universidade de Genebra, os três cursos que redundariam na edição do *Curso de Linguística geral* por três de seus alunos (Bally, Sechehaye e Riedlinger), os estudos linguísticos eram históricos e comparativos.

---

<sup>9</sup> Para maiores informações, consulte-se Silveira (2010), trabalho no qual a autora se dedica a interpretar os movimentos de Saussure na fundação da Linguística.

Como explica o próprio Saussure na introdução do *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 1916 [1995], p. 11), o foco voltava-se para a investigação das mudanças sofridas pelas línguas ao longo do tempo. O método era sempre “comparativo” entre línguas diferentes ou numa mesma língua. No primeiro caso, buscava-se apreender diferenças e semelhanças entre línguas (atuais e antigas) para reconstituir troncos comuns. Foi por meio do estudo comparativo que o indo-europeu, língua da qual não se têm registros históricos, teve sua existência suposta. No segundo caso, a comparação era entre momentos diferentes de uma mesma língua para apreender mudanças em um idioma.

Estudos de gramáticos comparatistas ou historicistas adotavam métodos retroativos ou prospectivos – percorriam (para trás ou para frente) materiais escritos em épocas distintas. Saussure nomeia esses trabalhos de *diacrônicos* e propõe um modo diferente de refletir sobre a linguagem – introduz outro raciocínio, segundo ele, *sincrônico*. O linguista lança mão de metáforas para explicar a complexa relação de “autonomia e interdependência” entre os modos *diacrônico* e *sincrônico* de análise (SAUSSURE, [1916] 1995, p.103). No que segue, vamos examiná-las.

O linguista esclarece que o modo *sincrônico* pode ser comparado com a projeção de um corpo sobre um plano. Ao mesmo tempo em que a projeção depende desse corpo que sempre se transforma, ela é diferente dele, pois reflete apenas um de seus momentos, como se fosse um instantâneo (SAUSSURE, [1916] 1995, p. 103). Em outras palavras, a língua vista como diacronia estaria, como o corpo, sempre em transformação, ao passo que da perspectiva *sincrônica* ela se assemelha ao reflexo, que não pode sofrer mutações.

Contudo, a metáfora mais rica, “mais demonstrativa”, nas palavras de Saussure, da “autonomia e interdependência” dos modos *diacrônico* e *sincrônico*, é a que pode ser estabelecida entre uma língua e uma partida de xadrez. De fato, uma partida de xadrez pode ser pensada de maneira *diacrônica* se descrevermos o desenrolar de todos os seus lances do início ao fim do jogo. Para pensá-la de modo *sincrônico*, temos de congelar um de seus momentos, que será estudado de modo absoluto. Por isso, Saussure afirma que “o sistema nunca é mais do que momentâneo; varia de uma posição a outra” (SAUSSURE [1916] 1995, p. 104).

Desse modo, o valor das peças varia a cada lance, conforme sua posição em relação às outras. Mas, é igualmente importante observar, continua ele, que embora os valores das peças variem a cada lance, esses valores dependem simultaneamente de regras do jogo (que são imutáveis), que regem toda e qualquer partida e todo e qualquer lance de uma partida. Essa metáfora nos leva ao conceito de língua de Saussure. Para ele, a língua é um instantâneo que, ao ser observado de modo absoluto, distinguir-se-á da fala. Saussure circunscreve, portanto, a língua (*la langue*) como “regras” que regem o modo de funcionamento de toda e qualquer língua – “leis perenes e universais” (SAUSSURE, [1916] 1995, p. 13.), isto é, “leis sincrônicas”, que afetam e determinam a fala/discurso e, inclusive, as mudanças nas línguas – lembremos que ele descarta, como vimos acima, qualquer causação externa ao mecanismo da língua (LIER-DEVITTO, 2006 e outros).

*b) A diferença entre a língua e a fala*

Para Saussure, enquanto a fala refere-se aos enunciados produzidos por cada pessoa e, por isso, é “assistemática” e “heteróclita” (não se prestando, assim, a objeto da Linguística), a língua é um sistema estável, sincrônico. A noção de *língua como sistema de signos* é superada e ressignificada por Saussure, sendo substituída pela noção de *língua como sistema de valores*. Convém assinalar que Lacan pôde ler com fineza essa modificação essencial na obra de Saussure e privilegia a segunda, como pontua De Lemos (2002<sup>10</sup>).

A *língua como sistema de valores* é definida como um funcionamento “perene e universal” regido por operações “*in praesentia*” e “*in absentia*”. A noção de valor supõe (como na Economia) que os termos não têm valor em si mesmo. O valor só pode ser definido no jogo das relações e oposições com os outros do sistema. Saussure enuncia que a língua não se refere a nada além dela mesma.

Mais uma vez, portanto, achamos oportuno retomar, com Saussure, a metáfora do xadrez. Dessa vez, é por meio da observação das peças no tabuleiro que ele nos explica que a língua é um sistema de valores em que cada peça nunca

---

<sup>10</sup> Cumpre informar que essa obra foi publicada originalmente em 1994, como tese de doutoramento da autora, na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP.

terá um valor em si. Como afirmado, o valor de cada uma decorre das relações com as outras peças que, por sua vez, só afirmam seus valores na sua relação com cada uma das outras que participam do jogo. Assim, “o valor respectivo das peças depende de sua posição no tabuleiro do mesmo modo que na língua cada termo tem seu valor pela oposição aos outros termos” (SAUSSURE, [1916] 1995, p.104).

O "valor linguístico" do cavalo (ou de qualquer outra peça), no jogo de xadrez não está ligado à sua forma material (imagem de cavalo), mas às suas posições no tabuleiro e aos movimentos que pode realizar. A rigor, o “cavalo” pode ser substituído por qualquer outra coisa (moeda ou pedrinha) desde que se respeitem posições e regras de movimentos previstas no jogo. Em suas palavras:

Uma nova comparação com o jogo de xadrez no-lo fará compreender. Tomemos um cavalo, será por si só um elemento do jogo? Certamente que não, pois, na sua materialidade pura, fora de sua casa e das outras condições do jogo, não representa nada para o jogador e não se torna elemento real e concreto senão quando revestido de seu valor e fazendo corpo com ele. Suponhamos que, no decorrer de uma partida, essa peça venha a ser destruída ou extraviada: pode-se substituí-la por outra equivalente? Decerto: não somente um cavalo, mas uma figura desprovida de qualquer aparência com ele será declarada idêntica, contanto que se lhe atribua o mesmo valor. Vê-se pois, que nos sistemas semiológicos, como a língua, nos quais os elementos se mantêm reciprocamente em equilíbrio de acordo com as regras determinadas, noção de identidade se confunde com a de valor, e reciprocamente. (SAUSSURE, [1916] 1995, p. 128)

Lendo o excerto acima se conclui que Saussure rompe com a noção de um sentido pré-existente. Com relação a essa metáfora, ressaltamos a colaboração de Rodolfo Ilari (2004), um importante semanticista brasileiro, para quem importa somente a função que cada peça desempenha no interior do jogo. “Transferida para a língua”, diz Ilari, “essa ‘descoberta’ leva diretamente à tese saussuriana de que a descrição de um sistema linguístico não é a descrição física de seus elementos, e sim a descrição de sua funcionalidade e pertinência” (ILARI, 2004, p. 59)<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Esse princípio permitiu, lembra Ilari (2004), que os fonólogos estruturalistas distinguem as nuances de pronúncia que não modificavam o significado da palavra daquela que as distinguiam. Não importa, exemplifica o autor, como pronunciemos o “r” da palavra “rato”, pois isso não alterará seu significado. Se, porém, trocarmos o “r” pelo “p”, teremos a constituição de outro significado. Nesse último caso, temos um traço distintivo, a diferença física implicando um novo significado. As diferenças físicas de som, portanto, são significativas ou não da mudança de sentido de uma palavra apenas no interior de determinado sistema linguístico.

Parece-nos relevante ressaltar na teorização de Saussure a introdução da noção de sistema e do raciocínio que dela decorre, o qual redundará, com Jakobson e o Círculo de Praga, no *conceito de estrutura*. Em uma perspectiva estrutural, como veremos mais adiante, o que importa não é que se troque o “cavalo” por uma pedra, mas, sim, que se respeitem “posições” e “operações” que comandam deslocamentos e substituições. Vejamos, portanto, que estatuto Saussure confere às “peças em jogo”.

c) *A diferença entre significante e significado*

Os termos “significante” e “significado” são utilizados, por Saussure, para compor a noção de *signo linguístico*. A metáfora do jogo de xadrez também nos auxilia aqui. Esclarecemos preliminarmente que o “signo linguístico” se define como “unidade complexa” em que um *significante* e um *significado* estão “associados”.

No início do *Curso*, temos que o significado corresponderia a um “conceito” e o significante a uma “imagem acústica”. É preciso deixar claro que, nesse enquadre, a *língua* aparece como “sistema de signos”<sup>12</sup>. Importa dizer que Saussure realiza uma distinção radical entre a unidade: significante e significado e a unidade: palavra e coisa. Tomemos seu exemplo: pode-se pensar que a palavra “cavalo” refere-se imediatamente a uma realidade empírica, isto é, a palavra “cavalo” nomearia uma determinada entidade no mundo (o animal cavalo). Teríamos, então, a perfeita correspondência entre a coisa e o que a coisa representa. A palavra nomearia/representaria a coisa. Nesse caso, haveria uma correspondência biunívoca entre o que se fala e o que se representa.

Essa não é a perspectiva de Saussure. Ele recusa a concepção de linguagem como “nomenclatura”, e, por aí, a ideia de sujeito psicológico como suporte de representações. Para ele, ao contrário, o signo linguístico une um conceito a uma *imagem acústica*. A *língua não é uma nomenclatura*, afirma Saussure – é realidade autônoma que não está a serviço de nomear e representar o mundo. Leiamos as palavras de Saussure:

---

<sup>12</sup> Conforme já afirmado, a noção de “sistema de signos” será substituída pela de “sistema de valores”. Assim, deixará de existir a possibilidade de sustentar a ideia de sistema como composto de substâncias prévias, anteriores às operações da língua.

O signo linguístico não é uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal *imagem é sensorial* e, se chegamos a chamá-la “material”, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato. (SAUSSURE, [1916] 1995, p.80) (ênfases minhas).

Note-se que “conceito”, em Saussure, é “imagem sensorial” (representação psíquica) e não “imagem cognitiva” (representação psicológica/mental do mundo). Em Saussure, *psíquico* distingue-se de *psicológico*, como assinalou Lier-DeVitto (comunicação pessoal).

Posto isso, resta-nos examinar o último par de conceitos presentes no *Curso: eixos sintagmático e associativo*, referentes a *operações solidárias* que comandam a ordem linguística. O signo linguístico, como veremos, aparecerá, então, como *efeito* dessas operações.

d) *A diferença entre eixo associativo e eixo sintagmático*

Os signos organizam-se em *cadeia*, o que indica um modo de relação fundamental entre signos: sua *linearidade*. Isso significa que os signos linguísticos só podem ser combinados ao longo do tempo, diferentemente dos signos visuais, aqueles que constituem um quadro, por exemplo, que se organizam no espaço. Para que se tenha a visão geral de um quadro, basta um olhar, pois seus elementos se apresentam simultaneamente. Um texto, ao contrário, exige que acompanhem seu desenvolvimento na temporalidade.

As relações sintagmáticas respondem por tal “linearidade”, ou seja, pela combinação de elementos no eixo da sucessão: o eixo sintagmático é o das relações *in praesentia*. O sintagma consiste no alinhamento de pelo menos duas unidades consecutivas, explica-nos Saussure, como “vida humana” ou “Deus é bom”. (SAUSSURE, [1916] 1995, p.142). Cada elemento de um sintagma só adquire seu valor, continua ele, retomando sua ideia de sistema, “porque se opõe ao que o precede ou ao que se segue, ou a ambos”. (SAUSSURE, [1916] 1995, p.142).

O eixo associativo, por sua vez, envolve relações *in absentia*. Os *elementos ausentes* na cadeia fala/escrita participam da determinação de seu valor: Saussure introduz, assim, um “ausente presente”, e cria, como afirma Milner (1987, 2002), “operações simbólicas” não observáveis em sentido estrito: efeitos desse funcionamento podem ser apreendidos, mas ele mesmo é regido por leis não observáveis.

Como se pode notar, com as operações sintagmáticas e associativas migramos para a esfera da língua entendida como “sistema de valores” e do signo assumido como “efeito dessas relações”. De Lemos, Lier-DeVitto *et alli* (2004), ao abordarem a questão das vicissitudes de falas de crianças e das manifestações patológicas e de sua investigação, afirmam que:

[...] esses fenômenos permitem ver o *funcionamento da linguagem como determinante do aparecimento de formas* que, a despeito de sua estranheza, são o *produto efetivo de relações dinâmicas*. A natureza particular, seja do falar da criança seja do falar patológico (entre outras razões empíricas e epistemológicas) é, segundo nosso ponto de vista, *um argumento em favor da implicação do conceito de língua segundo Saussure. O conceito permite reconhecer “o sujeito falante como submetido/capturado pelo funcionamento da linguagem*. (De LEMOS, C; LIER-DEVITTO *et alli*, 2004, s.p., as ênfases são nossas)

Importa sinalizar, ainda, para o fato de que relações sintagmáticas não se limitam às palavras, mas a unidades de toda extensão, o que leva Saussure a dizer que “a frase é o tipo por excelência do sintagma” (SAUSSURE, [1916] 1995, p.144). De relevância maior é também o conflito que o autor enuncia: “Por que, então, as relações sintagmáticas não pertencem à fala e sim à língua?”. Sua resposta não elimina o problema, como assinala De Lemos (1995). Saussure responde: “há *formas regulares* de construção de sintagmas e são essas que pertencem à língua”, ao que acrescenta: “as *combinações pessoais* pertencem à fala”, se bem que “*nem sempre seja possível distinguir o que pertence a uma ou a outra*” (ênfase nossa).

Cumpre reconhecer, porém, que no domínio do sintagma *não há limite categórico entre o fato de língua, testemunho de uso coletivo, e o fato de fala*, que depende da liberdade individual. Num grande número de casos, é difícil classificar uma combinação de unidades, porque *ambos os fatores concorreram para produzi-la* e em proporções impossíveis de determinar. (SAUSSURE, [1916] 1995, p.145)

Posto isso, podemos dizer que nos conflitos e problemas colocados por Saussure residem riquezas. Uma delas é essa que diz respeito à possibilidade de articulação entre língua e fala, de supressão dessa dicotomia. Como veremos, Lacan se empenha em realizar essa supressão de diferentes modos, entre eles, pela introdução da noção de “Outro”, fortemente referida à concepção de “tesouro do significante” de Saussure.

### 1.1.2. Em torno da obra de Saussure

Curiosamente, um fato une os dois principais autores tratados neste trabalho: os textos mais importantes de ambos, o *Curso* e os *Seminários* não foram redigidos por nenhum dos dois e, sim, estabelecidos por terceiros. Assim, alguns autores têm se dedicado a cotejar manuscritos de Saussure (disponibilizados, parte deles, primeiramente, em 1955 e, posteriormente, outros na década de 1990).

Por exemplo, a pesquisadora Claudine Normand (2000), em seu livro *Saussure*, sustenta a importância histórica do *Curso de Linguística Geral* apontando para seu impacto na França. Essa obra foi comparada a um acontecimento político quando, nos anos 60, seu potencial revolucionário foi percebido.

Para a pesquisadora, até então, o *Curso de Linguística Geral* era visto como a obra de um autor precocemente falecido cujos textos haviam sido redigidos e estabelecidos por dois alunos, mas, conclui ela:

Eis que, com a explosão dos anos 1960, ele [Curso de Linguística Geral] se encontrava sob a mesma bandeira de Marx e Freud, frequentemente acompanhados de Nietzsche, Lautréamont e Mallarmé, contra o velho mundo e seus valores rançosos. (NORMAND, 2009, p.16)

Com a efervescência dos anos 1960 e 1970, na França, é que o “corte saussuriano” (HAROCHE, PÊCHEUX, HENRY, 1971) pôde ser reconhecido por sua profunda e radical novidade. Saussure foi equiparado a Marx e Freud, o que abriu caminho para uma segunda leitura do *Curso de Linguística Geral* ou, como propôs Milner (2002), “o retorno a Saussure”.

A obra foi assumida por muitos como um texto que marcava a “origem da Linguística científica” e, para outros, aquele que suscitou “uma reviravolta na Linguística”. Por essa razão, Normand reafirma que Saussure continua a ser o Saussure do *Curso de Linguística Geral*, não o Saussure dos manuscritos descobertos na década de 1990<sup>13</sup>. Isso porque foi o Saussure do Curso que, segundo ela, desencadeou toda uma revolução no pensamento científico. Normand, portanto, ao contrário daqueles que privilegiam os estudos dos manuscritos, concentra-se no *Curso de Linguística Geral* já que não acredita numa “verdade velada e somente desvelada” pelos manuscritos.

Segundo Normand, os manuscritos não são os depositários de uma verdade sagrada a ser desvelada, como acredita a perspectiva hermenêutica. A autora esclarece que a perspectiva hermenêutica vai contra a ideia de que os textos são feitos a partir de sua leitura, o que envolve considerar sua historicidade e a historicidade dos sujeitos que os leem. Podemos lembrar, aqui, do conhecido conto de Borges, Pierre Menard, autor do Quixote, que mostra que um texto se ressignifica, a cada época, de modo diferente<sup>14</sup>.

Posto isso, ressaltamos que existem autores que dão maior importância aos manuscritos saussureanos.<sup>15</sup> Partindo de uma hipótese de trabalho segundo a qual “ao escolher a forma de apresentar o manuscrito também se explicita uma maneira de abordar a língua”, Silveira (2010) apresenta o estudo de um manuscrito de Saussure (1891), com de 28 folhas, que serviu como nota preparatória para as suas três primeiras conferências em Genebra.

Tendo como ponto de partida o fato de que quatro diferentes autores (BOUQUET E ENGLER, 2002-2004; MATSUZAWA, 2006 e SILVEIRA [2003] 2010)

---

<sup>13</sup> Essa polêmica teve lugar entre os leitores de segunda geração. Bouquet (2002), por exemplo, recusa o Curso como sendo representativo do “verdadeiro Saussure”. Normand (2000) e outros sustentam, diferentemente, que o Curso foi revolucionário antes mesmo dos manuscritos passarem a ser cotejados. Silveira (2010) dedica parte de seu livro à discussão dessa polêmica.

<sup>14</sup> O texto de Borges nos mostra o desejo de Menard de criar ele mesmo outro Quixote, idêntico ao de Cervantes. Mas, escrito por Menard, o Quixote será outro, carregando conotações que o texto de Cervantes não possuía. Nas palavras de Borges, “o texto de Cervantes e o de Menard são verbalmente idênticos, mas o segundo é quase infinitamente mais rico.” (BORGES, 2011, p.42).

<sup>15</sup> A respeito dessa questão, gostaríamos de observar que Freud, ao abandonar a busca pela cena primária e privilegiar o relato, descartou a investigação de uma “origem”, de uma “verdade”. Do mesmo modo, para nós, neste trabalho, não interessa qual é o “verdadeiro” Saussure, mas como ele propiciou a Lacan uma nova leitura da psicanálise de Freud.

tiveram acesso a esse manuscrito, depositado na Biblioteca Pública de Genebra, Silveira apresenta três modalidades de estudos realizados a partir dos manuscritos de Saussure. Eles estão apresentados no Quadro 2, a seguir.

Quadro 2 - Diferentes destinos dados à Première Conférence à l'Université

<b>Autores</b>	<b>Bouquet e Engler</b>	<b>Silveira</b>	<b>Matsuzawa</b>
Recorte	Edição das três primeiras conferências de Saussure.	Publicação e análise das primeiras 11 páginas da primeira conferência.	Edição diplomática da primeira conferências na íntegra.
Caráter	Transcrição linearizada.	Estudo das rasuras no manuscrito de Saussure.	Edição genética.
Opção	Ser o mais possível fiel ao manuscrito, de modo a obter um texto que é mais próximo do rascunho do que de um livro acabado.	Manter a suspensão do sentido. Adotar a literaridade ao invés na linearidade. Busca de explicitar como a materialidade dos manuscritos se constitui.	Reescrita do texto de Saussure usando o recurso da tipografia e não letra cursiva, mantendo-se a disposição gráfica original.
Procedimento	Manter as lacunas e hesitações do manuscrito original.	Apresentar a transcrição do manuscrito original, acrescida de setas indicadoras numeradas.	Complementar o trabalho de Bouquet e Engler.

Após discorrer e debater as três perspectivas, Silveira conclui que as referidas apresentações do manuscrito são importantes para a leitura que se pode fazer do Curso. Não deixa de reconhecer que o impacto causado por essa obra foi tanto que “os leitores do *CLG* não se detiveram sobre a questão da edição” (p. 21).

Posto isso, o que nos interessa particularmente, assim, é o modo como Lacan entrou em contato com o pensamento saussuriano, operando, graças a isso, uma releitura de Freud. Lacan não empreendeu um percurso em busca de uma verdade, mas de uma resignificação de conceitos que lhe importavam<sup>16</sup>. No próximo item, vamos refazer este percurso.

<sup>16</sup> Gostaríamos de notar que Freud, ao abandonar a busca pela cena primária e privilegiar o relato, descartou a investigação de uma “origem”, uma “verdade”. Do mesmo modo, para nós, neste trabalho, não interessa qual é o “verdadeiro” Saussure, mas como ele propiciou a Lacan uma nova leitura da psicanálise de Freud.

## 1.2. O percurso do estruturalismo: encontros e acontecimentos

Roman Jakobson, no Círculo de Praga, forjará o termo “estruturalismo” para designar o pensamento de Saussure e proporá, com base na obra do linguista, uma nova visão da fonética<sup>17</sup>. François Dosse (2007), historiador e epistemólogo francês, salienta que a noção de *sistema*, reelaborada, está na base da ideia de *estrutura*, central ao movimento conhecido como “estruturalismo europeu”, que envolveu estudiosos das Ciências Humanas e filósofos reconhecidos a partir dos anos de 1960.

Dosse (2007) aponta para o fato de que o Estruturalismo foi uma forma de contestação ao pensamento vigente – materializado nas ideias da velha Sorbonne – e, também, como forma de sustentação de um espaço para saberes considerados, até então, marginais, como a Antropologia e a Psicanálise, que não se alinhavam ao paradigma das chamadas ciências duras. Segundo Dosse, o estruturalismo incidiu “no avesso do saber tradicional” - num ambiente originariamente empirista e positivista. Por esse motivo, outras saberes como os da Antropologia e da Psicanálise puderam se inscrever. Essas duas áreas do conhecimento privilegiam aquilo que está no polo oposto do empírico, o inconsciente, que é justamente “o avesso do sentido manifesto, o reprimido, o inacessível da história ocidental” (DOSSE, 2007, p. 22).

Entende-se, assim, o pioneirismo e o impacto da Linguística saussuriana, nomeada como “ciência piloto das ciências humanas” (SALUM, 1969): a fonte daquilo que passou a ser considerado raciocínio estruturalista. Dosse mostra, assim, que o termo “estruturalismo”, em sua acepção moderna, proveio do “corte saussureano”.<sup>18</sup> O termo “estruturalismo” será difundido, portanto, com a Escola de Praga, cujos principais expoentes foram Trubetzkoy<sup>19</sup> e Jakobson<sup>20</sup> (1896–1982).

---

<sup>17</sup> Como se sabe, Jakobson é considerado não só um expoente, mas um fundador, no caso, da Fonologia Estrutural.

<sup>18</sup> Dosse classifica os estruturalismos em três grandes vertentes: a) *estruturalismo científico*, representado por Lévi-Strauss, Greimas e Lacan; b) *estruturalismo flexível*, como o de Barthes; e c) o *estruturalismo histórico*, como o de Althusser, Bourdieu e Foucault. Embora tenha reconhecido essa diferença, Dosse não deixou de pontuar uma semelhança: o fato de que, à época, Marx, Freud e Saussure eram leituras rotineiras e comuns a todos. Assim, logo o estruturalismo deixou de ser um movimento de reação ao positivismo e passou a favorecer várias áreas do pensamento humano, tais

Nesse contexto, um pensador teve enorme destaque na constituição e na difusão do estruturalismo: Claude Lévi-Strauss (1908–2009, fundador da Antropologia estruturalista). Lévi-Strauss formou-se em Filosofia, mas, insatisfeito com as especulações filosóficas, converteu-se a uma disciplina até então marginal: a Antropologia. Em 1942, um evento marcante acabou tendo grande influência na constituição do estruturalismo: a partida de Lévi-Strauss para Nova York, a convite da *New School for Social Research*.

Foi nesse local que Lévi-Strauss teve Roman Jakobson como colega e amigo – encontro que foi da maior importância em sua história. Foi dessa amizade estreita (pois ambos frequentavam as aulas um do outro) que nasceu a Antropologia estrutural. Dosse ressalta a ambição científica dessa elaboração: fundar a Antropologia em bases empíricas. Em suas palavras: “para Lévi-Strauss, que iniciou suas minuciosas pesquisas de campo no Brasil, a observação vem em primeiro lugar, anterior a toda construção lógica, a toda conceituação. A etnologia é para ele, em primeiro lugar, uma etnografia.” (DOSSE, 2007, p. 43).

Se, por um lado, Lévi-Strauss valorizava os dados da observação, por outro, o estruturalismo ofereceu-lhe condições para se afastar de um puro empirismo que, a seus olhos, não podia captar a essência dos fenômenos sociais. Como leitor fervoroso de Marx, queria olhar para além das realidades manifestas e ultrapassar a aparência sensível. O estruturalismo permitiu-lhe buscar o sistema por sob o aparente caos empírico.

Se nos detivemos um pouco mais em Lévi-Strauss, foi porque sua construção teórica teve grande influência sobre Lacan e sua leitura da Linguística. Em 1953, Lacan tomou conhecimento da obra de Saussure por meio de Lévi-Strauss. Podemos dizer que, nesse ano, ao escrever o “Discurso de Roma”, Lacan o fez sob a influência da Antropologia estrutural. Foi a partir desse encontro que começou a ler o *Curso de Linguística Geral*. Em 1957, quando Lacan escreveu *A instância da Letra*, pôde-se notar, de forma clara, a influência direta de Saussure. Nesse

---

como a Linguística, a Psicanálise, a Antropologia e a Sociologia, fornecendo a essas disciplinas uma base científica.

<sup>19</sup> Nikolay Sergeevich Trubetzkoy (1890-1938), ligado ao Círculo de Praga de Linguística estrutural.

<sup>20</sup> Roman Osipovich Jakobson (1896–1982), pioneiro da análise estrutural da linguagem, poesia e arte.

importante texto, Lacan apoiou-se totalmente na Linguística estrutural e citou com afinco tanto Saussure quanto o seu amigo Jakobson<sup>21</sup>.

Dosse pergunta qual teria sido o ponto de atração que aproximou Antropologia e Psicanálise. Ele entende que a noção de inconsciente foi importante para os pensadores estruturalistas<sup>22</sup>. Em sua avaliação, Lévi-Strauss deve, em primeiro lugar, a Freud “a ênfase que deu à natureza inconsciente dos fenômenos culturais e a colocação das leis da linguagem no centro da inteligibilidade dessa estrutura inconsciente.” (DOSSE, 2007, p. 46)<sup>23</sup>. Segundo Lévi-Strauss, a inclusão do inconsciente na teorização só seria viável pela “mediação da linguagem”, linguagem entendida a partir da elaboração saussureana, em que “os fatos de língua situam-se no plano do pensamento inconsciente”. (DOSSE, 2007, p. 62).

Cumpra, ainda, esclarecer os principais efeitos da Linguística Estrutural na Antropologia de Lévi-Strauss. O primeiro refere-se ao tratamento dos fatos observados: o que se busca neles é *uma estrutura* que independe da vontade ou da consciência do sujeito. Isso porque o pensamento introduzido por Saussure tornou possível pensar a existência de uma *correspondência formal entre a estrutura da língua e a do sistema de parentesco*<sup>24</sup>.

Importante destacar a adaptação feita por Lévi-Strauss do corte saussureano. Permitindo-nos fazer uma associação, a palavra “corte” nos remete à decisão de abandonar um estado de coisas anterior em favor de novas construções. Esta

<sup>21</sup> Jakobson, que desenvolveu o modelo estruturalista em Fonologia, foi uma espécie de espelho para Claude Lévi-Strauss e sua antropologia estrutural. Foi esse espelhamento que lhe permitiu, a partir de uma realidade empírica diversa e aparentemente incoerente, *deduzir um sistema*. Em seu famoso ensaio a respeito do incesto, Lévi-Strauss persegue o sistema que está por trás de sua proibição universal e realiza uma verdadeira revolução ao “desbiologizar o fenômeno, ao retirá-lo tanto do esquema simples da consanguinidade, quanto de considerações morais etnocêntricas” (DOSSE, 2007, p. 51).

<sup>22</sup> Convém reiterar também que Saussure expulsa a noção de sujeito psicológico do cerne de sua teorização – passo semelhante foi dado pelos estruturalistas.

<sup>23</sup> Franz Boas (1858-1942) afetou igualmente o trabalho teórico de Lévi-Strauss. Ele defendia que a dinâmica da cultura depende da interação entre indivíduo e sociedade. Marcel Mauss (1872–1950), sociólogo e antropólogo francês, teve enorme importância para Lévi-Strauss porque introduziu na Antropologia, o simbólico, abrindo a investigação antropológica para outras ciências humanas, particularmente para a Psicanálise. Mauss, ao buscar o fato social total, assume o corpo não como uma entidade biológica, mas como atravessado pelo inconsciente.

<sup>24</sup> Dosse lembra que Claude Lévi-Strauss ampliou o alcance do estruturalismo ao passar por três estágios que se referem à interpretação do social, a saber: a) a comunicação das mulheres entre os grupos graças às regras de parentesco; b) a comunicação de bens e serviços graças às regras econômicas; e c) a comunicação de mensagens graças a regras linguísticas. Segundo Lévi-Strauss, se todos os três níveis de relações têm estruturas análogas, então se pode dizer que “o sistema de parentesco é uma linguagem.” (DOSSE, 2007, p. 55).

hipótese encontra eco no movimento empreendido por Saussure, que abandonou a Linguística comparatista na qual havia uma preocupação com as continuidades das modificações da língua.

Em linhas gerais dois foram os efeitos do “corte saussureano” sobre Lévi-Strauss. O primeiro refere-se às noções de valor e de sistema. Como vimos, Saussure sustenta que as relações que os elementos da língua mantêm entre si têm primazia sobre esses elementos considerados de modo isolado. Assim, faz a comparação de certo estado de uma língua com o jogo de xadrez, afirmando que o valor das peças nunca está em si, mas, ao contrário, está sempre em relação e função. Está aí a ideia de sistema, em que cada elemento vai constituir seu valor em relação a outro elemento.

O segundo aspecto importante do corte saussureano é o que diz respeito ao arbitrário do signo: não existe ligação natural entre o signo e o objeto representado, a relação entre significante e significado é arbitrária<sup>25</sup>. Essa colocação de Saussure aponta para uma “desnaturalização” dos fenômenos humanos. A linguagem é, desde sempre, atravessada pela cultura.

Dosse (2007), que nos serve de guia nessa interpretação sobre o impacto de Saussure na constituição do estruturalismo, indica que a retomada do signo saussureano, por parte de Lévi-Strauss, promoveu um esvaziamento do significado. Em sua obra, a esfera simbólica ganha autonomia porque a articulação arbitrária entre significante e significado define, também ali, seu contorno.

Enfim, foi o encontro com a Fonologia de Jakobson que promoveu a Antropologia Estrutural; e ambas as ciências tiveram forte impacto no pensamento de Jacques Lacan. A respeito do trio Lévi-Strauss, Jakobson e Lacan, Dosse comenta que todos foram, também, leitores de Freud. No ensaio do linguista russo acerca da afasia (1954), ele faz referência direta a Freud.

Jakobson distingue dois tipos de alteração nesse distúrbio da linguagem. A primeira diz respeito a uma perturbação “no eixo associativo” (ou metafórico), o que significa uma deficiência de seleção; nesse caso, o afásico não realiza operações de substituição, mas os elos sintagmáticos ficam preservados. O segundo tipo de afasia

---

<sup>25</sup> É com esses conceitos que Lacan trabalhará mais tarde em *A instância da letra*, em que operará a conhecida inversão do algoritmo saussureano, colocando o significante sobre o significado para indicar a prevalência do significante e mostrar que ele resiste à significação.

é a que perturba a contiguidade (a composição sintagmática) – há quebra de elos: a perturbação é, portanto, no “eixo sintagmático” (ou metonímico), impossibilitando a comunicação<sup>26</sup>.

No trabalho a respeito das afasias, Jakobson aproxima os dois tipos de distúrbios afásicos, ligados à metáfora e à metonímia, aos mecanismos de condensação e de deslocamento desenvolvidos por Freud. Esta aproximação foi, ainda, retomada por Lacan. Segundo Dosse, as noções de metáfora e de metonímia constituem as duas peças – mestras da concepção estrutural do processo inconsciente na perspectiva lacaniana. Pelo que foi apresentado nesta parte, pode-se pensar que esses encontros entre campos foram pacíficos ou “naturais”. Terá sido este o caso?

### 1.3. Linguística e Psicanálise: uma relação complicada?

Para uma abordagem inicial a respeito do movimento da Psicanálise em direção à Linguística, realizado por Lacan, tomaremos como ponto de partida e de ancoragem um texto de Jean-Claude Milner (1995): “Linguística e Psicanálise”<sup>27</sup>. Cumpre esclarecer os motivos pelos quais tomamos este texto como ponto de partida e de chegada. Para nós, trata-se de um trabalho forte e único: Milner é dos

---

<sup>26</sup> A esse respeito, lembre-se o trabalho de Fonseca (2002). A autora não só oferece uma revisão criteriosa dos estudos a respeito das afasias, como uma interpretação delicada, precisa e crítica do pensamento de Jakobson a respeito do assunto.

<sup>27</sup> Dada a natureza e a relevância do trabalho de Milner nesta dissertação, julgamos importante trazer, embora resumidamente, algumas informações a seu respeito. Jean-Claude Milner nasceu em 1941, em Paris. É linguista, filósofo e ensaísta. Ex-aluno da *École Normale Supérieure*, frequentou os cursos de Louis Althusser. Durante sua formação, teve como colega Jacques-Alain Miller, psicanalista, responsável pelo estabelecimento e publicação dos Seminários de Jacques Lacan, de quem, mais tarde, tornou-se genro. Milner frequentou os Seminários de Jacques Lacan, que aconteciam na *École Normale Supérieure*. Foi, durante um determinado período, secretário do Círculo Epistemológico da Escola. Faz parte também de sua formação a participação em cursos de Roland Barthes e as leituras de Roman Jakobson. Ele dirigiu de 1968 a 2001 o *Collège International de Philosophie* e realizou uma parte de seus estudos no MIT (*Massachusetts Institute of Technology*), onde estudou com Noam Chomsky, linguista americano fundador da chamada gramática gerativista – transformacional. Jean-Claude Milner traduziu para o francês, em 1971, *Aspects of the theory of syntax*, publicado por Chomsky em 1965, o que contribuiu para a difusão da gramática gerativista na França. A carreira acadêmica de Milner desenvolveu-se na Universidade de Paris VII, onde ensinou Linguística no departamento fundado por Antoine Culioli, seu orientador. Participou de trabalhos e de publicações da *École Freudienne de Paris*.

poucos estudiosos aptos a realizar esta discussão com excelência devido à sua formação sólida nos dois campos envolvidos. Ele destaca que as relações entre as áreas *não foram nunca fáceis*. Ao apresentar os fatores que justificariam a alegada dificuldade, o autor utiliza o adjetivo “complicada” para se referir à natureza de tal relação.

É com Jacques Lacan que teremos de nos haver, pois foi esse autor, afirma acertadamente Milner, quem transformou profundamente as relações entre Psicanálise e Linguística. Melhor dizendo, foi Lacan quem inaugurou um movimento decidido de aproximação com a Linguística. Ao se referir a tal relação, Milner sustenta que não seria impertinente utilizar a palavra “ruptura”, cujo sentido ficará mais nítido a seguir. Pois bem: “o que Lacan quis da Linguística?”; “Qual o resultado de sua leitura de Saussure e de Jakobson?”. Ao contrário de quem poderia pensar que os dois saberes seriam perfeitamente compatíveis ou articuláveis entre si, ou então, diversamente, que os dois campos seriam absolutamente distintos, com questões e teorizações específicas e impenetráveis entre si, Lacan tomou uma terceira direção: inicialmente, lançou mão da Linguística como “chave de leitura” de noções e conceitos psicanalíticos, assim como de fenômenos presentes na clínica analítica.

Não se pode negar que a Psicanálise, com Freud, e depois dele, sempre teve relação próxima com a linguagem, pois ela se apoia na fala do paciente, é dependente do que é dito na sessão clínica. Mas isso não significa que a relação com a Linguística tenha ocorrido antes de Lacan. Freud ignorou totalmente essa ciência. Milner é claro a esse respeito:

Um fato chama a atenção: embora Freud demonstre interesse pelo conjunto das ciências ditas humanas e, além disso, seja levado a ocupar-se dos dados de língua e até mesmo a construir, a partir deles, analogias metodológicas importantes, a Linguística como tal não é mencionada por ele. Sejam claros: a Psicanálise freudiana constrói entre o inconsciente e a linguagem uma rede intrincada de conexões, mas ela o faz dentro da maior ignorância da Linguística. É nesse ponto, aliás, que a ruptura instituída por Lacan provocou os efeitos mais visíveis. Pode-se resumi-los assim: a questão das relações ente a Psicanálise e a ciência da linguagem não tem sentido antes de Jacques Lacan. (MILNER, 1995, p. 5)

Esta contundente afirmação de Milner será, como o leitor poderá ver, um verdadeiro divisor de águas: foi Freud quem se dedicou a dar provas e a examinar

os fenômenos languageiros enquanto manifestações do inconsciente, mas é com Lacan que podemos ver tais fenômenos explicados por operações e categorias que o psicanalista francês retirou da Linguística (não sem ressignificá-las). Contudo, é necessário refletir a respeito da natureza dessa busca, uma vez que, ao se voltar para os efeitos da linguagem sobre o corpo do falante, a Psicanálise não isola a língua enquanto tal. Como destaca Milner: “as dimensões da linguagem mais importantes para a Psicanálise são justamente aquelas de que a Linguística não trata” (MILNER, 1995, p. 2).

Para Milner, a Psicanálise constitui-se no limite da Linguística. Em suas palavras:

Na medida, portanto, em que a linguagem importa para a Psicanálise, *esta [a Psicanálise/ se constitui propriamente nos limites da Linguística,* admitindo-se, entretanto, que, ao dizer “limite”, diz-se também *contato constante*. Lacan forjou palavra *linguisteria* para designar esta relação de proximidade incessante e heterogeneidade absoluta. (MILNER, 1995, p. 2)

Na citação que acabamos de transcrever, chamamos a atenção para como Milner qualifica a aproximação da Psicanálise com Linguística: “relação de proximidade e heterogeneidade absoluta”, uma relação que tem a natureza de borda. A palavra *linguisteria* merece destaque, posto que Lacan a utiliza no *Seminário 20, Mais, ainda*, para designar as particularidades de sua abordagem com relação aos fenômenos languageiros. Esta questão será retomada no quarto capítulo do presente trabalho.

Ao lermos o título do trabalho de Milner, “Linguística e Psicanálise”, poderemos nos interrogar a respeito do sentido a ser dado à conjunção aditiva “e” que, talvez, defina a forma de relação acima qualificada - “e” pode indicar tanto conjunção das duas disciplinas quanto sua mútua exclusão. O autor constrói seu texto com uma divisão que nos parece clara: “Linguagem e Psicanálise”, por um lado, e “Linguística e Psicanálise”, de outro. Vai, paulatinamente, desconstruindo a ilusão de união entre os dois campos mencionados, que poderia ser imaginada a partir da leitura do título – isso porque “linguagem” não tem o mesmo sentido num campo e em outro.

No texto de Milner existe uma divisão clara, como dissemos. Ao discorrer sobre “a relação metodológica” da Psicanálise com a Ciência Linguística, o autor

marca uma diferença. Se a questão das relações entre a *Psicanálise e o fenômeno da linguagem* se colocava desde os primeiros trabalhos de Freud, a questão das relações entre a *Psicanálise e a ciência da linguagem* só passará a existir com Jacques Lacan, como temos insistido ao longo desse capítulo.

Para abordar a relação entre Psicanálise e Linguística, Milner, primeiramente, aponta para a necessidade da seguinte tomada de decisão: considerar a linguagem como um objeto unitário, com suas propriedades gerais (substanciais ou formais, como, por exemplo, a metonímia e a metáfora) ou considerá-la como um conjunto das línguas naturais, dando, portanto, importância às suas particularidades substanciais (a sua morfologia, sintaxe etc.).

Nesse ponto da reflexão, Milner frisa que, ao se aproximar da Linguística, a Psicanálise leva em consideração a existência de um “objeto unitário”, com propriedades gerais (de substância e de forma), para além da diversidade das línguas. É nesse ponto que a “ruptura lacaniana” é radical. Para compreender a natureza dessa ruptura, torna-se necessário apreender essa diferença, o que procuraremos fazer na sequência.

Ao discorrer a respeito da relação entre a linguagem e as línguas naturais, Saussure fez a seguinte afirmação: “A língua é, para nós, a linguagem menos a fala” (SAUSSURE, [1916] 1995, p.92). Entendamos: a língua (*la langue*) é o funcionamento próprio da linguagem, extensivo a toda e qualquer língua particular: é *objeto teórico, não observável*, ou melhor, apreensível em seus efeitos na fala/discurso, nas línguas particulares. Ao abordar as mudanças fonéticas, por exemplo, Saussure não optou por tratá-las uma a uma, mas ambicionou encontrar o que qualifica de “regularidade absoluta” (SAUSSURE, [1916] 1995, p.167). Leiamos um excerto do *Curso* onde essa tendência se manifesta:

O que se transforma é um fonema; sucesso isolado, como todos os sucessos diacrônicos, mas que tem por consequência *alterar de maneira idêntica todas as palavras* em que figure o fonema em questão; é nesse sentido que *as mudanças fonéticas são absolutamente regulares*. (SAUSSURE, [1916] 1995, p. 167) (ênfases nossas).

Sem pretensão de exaustão, destaquemos algumas expressões-chaves utilizadas por Saussure: “maneira idêntica”; “todas as palavras” e “absolutamente

regulares”. Percebe-se, por meio de sua leitura, um desinteresse pelo que escapa à regularidade, à previsibilidade e caminha para a exceção.

Lacan, por sua vez, volta-se para a “linguagem” por vocação clínica e por perseguir a certeza de que ela era a “condição do inconsciente” (LACAN, 1972, p. 490). Em outras palavras, ele só e somente só se interessava pela linguagem na condição de causa de um desejo singular que anima um sujeito falante, enquanto passível de inconsciente. Sua visada não é generalizante.

Milner indica que Lacan não poderia desconsiderar a linguagem sem levar em consideração as línguas naturais e a importância de suas particularidades substanciais (a sua morfologia, gramática etc.). A importância decisiva da fala na Psicanálise, contudo, não impediu Lacan de dar crédito à Linguística, a Saussure, ao estruturalismo europeu. Milner destaca ângulos a partir dos quais a relação entre a Psicanálise e a Linguística pode ser discutida, quais sejam: 1) A Psicanálise e sua relação com a linguagem, compreendida como um *fenômeno*; 2) A Psicanálise e sua relação com a Linguística, compreendida como uma *ciência*. Inversamente, destaca, ainda, as seguintes facetas: 3) A relação da ciência Linguística com os *dados* trazidos à luz pela Psicanálise; e 4) A ciência Linguística e sua relação com a *teoria* da Psicanálise.

### **1.3.1. A relação da Psicanálise com a linguagem, compreendida como um fenômeno**

Ao abordar a relação da Psicanálise com a linguagem como fenômeno, Milner ressalta a necessidade de discorrer a respeito de quatro itens, a saber:

- a) A Psicanálise e a *substância* das línguas;
- b) A Psicanálise e a *forma* das línguas;
- c) As línguas como observatório do Inconsciente; e
- d) A Psicanálise e a linguagem como fenômeno unitário.

Com relação à *Psicanálise e a substância das línguas*, Milner pergunta em que medida a Psicanálise deve considerar, na sua prática e na sua teoria, as particularidades de *uma língua* (morfologia, léxico, sintaxe). Tendo em vista que o fenômeno da fala (cerne do acontecimento clínico) é tributário da aquisição de uma língua e que na fala “há investimentos imaginários particulares”, é *impossível não ter em conta a substância das línguas*.

Pensemos em uma sessão clínica na qual o paciente cometa um lapso. Esse paciente fala português. Parece preciso admitir que a singularidade desse lapso aconteceu numa língua e, portanto, que haja restrições morfossintáticas e lexicais que impeçam a ocorrência desse lapso em outras línguas, nos moldes em que aconteceu em português. A palavra “mar”, por exemplo, pertence ao gênero masculino na língua portuguesa. Em francês, “mer” é do gênero feminino. Tal diferença não é qualquer e está impressa nas línguas. Logo, devemos admitir que é justamente o fato de haver línguas particulares que cria restrições e viabiliza investimentos imaginários dos sujeitos. Milner sublinha o fato de a Psicanálise, por se centrar no que é dito numa sessão, centra-se *na fala* e não pode passar ao largo das particularidades de línguas particulares. A Linguística, ao contrário, ao se fazer ciência, estabelece um objeto universal, como vimos, e privilegia *a língua* (sem singular ou plural - MILNER, 1978) e toma distância da linguagem como fenômeno.

O “Discurso de Roma”, de Lacan (1953), pode ser trazido, neste momento, para tratar da questão referente à relação da Psicanálise com o fenômeno-linguagem. De fato, Lacan dedica-se, ali, à fala e à linguagem. Publicado em setembro de 1953, trata-se de uma exposição feita por Lacan a alunos da *Escola de Psicologia de Roma*. É peça integrante dos *Escritos* e tem por título “Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise”. Se a Psicanálise, como nos diz Lacan, é uma *experiência de discurso*, uma “cura pela palavra”, pergunta-se: “como essa palavra tem de ser entendida para que, aquele que fala, seja incluído no que diz?”. Lacan busca reinventar a Psicanálise para incluir justamente aquilo que a Linguística não leva em conta: a fala e o sujeito. Lacan caminhou com rigor sob a dupla constrição da língua como universalidade e do sujeito e da fala e como particularidade

O fato de praticar a Psicanálise demanda submissão à exigência de considerar a fala e o sujeito. Assim, como dissemos, se falar tem consequências, escutar também as tem. Escutar não é o mesmo que ouvir (ANDRADE, L. 2003; De LEMOS, 1992, ARANTES, 2006). Quando, por exemplo, o analista pontua a fala do analisando, suas palavras só vão “adquirir pleno sentido ao se orientarem num campo de linguagem, ao se ordenarem na *função da fala*”. (LACAN, 1953, p. 247) (ênfase nossa).

Com relação à Psicanálise e a forma das línguas, Milner aponta que certos dados de língua permitem o estabelecimento de “uma *analogia estrutural* que esclarece o funcionamento dos processos inconscientes” (MILNER, 1995, p.2) (ênfase minha). O autor assinala que, para Freud, o “sonho não é uma língua”, mas que se realiza sustentado por certos traços essenciais, que são análogos a uma língua.

Em outras palavras, estão sujeitos às mesmas leis que regem a linguagem, nas palavras de Freud, à *condensação* e ao *deslocamento* (FREUD, 1900); nas de Saussure (1916) *operações sintagmáticas* e *associativas* e nas de Jakobson (1960), *processos metafórico* e *metonímico*. Como lembra De Lemos (2002), citando Milner, Jakobson ilumina as “leis de composição da linguagem”, identificando operações que produzem poesia.<sup>28</sup> As referidas operações serão importantes para Lacan, pois, como veremos no capítulo 5 (com o exemplo de Marguerite Duras), o modo de dizer da poesia é justamente aquele em que o sujeito vai se colocar.

Outro ponto destacado pelo autor é o de que Freud, com o tempo, passa a se valer de *estruturas gramaticais* para explicar um conjunto de formações do inconsciente. O caso do distúrbio paranóico por ele analisado, pode ser representado a partir da análise de uma única proposição:

[...] constitui fato notável que as principais formas de paranoia conhecidas podem ser representadas *como contradições de uma proposição única: eu (um homem) o amo (um homem)*. (FREUD, 2011, 77) (ênfase nossa). (FREUD, 1911, p.77)

---

<sup>28</sup> A respeito das operações que produzem poesia e dos efeitos de mudança na fala da criança, leia-se Lier-DeVitto, 1998, 2006.

Freud opera *transformações estruturais* nesse enunciado, que “exaurem [diz ele] todas as maneiras possíveis em que tais contradições poderiam ser formuladas” (idem). Milner explica da seguinte maneira esse movimento de Freud:

Freud constrói exaustivamente um conjunto de formações do inconsciente. Assim, as várias maneiras de contradizer a frase "moi (un homme), je l'aime (lui, un homme)" (Eu [um homem], eu o amo [ele, um homem]) permitem engendrar as principais formas da paranóia; nesta geração formal, Freud se apoia explicitamente em uma análise estritamente gramatical, do tipo sujeito-verbo-objeto. (MILNER, 1995, p. 3)

Não se trata, aqui, de discutir as proposições freudianas, nem de nos determos nelas para retirar consequências para a teoria psicanalítica – procuramos destacar o fato de que Freud admitia a existência de analogias estruturais entre as línguas e o inconsciente, como disse Milner. São vários os lugares em que esse recurso linguístico é mobilizado por Freud: na explicitação do mecanismo dos chistes (FREUD, 1905), na teorização sobre o funcionamento pulsional (FREUD, 1915), na estruturação da fantasia inconsciente (FREUD, 1919) e outros.

Freud (1900) aborda os sonhos - *Traumdeutung* - e o faz da mesma maneira que trabalha os lapsos e os chistes: como representantes desse “saber não sabido”, que marcam a fala. Aquele sujeito, que produz um ato falho ou chiste, sonha. O que queremos dizer com isso? Que Freud lerá todos esses acontecimentos, as manifestações do inconsciente, como ocorrências na fala, que é constringida por *formas de uma língua particular*. O chiste, diz Freud (1905), é uma técnica que incide sobre a sintaxe das línguas; uma “técnica linguística”, portanto, que promove uma leve e inesperada distorção ou rearranjo em formas linguísticas: distorção que, certamente, afeta o discurso e surpreende o falante.

É interessante pensar, sem querer nos afastar das colocações de Milner, que o sonho, até então, precisava ter seu significado “adivinhado”, ou que anunciava algo que “iria acontecer”. Para ilustrar o caráter profético divinatório dos sonhos, basta nos lembrarmos das passagens da Bíblia que relatam os sonhos de Jacó com as sete vacas magras e gordas...

No que concerne ao sonho, Freud desconsidera esta mensagem do “além”, do sonho, e homologa a ela um lugar nas formações do Inconsciente, como função de mensagem, que abre a uma interpretação. Ainda quanto a essa questão do

sonho, gostaríamos de ressaltar que ela interessou a Freud, não enquanto adivinhação do céu, ou fenômeno puramente fisiológico, mas por dar ocasião a um relato, esse sim fundamental. Lacan chega mesmo a dizer que Freud se comporta em relação ao sonho como diante de um texto sagrado, tal a importância que ele confere ao relato do sonho.

O relato faz parte do sonho. Por seu intermédio, entra no campo discursivo, embora não seja, classicamente falando, um acidente na linguagem. A fala torna o sonho “comunicável”. Ao relatá-lo para o seu analista, o que o sujeito comunica “é a verdade do sonho”. O sujeito é, por assim dizer, falado pelo sonhador que narra o sonho. O sonhador fala o que diz de si enquanto sujeito do inconsciente.

A fala dá consistência a esse dizer. O relato do sonho se faz na relação transferencial. Ele já é uma interpretação e está sujeito à condensação e deslocamento – podem ocorrer lapsos, emergir dúvidas, pausas etc. Esse relato - esse contar para o analista – só poderá ser “lido” e interpretado segundo leis da linguagem (condensação e deslocamento), como indicou Freud (1900).

Os enunciados por meio dos quais os relatos são compostos vão abrigar as enunciações que estão em relação com as vacilações no contar um sonho, nos lapsos, nas dúvidas, pausas etc. Freud, como dissemos, situa as glosas e comentários dos sonhos em relação à enunciação, pois, ao “ler” o relato, o toma como objeto e implica assim o “sonhante” no que diz.

Gostaríamos de ressaltar que Freud não faz nenhum trabalho de “tradução” ou “reconstrução” do sonho. Ateve-se às glosas, à escuta, à leitura do seu relato em uma forma de sujeito + verbo + complemento – no campo discursivo da linguagem. Acreditamos ser esse aspecto a que Milner se refere quando menciona que a Psicanálise impõe a seus dados uma analogia estrutural profunda.

Com relação à consideração das línguas particulares como “observatórios do inconsciente”, Milner lembrou aos leitores que Freud, inicialmente, pretendeu fazer da Psicanálise uma ciência empírica.<sup>29</sup> O autor resalta um problema lógico gerado pelo fato de que, em Psicanálise, os dados de observação são obtidos pela sua prática (escuta do analista) e não podem, assim, ser acessíveis a outros, nem

---

<sup>29</sup> Lier-DeVitto (2011) e De Lemos (2011) discutem esta questão por ângulos diferentes.

replicáveis. Não são dados, portanto, que possam servir de fundamentação empírica em sentido estrito.

Assim, o autor interroga-se: “em que medida esses dados são independentes da própria suposição de que a Psicanálise é possível e necessária?” (MILNER, 1995, p. 3) Ou seja, Milner postula que é necessário encontrar modos, assim como fez a Física, de sair de uma circularidade que, a nosso ver, é demoníaca. O autor nos fala que escapamos da circularidade ao constituir independências locais e toma o exemplo da Física. Os dados de observação da Astronomia são obtidos graças a um instrumento, a luneta astronômica, cujo funcionamento se funda na Ótica e não na própria Astronomia, embora ambas façam parte da Física. Assim, a Astronomia funda-se em algo, uma “instância fundadora”, que não é regida por suas próprias leis.

Trata-se de encontrar, na Psicanálise, uma instância fundadora que se constitua como independente dela, ou seja, a instância do observatório, que, para ela, são os dados de língua (o lapso e o chiste, por exemplo).

Ainda com relação ao estudo do sonho, o autor diz que Freud afirmava que o Inconsciente não conhecia o princípio da não contradição, colocando-se assim contra o primeiro princípio da língua. Ora, se a língua está exercendo o papel de alteridade, sendo a instância independente que vai assegurar da “objetividade” de seus princípios, cabia encontrar, na língua, algo que contrariasse o princípio de não-contradição. “Era urgente”, diz Milner, “decidir se uma hipótese tão forte não podia ser corroborada por vias independentes”. (MILNER, 1995, p. 4). Ora, Freud (1910) buscou em Karl Abel o fundamento dessa afirmação. O filólogo mostrou que, nas línguas primitivas, existem palavras formadas pela articulação de termos com sentidos opostos (Um exemplo, no inglês moderno seria a conjunção de *with + out = without*). Assim, continua Milner, “a observação da linguagem confirma, independentemente da existência da Psicanálise, que o princípio de contradição pode não ser sempre válido no pensamento” (MILNER, 1995, p. 4).

A concepção cronológica do inconsciente de Freud constituía outra noção que devia igualmente encontrar seu fundamento na língua. Freud recorre mais uma vez a Abel para estabelecer uma analogia entre a determinação do inconsciente do sujeito por seu passado e a história da formação das palavras nas línguas, que

também guardam em si, como camadas geológicas invisíveis, “os traços do que já existiu”. Assim, a descrição de um dado de língua permite “o acesso a um funcionamento desconhecido, análogo ou até mesmo idêntico ao funcionamento inconsciente” (MILNER, 1995, p. 4).

Milner comenta que Freud se equivocou ao buscar apenas nas línguas antigas as instâncias do observatório que lhe eram necessárias. Ele ressalta que importa considerar que “dados” como os de formações de palavras com termos contraditórios podem muito bem ser encontrados em línguas atuais: tanto as línguas antigas quanto as modernas não exibem diferenças quanto ao fato de serem “estruturas”. Se elas esclarecem algo a respeito dos processos inconscientes, não é porque “guardam um passado da humanidade”, como colocado por Freud (nos usos que faz, por exemplo, quando se refere à língua egípcia), mas porque são estruturadas e governadas por leis que operam sobre matérias significantes.

Para esclarecer a relação que a Psicanálise estabelece com a linguagem – e que independe de qualquer tipo de etimologia – Jean-Claude Milner retomou o que Freud fez com as obras literárias. Para Freud (1910), a Psicanálise não pode ser “aplicada” a uma obra, em si, já que a obra já interpreta. Leiamos as palavras de Milner (1995, p.6): “Para Freud e Lacan, não cabe ao psicanalista interpretar Shakespeare ou Molière; ao contrário, ele deve fazer questão que Shakespeare e Molière interpretem”.

Do mesmo modo, a língua, por uma ou outra de suas singularidades, interpreta o sujeito falante. Segundo Milner, esta é a natureza da relação que a Psicanálise pode (e deve) estabelecer com os fatos de linguagem. O “pulo do gato” da Psicanálise consiste somente em “ouvir e em fazer ouvir essa interpretação” (MILNER, 1995, p. 5).

Assim como Freud trabalha o drapeado da roupa de Santa Ana, Lacan apega-se às minúcias da língua francesa, como, por exemplo, as homofonias que essa língua permite, por exemplo: “l’être humain / les trous – main”. Pois bem, a Linguística não opera com essas ou outras singularidades. Nesse sentido, usando as palavras de Milner (1995, p.5), “o contraste entre a Linguística e a Psicanálise é aqui flagrante”. Isso parece evidenciar que, como nos mostra o autor, enquanto a

Psicanálise trabalha com o detalhe, a Linguística afasta-se dele, do acidente, porque toma distância da fala como acontecimento.

O último ponto a respeito das línguas particulares abordado por Milner volta-se à Psicanálise e à linguagem como fenômeno unitário. Nesse item, Milner adverte que existe um denominador comum entre todas as línguas, uma vez que todas se abrigam sob o termo “linguagem”.

É justamente com esse objeto – linguagem – que a Psicanálise parece se relacionar, pois, como diz Lacan, a “linguagem é a condição do Inconsciente”. (LACAN, 1972, p. 490). É importante ressaltar que, na avaliação de Milner, a linguagem enquanto determinante do Inconsciente não é equivalente àquela apreendida pela ciência Linguística. Temos, então, dois conceitos de linguagem – o da Psicanálise e o da Linguística, o que faz com que o autor conclua o texto afirmando que se a Linguística é importante para a Psicanálise, ela o é por outras razões e não porque apreenderia o essencial do fenômeno linguagem.<sup>30</sup>

Em poucas palavras, portanto, o que Milner insinua, mas não explicita a respeito da diferença entre os dois conceitos de linguagem, é que, para a Linguística, o mais importante são as propriedades universais do sistema e, para a Psicanálise, de acordo com a leitura de DeVitto, os efeitos singulares do inconsciente no corpo da fala e no corpo falado do falante. (LIER-DEVITTO, 2011).

Os quatro itens, desenvolvidos na primeira subdivisão do texto de Milner, “A psicanálise e as línguas particulares”, indicam a posição de Freud frente aos fenômenos da linguagem e como ele associou linguagem e inconsciente. Indicam, ainda, sua ausência de interesse pela ciência nascente da linguagem, de que foi contemporâneo.

---

<sup>30</sup> Neste ponto da reflexão, vale ressaltar que, embora postule a existência de uma diferença entre os conceitos de linguagem mobilizados na Linguística de Saussure e na Psicanálise de Lacan, Milner não explicita nenhum dos dois conceitos. Assim, é sempre bom lembrar que, para Lacan (1972-1973), a linguagem interessa quando deixa transparecer mais ou menos do que o falante pôde perceber. Ele afirma que os efeitos de significado não se relacionam com o que os causa, já que, nas suas palavras, “o significante é besta” (LACAN, 1972-1973, p.32), especificando que seu uso se relaciona com a dimensão do gozo do falante.

### 1.3.2. A Psicanálise e sua relação com a Linguística, compreendida como ciência

Na segunda parte, “A relação metodológica da Psicanálise com a ciência linguística”, o autor abordará a posição de Lacan, que será marcada pelo fato de trabalhar os acidentes de linguagem a partir de alguns conceitos e noções que buscará na Linguística. Nesse ponto, Milner deixa claro que, embora a Linguística já existisse e a Psicanálise também, quem carrega a Linguística para o seio da Psicanálise é Lacan. É por essa razão que acreditamos que no artigo de Milner destacam-se duas grandes vertentes: a posição de Freud com relação à linguagem e a posição de Lacan com relação à Linguística.

Milner mostra-nos que, com Freud, temos a linguagem apontando para o inconsciente, sem preocupar-se com a Linguística, apesar de Saussure ser seu contemporâneo e do *Curso de Linguística Geral* ter sido publicado em 1916. Jacques Lacan faz o gesto de aproximação e, a partir dele, poderemos falar de uma tentativa de abordar o inconsciente pelo viés da ciência da linguagem.

Ao tratar da “Estranheza da posição de Freud”, como o próprio título indica, Milner diz que ela é paradoxal, pois se Freud interessou-se profundamente pelas ciências ditas humanas, deixou de lado a Linguística (Saussure, Meillet, Troubetzkoy, Jakobson).

Quando se dedica a comentar a *A insuficiência empírica da Linguística*, Milner dá outro passo e examina a posição de Lacan com relação à ciência da linguagem. Primeiramente, busca mostrar os limites da ciência Linguística:

Com efeito, os jogos de linguagem (chistes, lapsos, etc.) aos quais a Psicanálise dá atenção são constituídos a partir da linguagem e de suas estruturas. E é até mesmo possível que a Linguística faça proposições descritivas sobre eles. Mas é de se duvidar que essas eventuais proposições esclareçam a Psicanálise. (MILNER, 1995, p. 6-7)

Milner nos mostra que Lacan retirou da ciência da linguagem o que lhe pareceu operativo para a Psicanálise. É certo que a Linguística descreve os jogos de linguagem, mas essas descrições não bastam para a Psicanálise. O autor elenca três razões para essa impossibilidade:

- 1) Esses jogos só vão interessar à Psicanálise na medida em que é através deles que o sujeito emerge na cadeia significante;
- 2) O lapso e o chiste como “colisões homofônicas” são sempre contingentes (assim como a forma fônica); a contingência da forma fônica e da colisão homofônica faz com que os jogos de linguagem estejam aptos a assinalar o surgimento também contingente de um sujeito; e
- 3) A Linguística trabalha a linguagem de um ponto de vista empírico; apesar disso, não pode negar que existe uma parte imperceptível da linguagem, que corresponderia ao conceito, enquanto a parte empírica corresponderia ao significante. Assim, na Linguística, a relação entre o perceptível e o imperceptível na linguagem se resolve no conceito de signo. Na Psicanálise, vemos que essa relação apresenta-se de forma diferente: o conceito de signo, tal como proposto pela Linguística, não vai servir para ela. Milner, nesse momento, explica, com Jacques Lacan, que para a Psicanálise o que vai importar é o “sentido”, que se manifestará como um “desvanecimento das significações”. Logo, Lacan pontua que a linguagem é a condição do inconsciente (LACAN, 1972, p. 490), mas a Linguística, enquanto tal, de nada adiantará à Psicanálise. Ao contrário, as técnicas freudianas para a análise do lapso e do chiste são instrumentos importantes de que se servem os literatos e os linguistas em suas análises literárias. A esse respeito Milner lembra-se particularmente de Jakobson.

Na sequência, consideramos que o texto se conduz em outro movimento. O autor diz mais claramente o que Lacan toma da Linguística: o papel teórico decisivo da Linguística estrutural. Em outras palavras, embora Lacan, como vimos com Milner, não dê importância para resultados empíricos da Linguística, vai basear-se nas decisões teóricas da Linguística estrutural. Na verdade, mais além de conjecturas históricas, o que está em jogo são duas concepções distintas de Inconsciente: corpuscular ou ondulatória, segundo analogia feita por Milner com a teoria física da luz.

Enquanto Deleuze e Guattari adotam a teoria do fluxo, isto é, tomam o inconsciente de maneira ondulatória e dinâmica, Freud e Lacan adotam a

corpúscular, isto é, tomaram-no de maneira mecânica. Em Freud, os corpúsculos terão uma existência natural – que seriam os neurônios. Com Lacan, vemos uma tentativa de pensar diferentemente esses corpúsculos: com base na Teoria da distintividade, posta pela Linguística estrutural.

A teoria da distintividade, que deriva da teoria do valor de Saussure, propõe que uma coisa se defina sempre por oposição a outra, isto é, o corpúsculo será uma entidade negativa, opositiva e relativa, ele é o que os outros elementos, com os quais estabelece relação, não são. Lacan (1953), no “Discurso de Roma”, discute nesses termos a construção desse UM que, longe de ter uma existência empírica, é uma instância.

Os corpúsculos não físicos (caso das línguas e do inconsciente) determinam-se enquanto oposição e contraste, estabelecendo, assim, entre si, redes de relações. Tais redes obedecem à mecânica da língua: sintagma e paradigma (conforme define Saussure) e, posteriormente, metáfora e metonímia (como sistematiza Jakobson). É certo que Freud não fica longe disso – ele fala em condensação e deslocamento, sendo isso que autoriza Lacan a ressignificar, com a Linguística estrutural, tais mecanismos. As relações entre corpúsculos não-físicos, trabalhadas como “metáfora e metonímia”, possibilitaram que a causalidade psíquica – até então pensada de maneira mecanicista por Freud – adquirisse o perfil de causalidade estrutural.

Para continuar desenvolvendo seu raciocínio, Jean-Claude Milner se lembra da fórmula criada por Lacan “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, tomando cuidado de sublinhar o artigo indefinido “uma”, pois é a noção de linguagem que estará em discussão. Explicita que a linguagem é um dos domínios do conhecimento em que as únicas relações possíveis são de metáfora e metonímia. A linguagem é, assim, diz ele, “um caso particular de uma noção mais geral” (MILNER, 1995, p.10). Dito de outro modo: metáfora e metonímia são operações linguísticas, mas tais operações não são exclusivas da linguagem e da Linguística; no inconsciente, descobriu Freud, agem operações homólogas.

A esse respeito, importante lembrarmos que Lévi-Strauss desenvolveu a *Antropologia* estrutural, mostrando que a estrutura não é uma prerrogativa da linguagem. Lacan, ao contrário, acredita que aquilo que tem as propriedades da

linguagem sem ser linguagem não é uma noção universal, mas um elemento (poderíamos dizer, em uma imagem aproximativa, um “corpúsculo”): o significante.

A Linguística, no entanto, não se manteve nesse modelo. Retornou, com Chomsky, a uma configuração clássica – em que o “corpúsculo” passa a ser simplesmente um elemento empírico comum e se define por si mesmo, não mais numa relação opositiva, como Milner explica:

Ela permaneceu corpuscular, mas não propõe mais uma doutrina original do corpúsculo. O elemento linguístico existe desde então como um ser positivo comum, e não como um pacote de relações opositivas. Reencontramos a configuração clássica: as propriedades precedem a distinção; não é mais verdade que, na língua, só existam diferenças. De um ponto de vista histórico, esta mudança de modelo foi marcada por Chomsky. (MILNER, 1995, p.10)

Enquanto a Linguística “recuou” com relação à representação corpuscular do significante, nessa mesma época, a Psicanálise, com Lacan (1967), empreende uma teoria autônoma do significante, uma teoria da diferença como tal, anterior a “toda propriedade”.

### **1.3.3. A relação da ciência Linguística com os *dados* trazidos à luz pela Psicanálise**

No terceiro ponto do texto, Milner pergunta-se se uma leitura psicanalítica da Linguística poderia acrescentar alguma novidade a esta última. Se assim fosse, que questões a Psicanálise poderia levantar que contribuiriam com a Linguística? Por exemplo, Freud ajudou a Antropologia e a História das religiões com suas leituras, assim como Fónagy muito contribuiu com a Psicanálise ao articular “a teoria freudiana das pulsões e a teoria linguística das formas fônicas” (MILNER, 1995, p.10).

De fato, como pontua Milner, para Fónagy a comunicação vocal vai além do simples conteúdo das palavras, pois a articulação dos sons desencadeia associações que, antes de se converterem em metáforas, passam pelo inconsciente.

Desse modo, Fónagy estuda as bases pulsionais da articulação, da prosódia, do estilo vocal que é considerado como uma comunicação pré-verbal<sup>31</sup>.

Apesar dessa tentativa de articular os processos linguísticos e os processos inconscientes, Milner chama a atenção para o fato de essa relação continuar conjectural, ou seja, não demonstrada. Ele destaca que “as relações de ‘importação’ (MILNER, 1995, p.12) nunca funcionam facilmente” – ponto levantado no início desta dissertação. Milner explicita, ainda, que para esclarecer os processos linguísticos que escapam à consciência do falante, a Linguística não tem de recorrer ao conceito freudiano de inconsciente. A explicitação argumentativa da Linguística não envolve a interpretação do desejo inconsciente. Milner conclui que “não existe inconsciente lingüístico se tomarmos ‘inconsciente’ e ‘linguística’ num sentido preciso”. (MILNER, 1995, p.12). Linguística e Psicanálise vão delimitando, assim, seus respectivos conceitos e campos de ação<sup>32</sup>.

#### **1.3.4. A ciência Linguística e sua relação com a *teoria da Psicanálise***

Na última parte do texto, por sua vez, o autor reflete a respeito das possibilidades de um encontro epistemológico entre a ciência da linguagem e a Psicanálise. Longe de desqualificar a Psicanálise pelo “desencontro” entre os dois campos, ele afirma que ela põe em xeque as ciências modernas na medida em que seu objeto não pode ser abordado por nenhuma dessas ciências.

Argumentando a favor da referida hipótese, Milner esclarece que poderíamos dizer que o objeto da Psicanálise é o sujeito, mas sabemos que esse sujeito é justamente aquilo (objeto) que não está, que deverá se constituir na e pela fala. E

---

<sup>31</sup> Confirma Fónagy (1991), texto em que ele estuda particularmente a junção entre comunicação e pulsão.

<sup>32</sup> Em outras palavras, o fato de que linguistas, como Fónagy, tenham dado um caráter psicanalítico à comunicação verbal não quer dizer que o linguista ao ouvir um relato vá se preocupar com recalques ou resistências daquele que fala. O psicanalista, interessado na interpretação do desejo inconsciente, é que vai levá-los em conta.

como cogitar esse possível encontro/desencontro epistemológico, se pensarmos no ideal da ciência moderna que é a máxima “higienização” desse objeto?

É na medida em que a ciência moderna constitui um observador externo para poder apreender seu objeto de maneira “neutra”, “objetiva”, que ela mesma já cai na sua própria armadilha. O observador dito “externo” não é mais ninguém que o próprio sujeito! Não há como escapar desse paradoxo, ainda mais na ciência Linguística que, trabalhando com enunciados, não pode de qualquer forma eliminar totalmente a enunciação, ou seja, o sujeito. Assim como o linguista, o psicanalista participa do fenômeno estudado. Se o linguista deve equacionar o fato de ser falante, o psicanalista deve equacionar o de ter um inconsciente.

Bevidas (2009), ao comentar esse texto de Milner, critica-o. Afirma que ele não esclarece, de modo suficiente, o papel que desempenharam os conceitos linguísticos na fundação da Psicanálise lacaniana. Embora não concordemos com essa crítica, já que o artigo de Milner não pretende ser didático (e, sim, avançar argumentos que balizam a discussão da relação entre Linguística e Psicanálise), no nosso entender, Bevidas tem razão ao colocar que muitos mal-entendidos permeiam a relação entre as duas disciplinas.<sup>33</sup>

Posto isso, esclarecemos que, ao longo do que se segue, procuramos recuperar elementos que nos pareceram importantes para ressituar o percurso lacaniano sem incorrer em reduções que desmereçam um e outro campo. Buscamos, portanto, colaborar para que o estudo dessa relação, classificada por Bevidas como “mal começada”, possa ser retomada e repensada. Em outras palavras, e retomando mais uma vez o texto de Milner, gostaríamos de entender a relação de “proximidade incessante e heterogeneidade absoluta” que se estabelece entre essas duas disciplinas.

---

<sup>33</sup> Por esse motivo, esta dissertação, que se realiza em um Departamento de Linguística, objetiva não ignorar nem essas referências linguísticas nem a especificidade da Psicanálise.

## **2. Linguística e Psicanálise: o que se pode dizer deste encontro promovido por Lacan**

Este capítulo objetiva recuperar parte de um importante trajeto tomado por Lacan ao encontrar-se com a Linguística, mais especificamente, pelo movimento que, inspirado pelo trabalho de Claude Lévi-Strauss, ficou conhecido como “estruturalismo”. Ele está dividido em duas partes, sendo a primeira voltada à elucidação do momento em que Lacan se interessou pela Linguística e, a segunda, ao esclarecimento dos conceitos que ele privilegiou.

Assim, no que segue, primeiramente recuperamos o movimento feito por Jacques Lacan quando se interessou pela utilização da Linguística feita por Claude Lévi-Strauss e, então, por meio do comentário de um texto de Jacques-Alain Miller (1985), buscaremos esclarecer qual foi o uso que Lacan fez da palavra “estrutura” para construir os parâmetros de sua clínica psicanalítica.

### **2.1. O momento em que Lacan teve seu interesse pela linguagem despertado**

Ao recorrer a conceitos e operações da Linguística estrutural, Lacan recupera a virulência que a Psicanálise perdera com os “pós-freudianos” (LACAN, 1998, 244-246) e, com isso, constrói o que se convencionou chamar de sua primeira clínica. Embora o psicanalista francês tenha absorvido o conceito de estrutura, logo o subverteu ao nela introduzir o sujeito, que estava justamente excluído do estruturalismo tal como o pensou um de seus principais expoentes, Claude Lévi-Strauss.

Ilustraremos a abordagem da primeira clínica de Lacan – a chamada clínica do significante - com um exemplo clínico proveniente de nossa prática como

psicanalista. Trata-se do caso de Maria José<sup>34</sup>, uma bem-sucedida profissional de 35 anos, que dizia ter sempre sido infeliz no amor.

No início de sua análise, foi possível para a analista, autora desta dissertação, perceber que, em grande parte, o motivo dos sucessivos fracassos amorosos poderia ser atribuído à ambiguidade da posição da moça, que, em relação aos seus namorados, ora se colocava em posição masculina, ora se colocava em posição feminina.

Sabendo da importância que o significante tem no inconsciente, não foi tão difícil para a analista perceber que a posição sexuada de sua paciente já estava anunciada em seu nome próprio, composto por meio da justaposição de um nome masculino e de um nome feminino.

A hora de intervir<sup>35</sup>, interpretando, apresentou-se quando, ao narrar uma conversa com suas amigas, Maria José afirmou ter dito o seguinte: “*Já não se fazem mais homens como nós*”. Acreditando na instância da letra no inconsciente (LACAN, 1998, p. 496) para provocar uma escansão, o analista interrompe a sessão neste exato momento e se despede da paciente dizendo: “*Tchau, José...*”.

Essa escansão pode iluminar a dimensão da palavra dita em transferência, distinta da palavra tal como abordada pela Linguística. É sabido que tanto os psicanalistas quanto os linguistas trabalham com o mesmo material: a língua. Entretanto, acreditamos que a diferença do estatuto que se dá à palavra em uma ou outra área se liga ao fato de que, na Psicanálise, o mesmo significante, utilizado de maneira equívoca, remete, como nos disse Freud, a uma “Outra Cena”.

Quando Maria José diz “já não se fazem mais homens como nós”, mostra que, na “Outra Cena”, já inclui tanto suas amigas como a si mesma em uma posição de homem. Examinemos mais de perto esse enunciado. Podemos considerá-lo sob duas vertentes:

---

<sup>34</sup> Por cuidados éticos de preservação do anonimato da analisante, esclareça-se que “Maria José” é um nome fictício.

<sup>35</sup> Com relação à “hora de intervir”, cumpre esclarecer que a escuta do psicanalista não obedece a um tempo cronológico, mas a um tempo lógico, tempo do inconsciente. A atenção flutuante, um dos pilares do dispositivo analítico colocado por Freud, permite ao analista ficar à espreita de um tropeço na fala do paciente que lhe permita intervir. (Cf. LACAN, 1998, p. 203-213). No caso que comentamos, o momento da intervenção chegou, apenas, quando a paciente enunciou uma frase que apontava para sua posição subjetiva. Era preciso que a paciente pudesse se dar conta do significante que a representava, já contido no seu nome.

1. “homens como nós” pode ser escutado assim: “como nós, que somos legais, bonitas, simpáticas”;
2. por outro lado, pode ser escutado desse outro modo: “enquanto nós somos homens”.

No primeiro caso, ela se inclui entre as mulheres, no segundo, entre os homens.

Sabemos que fenômenos linguísticos como o mal entendido e as ambiguidades não são ignorados pela Linguística<sup>36</sup>. Esses mesmos enunciados vão ter lugar em uma análise, mas serão escutados não como erros, imprecisões ou mesmo como ambiguidades, mas como produtores *de saber para aquele que não sabe que sabe*. Oferecem ao analista a possibilidade de captar uma fagulha do inconsciente daquele que fala. O enunciado de Maria José – “*Já não se fazem mais homens como nós*” - a representa como sujeito para aquele que a escuta - o analista não poderia deixar passar esse dizer sem sancioná-lo e sem remetê-lo ao sintoma de seu paciente.

Lacan (1953), no *Discurso de Roma*, afirma que tudo é palavra, e que, para além delas, nada mais existe: é com as palavras que o paciente vai ter de se haver. É também no *Discurso de Roma* que Lacan nos diz que o sujeito vai ser o que se constitui na análise, ele nunca está desde já, mas se constitui na e pela fala. Sabemos também que o significante vai ser o que vai representar um sujeito perante outro significante. No caso de Maria José, seu nome era o que a representava, não somente como seu nome próprio, mas como o significante que não lhe possibilitava uma posição melhor na estrutura<sup>37</sup>.

---

<sup>36</sup> Por exemplo, enunciados são ambíguos, admite Chomsky – sendo necessário “desambiguiá-los” para atingir uma representação de estrutura profunda (CHOMSKY, 1957).

<sup>37</sup> Aqui opera o que se chama, em Psicanálise, de identidade à letra. O paciente está amalgamado com o seu sintoma e, por isso, não pode escutá-lo, pois só podemos ouvir o que nos é exterior. Quando a letra falseia, o paciente pode descolar-se de seu sintoma, podendo, por isso, ouvi-lo. Para isso é imprescindível a presença do analista, que o faz perceber a falha de seu discurso e possibilita que ela seja ressignificada. O mesmo acontecia no caso do esquecimento do nome Signorelli da parte de Freud, que foi analisado por Lacan no *Seminário V* (1957-1958). Freud não podia se lembrar do nome do pintor que havia criado os afrescos da catedral de Orvieto, porque ele mesmo, Freud, conforme o exame de Lacan, estava presente no significante esquecido. O início de seu nome “sig” era o mesmo do nome do pintor “Signorelli”. Era o fato de “sig” estar amalgamado com Freud, em razão de seu nome, que fazia com que ele não conseguisse lembrar o nome desejado. É a isso que chamamos de “identidade à letra”.

Na vinheta aqui introduzida, pareceu-nos importante que a paciente pudesse dar-se conta de sua oscilação entre as posições de homem e de mulher. Como dissemos, o nome da paciente continha essa ambiguidade – ao dizer “Tchau, José”, a analista a surpreende, de modo que ela é tocada pela letra que representava seu sintoma e que coincidia com o seu nome. Mas a isso, que é da ordem de seu sintoma, o sujeito não chega sozinho, justamente porque ele não escuta o que diz. Para que uma escuta se instaure, é preciso, portanto, que haja a intervenção do analista. Em *Psicanálise*, diz-se que a intervenção do analista é sancionada do lugar do Grande Outro (A), lugar de verificação da verdade, condição para que o nome da paciente “ressoe” a letra de seu sintoma.

Para o psicanalista, não é a “comunicação” que está em causa: não se trata de responder ao enunciado do analisante no registro da linguagem cotidiana, mas de destacar um significante relacionado a uma posição de enunciação, dando-lhe relevo. O psicanalista, portanto, não responde como interlocutor, não se interessa pelo significado manifesto do enunciado e nem pela descrição linguística do que é dito. Na fala do analisante, ele escuta aquilo que lhe permitirá incidir numa “posição desejante” que o vai constituir como sujeito responsável por sua enunciação. Como afirmava Lacan, “da nossa posição de sujeitos somos sempre responsáveis”.

Vislumbra-se, nesse momento, a especificidade do uso da palavra que é dirigida ao psicanalista. Não é a mesma coisa narrar algo fora e dentro da sessão de análise. As palavras utilizadas na narrativa podem ser as mesmas, mas, com certeza, a posição ocupada pelo analista para escutá-las será bem diferente. O psicanalista lacaniano toma a palavra como algo que pode veicular o inconsciente compreendido como uma instância de superfície, a ser lido por meio de suas manifestações no corpo, na pele, nos relatos de sonhos, nas frases truncadas etc.

Ao contrário do que pensavam os sucessores de Freud, que tomavam a palavra “inconsciente” como antônimo de “consciente”<sup>38</sup>, o psicanalista lacaniano compreende que o inconsciente é passível de apreensão, sempre parcial e evanescente, por meio das palavras ditas em transferência<sup>39</sup>. Este ponto da reflexão

<sup>38</sup> Sobre essa questão, confira, por exemplo, dois textos de Lacan no Seminário 11 (1964), “A excomunhão”, e “O inconsciente freudiano e o Nosso”, e outro de (1960) “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”.

<sup>39</sup> A transferência é o nome dado, em *Psicanálise*, ao laço que une o analisando ao seu analista e por meio do qual o que está sendo relatado transcende o aqui e agora e remete à *Outra Cena*.

parece-nos adequado para lembrar que Lacan já nos ensinou que, como se viu no exemplo da paciente Maria José, que acabamos de relatar, o inconsciente não tem outra estrutura que a de uma linguagem. Assim, ele só existe na forma do que podemos conhecer dele: as palavras, os objetos *parlantes* que constituem o inconsciente. Desse modo, fica fácil compreender porque, desde seu advento, a Psicanálise teve uma relação estreita com a linguagem, mas nem sempre com a Linguística.

A obra de Lacan vai ser um verdadeiro divisor de águas, como assinalou Milner (1995). Se Freud se dedicou a dar provas e a examinar os fenômenos linguageiros enquanto manifestações do inconsciente, Lacan, com a mediação de Jakobson, fez com que esses fenômenos fossem tratados com os mesmos conceitos que esse linguista utilizava para descrever as falas dos pacientes afásicos: a metáfora e a metonímia.

Neste ponto da reflexão, é possível dar contornos mais claros para as diferenças do conceito de “sujeito” nos dois campos aqui discutidos. Vale dizer que, na Psicanálise, a linguagem, em si mesma, não é “objeto”. Se o psicanalista se volta à linguagem é porque ela é “condição do inconsciente” (LACAN, 1972, p. 490).

Assim, as referidas diferenças podem ser apreendidas das elaborações de Jakobson e de Lacan. Enquanto Jakobson se interessava pelo sujeito empírico acometido pelas afasias, e, portanto, voltava-se à sua condição de falante, o psicanalista voltava-se ao sujeito que é falado.

Para o linguista, ele é o “emissor de fala”, que veicula significados<sup>40</sup> porque tem intenções, informações ou vontades a comunicar. Para o psicanalista, o sujeito *é falado no que diz* – é puro efeito de significante. Segundo Lacan, o “inconsciente é algo que fala no sujeito, além do sujeito, e mesmo quando o sujeito não o sabe, e diz sobre isso mais do que crê” (LACAN, 1955, p. 52).

Concordamos, portanto, com Milner (1995), quando o autor ressalta que as dimensões da linguagem mais importantes para a Psicanálise são aquelas de que a Linguística não trata, ou seja, as dimensões que envolvem a fala, o sujeito e o seu corpo. Esta observação do linguista remete às questões que permanecem como

---

<sup>40</sup> Esclarecemos que esta afirmação a respeito das elaborações de Jakobson decorre de nosso respeito pelas teorizações críticas desenvolvidas pelos linguistas envolvidos em dois movimentos: o Interacionismo (IEL-UNICAMP, LAEL-PUCSP e UFPE) e a Clínica de Linguagem (LAEL-PUCSP).

pano de fundo para esta investigação: Qual é o poder da palavra na clínica? Por que ela cura?

Tanto para a Psicanálise quanto para a Linguística, o homem está imerso na linguagem. Contudo, o objeto do linguista tende ao universal da linguagem (propriedades e objetos teóricos), enquanto que, para o analista, a singularidade da fala é o meio de que ele dispõe para ter acesso ao inconsciente de seu paciente.

São essas questões que nortearão a reflexão que se segue. Até aqui, procuramos mostrar a aproximação da Linguística e da Psicanálise feita por Lacan, com a adoção do estruturalismo com paradigma teórico. Como veremos adiante, será a partir das modificações por ele operadas no conceito de significante, por meio da intersecção do Outro da estrutura da palavra com o Outro da estrutura da linguagem, que Lacan reconstruirá e relerá a clínica de Freud.

Ainda na direção de pontuar elementos importantes do momento em que Lacan teve seu interesse pela linguagem despertado, é importante indicar, ainda que de forma sintética, os pilares da “primeira clínica de Lacan”. Para o psicanalista, o ser falante pode apreender sua realidade por meio de três registros: o **imaginário** (instância das identificações e das relações especulares), o **simbólico** (instância da nomeação que introduz uma distância nessa seleção dual) e o **real** (registro daquilo que é impossível ser simbolizado, o inominável) (LACAN, 1953b).<sup>41</sup>

Afetado pelo encontro com Jakobson e com a Linguística Estrutural, Lacan inicialmente privilegiou o registro do simbólico na elaboração da clínica do significante. Assim, o sujeito da primeira clínica lacaniana era coerente com o homem do século XX que, sob o domínio da linguagem, aparece como “sujeito-falante”, dividido entre seu enunciado (o que ele diz) e a enunciação (lugar de onde diz). Naquele momento, Lacan deu enorme atenção a três textos de Freud, em que a questão da linguagem tem grande relevo: *A Psicopatologia de vida cotidiana*, *O chiste e sua relação com o Inconsciente* e *a Interpretação dos Sonhos*. Lacan, tocado pela Linguística, constrói uma clínica voltada aos deslizamentos do sentido pelo “desfiladeiro do significante”. Assentado nessas bases, Lacan fala do “inconsciente estruturado como uma linguagem”.

---

<sup>41</sup> Para maior esclarecimento a respeito de como um linguista se apropriou desta leitura de Lacan, recomendamos a leitura de Milner (2006), *Os nomes indistintos*, dedicado à discussão a respeito dos registros do Real, Simbólico e Imaginário.

É com esta base que Lacan nos fala do inconsciente estruturado como uma linguagem. O analisante, segundo Lacan, deve ser ouvido à letra. Para o psicanalista, ouvir à letra é homólogo a ouvir o deslizamento do significante, sem sobrepor a ele uma explicação, sem substancializá-lo com um significado próprio. O analista o relança, mais uma vez, na cadeia do significante para que o paciente possa extrair daí algum saber. Vemos, assim, a presença do estruturalismo na clínica de Lacan, como ele próprio explicitou:

[...] leiam Saussure, e, já que um campanário pode esconder até mesmo o sol, esclareço que não se trata da assinatura encontrada na psicanálise, mas de Ferdinand, que pode ser chamado fundador da Linguística moderna. (LACAN, 1956, p. 414-15)

Lacan convida os psicanalistas a lerem Saussure e a ficarem sensíveis à presença das locuções, pausas, sentenças, cortes, períodos, paralelismos próprios aos discursos de seus pacientes. Segundo Dosse “é esse suporte da análise, um suporte linguístico, estruturado, o que faz de Lacan um estruturalista” (2007, p. 161).

Resta, para finalizarmos esses comentários sobre a relação de Lacan com o estruturalismo, falar de um artigo de Lévi-Strauss que foi fundamental para Lacan elaborar sua nova visão acerca do inconsciente: “A eficácia simbólica”. Escrito em 1940, ele faz parte, hoje, dos textos reunidos sob o nome de *Antropologia estrutural*.

Para mostrar a força do simbólico, Lévi-Strauss apresenta o relato de cura xamânica. Expondo um caso de parto difícil, o antropólogo pontua a intervenção do xamã, depositário legítimo das crenças aceitas por determinado grupo. A paciente vai se curar por intervenções míticas e não “objetivas”. O parto complicado será não só explicado à parturiente pelo xamã, mas, também, encaixado em um sistema.

O xamã usa as palavras que pertencem ao universo da paciente para dar forma, por em palavras o que a aflige. O que ela desconhece torna-se, então, conhecido e inteligível para ela. Como ele cura? Para explicar esse efeito, Lévi-Strauss mostra a existência de uma isomorfia entre a estrutura do inconsciente e a do mito. Em suas palavras:

O inconsciente deixa de ser o inefável refúgio das particularidades individuais, o repositório de uma história única que faz de cada um de nós um ser insubstituível. Reduz-se a um termo com o qual designamos uma função, a função simbólica, especificamente humana sem dúvida, mas que

em todos os homens se exerce segundo as mesmas leis. (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 219)

A divisão proposta por Claude Lévi-Strauss entre subconsciente e inconsciente pode nos ajudar a aprofundar a utilização que Lacan fez da Linguística. Enquanto o subconsciente fica sendo o repositório de emoções, lembranças e pulsões, o inconsciente é entendido como pura estrutura. Por esse motivo, os elementos provenientes do subconsciente, como lembranças, emoções, afetos, só vão adquirir sentido quando o “inconsciente o organiza de acordo com suas leis, fazendo dele, assim, um discurso”. (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 219).

Entende-se, assim, a semelhança entre xamanismo e Psicanálise para o autor:

O vocabulário importa menos do que a estrutura. O mito, quer seja recriado pelo sujeito quer seja retomado da tradição, só tira de suas fontes individual ou coletiva (...) o material de imagens com que opera. A estrutura permanece a mesma, e é por ela que a função simbólica se realiza. (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 219)

A conhecida formulação de Lacan “inconsciente é estruturado como uma linguagem” deve-se ao artigo a *Eficácia simbólica*, de Lévi-Strauss, de onde retiramos o excerto que acabamos de transcrever.

Com esta breve síntese, acreditamos ter indicado a importância do estruturalismo para o pensamento de Jacques Lacan.

## **2.2. De Saussure a Jakobson: elementos mínimos para compreender a linguagem como estrutura**

Feitas essas considerações, resta pontuar as diferenças entre a noção de “estrutura” na Linguística e na Psicanálise, na qual a noção de sujeito do desejo inconsciente (LACAN, 1960) está incluída.

Neste ponto da reflexão, torna-se relevante trazer, ainda que brevemente, elementos de um texto cujo objetivo manifesto era de restituir, na obra de Lacan,

uma “lógica do significante”. Para o autor, ela diz respeito ao comportamento do significante em relação a todos os campos do saber. (MILLER, 1966).

Apoiando-se nas elaborações do filósofo Jacques Derrida, Miller salientou que, na referida lógica, o sujeito tem uma relação de “sutura” com a cadeia de seus enunciados. Ela figura como um “lugar tenente” que porta uma falta. Para o autor, furar a sutura exige que se distinga a letra (sem sentido, ligada ao traço unário) do sentido explícito de uma dada sequência verbal.

Dada a existência da sutura, temos, assim, uma dupla possibilidade: ou bem o falante sutura o sentido e deixa sua relação com o que Lacan nomeia como “traço unário” aberta; ou bem o falante, ao aderir ao sentido, que está no campo do Outro, sutura o “traço unário”. A necessidade dessa opção esteve como pano de fundo durante todo percurso de Lacan pela Linguística estruturalista. Por esse motivo, no que segue, vamos expor como o estruturalismo lacaniano se configurou.

### **2.2.1. O estruturalismo lacaniano: a força da *diferença* em Saussure para um psicanalista**

O sentido que Lacan deu à palavra “estrutura” pode ficar mais claro recorrendo-se a um texto de Jacques-Alain Miller (1985), a respeito do início do ensino de Lacan nas décadas de 1950-1960, período em que o estruturalismo estava bastante prestigiado na França.

Miller esclareceu que, na década de 50, na França, se deu a difusão do estruturalismo na literatura. Mostrou que, entretanto, não foi essa abordagem que interessou a Lacan. O psicanalista privilegiou o estruturalismo desenvolvido por Ferdinand de Saussure (1995), alvo de nosso comentário em seção precedente.

Ao constatar que no seio da ciência Linguística se diz que a Linguística estrutural está superada, a partir de sua substituição pelo gerativismo nos anos 70, Miller desenvolveu um raciocínio dialogando com aqueles que poderiam concluir que, conseqüentemente, um ensino dependente dessa perspectiva – como, à primeira vista, parece ser o de Lacan - estaria superado também. Visando a avaliar a

atualidade do ensino de Lacan, Miller levanta as seguintes questões, que destacamos pela estreita correlação com o objeto do presente trabalho:

- 1) há dependência de Lacan em relação à Linguística estrutural?
- 2) o que do estruturalismo hoje é importante para a experiência analítica?

Miller sustenta que Lacan tirou proveito de dois desdobramentos daquela que foi considerada a ciência piloto para as ciências humanas: (1) do *binarismo fonológico* proposto por Jakobson (uma oposição em que um traço só se define em relação a outro traço) e (2) do aproveitamento dessas idéias por Lévi-Strauss (2008) nas “Estruturas Elementares de Parentesco”, a partir de seu contato com Jakobson. Temos, aqui, a famosa tríade que apoiou o começo do ensino de Lacan, em especial no “Discurso de Roma” (LACAN, 1953).

A noção saussureana de *valor* é presença na fundação da Fonologia (de Jakobson) – o binarismo de suas oposições é expressão de um raciocínio que se afasta das “substâncias”. Essa filiação imprime toda a diferença em relação aos demais estruturalismos. Lacan recorre ao estruturalismo linguístico (Saussure e Jakobson) para afastar-se de doutrinas substancialistas. Interessa a ele o “valor” – o fato de que, como já afirmado, quando se fala em “estrutura”, seus elementos serão determinados em sua relação e oposição com os outros. Então, não existe o em si, nada é desde já, o que existe é sempre o em relação a, sempre em uma oposição de, no mínimo, dois. Miller afirma claramente que o binarismo de Jakobson – presente em Lacan – vai ser uma “herança direta da hipótese estruturalista: o mínimo do significante é sempre dois”. (MILLER, 1985, p. 92).

Lacan, com Saussure e com Jakobson, recorre ao estruturalismo para afastar-se de doutrinas substancialistas. A ele interessa o fato de que, como já afirmado, quando se fala de estrutura, os elementos vão sempre se definir em oposição aos outros. Miller afirma que o binarismo de Jakobson – presente em Lacan – é “herança direta da hipótese estruturalista: o mínimo do significante é sempre dois”. (MILLER, 1985, p. 92). Vemos que o estruturalismo assumido por Lacan é um anti-substancialista, coerente com o raciocínio de Saussure, para quem, na língua, *só existem diferenças*.

Resumidamente as implicações e as consequências do estruturalismo na teoria de Lacan, apontados por Miller, estão listadas abaixo. Elas iluminam o que passou da Linguística para a Psicanálise:

- a) *A noção de estrutura como cadeia*, na qual nenhum elemento tem valor em si, mas, sim, o adquire por meio da oposição a outro elemento;
- b) *A noção de conjunto de definições correlativas*, no qual cada elemento da cadeia encontra seu parâmetro, ou seja, vê-se referido ao modo de funcionamento de cada língua particular;
- c) *A noção do Outro como terceiro ao binarismo*, suposição que permite sustentar o cotejamento dos pares mínimos referindo-os a um lugar de observação externo do qual se torna possível depreender o traço que sustenta a oposição;
- d) *O efeito de leveza produzido pela desistência de encontrar um termo positivo*, termo este que deixa de existir a partir do momento em que só vemos diferenças na língua;
- e) *A distinção entre significante e significado*, que permite abordar uma língua particular independente de seu uso pelos falantes; e
- f) *A introdução de uma tópica*, que decorre do fato de que as relações implicam lugares e posições.

Lendo os itens que acabamos de listar, podemos perceber que, na avaliação de Miller, Lacan adota o conceito de estrutura e, nele, busca o sujeito. Em suas palavras: “Assim o traço próprio do estruturalismo de Lacan, e não sabemos como a psicanálise poderia prescindir disto, é incluir o sujeito na hipótese estruturalista” (MILLER, 1985, p. 98).

Essa inclusão do sujeito na hipótese estruturalista, acrescenta ele, fez com que Lévi-Strauss e Jakobson nunca entendessem Lacan. Em suas palavras: “Sei disto pela própria boca de Jakobson; ele achava Jacques encantador, mas incompreensível” (MILLER, 1985, p. 98).

Na avaliação de Miller, é a partir da entrada do sujeito na estrutura que irão divergir “verdadeiramente os caminhos do estruturalismo e de Lacan.” (MILLER,

1985, p. 99). Ele se propõe, então, a demonstrar que quando se admite que o sujeito é vazio, isso implica falar, simultaneamente, em estrutura e inconsciente.

Nesse ponto, Miller levanta uma questão que julgamos essencial. É imperativo indicar, mais precisamente, como Lacan *deduz* o sujeito vazio da estrutura. Isso porque o sujeito não é um elemento estranho à estrutura, adicionado a ela artificialmente, mas faz parte de sua própria constituição. A esse respeito, Miller cita o próprio Lacan, no texto “Subversão do Sujeito e dialética do desejo”: “A estrutura da linguagem uma vez reconhecida no inconsciente, que classe de sujeito podemos conceber-lhe?” (MILLER, 1985, p. 99).

Lacan retomou a estrutura da palavra advinda de Saussure e de Jakobson, via Hegel lido por Kojève. Introduziu uma dissimetria entre os interlocutores, pois, para Lacan, aquele que ouve determina o sentido do que foi dito, ocupando, assim, o lugar de mestre.

Surge aqui grande Outro (A) como figura utilizada por Lacan: aquele a quem sancionará o dizer daquele que fala, que, a partir desta sanção, pode se reconhecer. Nesse sentido, o que Lacan chama de “palavra verdadeira”, nada mais é do que “uma palavra onde o sujeito só se designará a si mesmo por alusão, quer dizer situando de início ao Outro que o escuta para voltar a encontrar em seu retorno seu próprio estatuto”. (MILLER, 1985, p. 100).

Assim, quando alguém fala, diz mais do que quer dizer, pois, além do simples falar, existe outra dimensão no seu falar: a dimensão do desejo, enfatizada por Lacan (1960).<sup>42</sup> Jacques-Alain Miller diz que um sujeito bastante particular, o sujeito barrado lacaniano, surgirá da intersecção da estrutura da palavra com a estrutura da linguagem.

O sujeito pelo qual a Psicanálise se interessará, portanto, é o sujeito do inconsciente, o sujeito do desejo (nomeado, por Lacan como “sujeito barrado”, em alusão a sua representação gráfica “\$”). São os atos falhos e tropeços na língua que vão denunciar seu aparecimento. Por isso, Jacques-Alain Miller afirma que “O sujeito não é reconhecível na cadeia significante senão quando se produzem nessa cadeia

---

<sup>42</sup> Esse aspecto pode ser encontrado desde Freud, por ocasião da escuta das históricas. Quando lhes era perguntado algo, diziam que não sabiam o que tinham, mas que sabiam precisar falar. Para elas, ficava evidente o papel curativo e terapêutico da linguagem. Trata-se, portanto, de fazer comparecer o que excede à comunicação: o sujeito do desejo inconsciente.

irregularidades, dissimetrias, tropeços, que assinalam precisamente que está ali, presente, algo que só conta por faltar” (MILLER, 1985, p. 102).

Resumidamente, podemos afirmar que as diferenças nas concepções de sujeito se correlacionam aos diferentes modos de entender a estrutura. Para os estruturalistas, quando o sujeito nasce, a língua é externa a ele, que a usa. Para Lacan, ele é usado por ela. Embora essa afirmação possa parecer exótica, é importante lembrar que a língua preexiste ao nascimento do sujeito. Assim, para Lacan, tanto a língua quanto o sujeito passam a ter existência empírica por meio da ação de um ser falante.

Ao longo deste capítulo, procuramos mostrar como Lacan apropria-se, fundamentalmente de conceitos da Linguística estruturalista, postulando que o inconsciente está estruturado como uma linguagem. Buscamos, com Miller, indicar que a aproximação do autor foi na direção de Saussure, via Jakobson e Lévi-Strauss. Com Miller, entendemos ainda que Lacan não “introduziu” o sujeito da estrutura como um apêndice artificial, mas o deduziu dela.

A partir dessa dedução, a língua, que é igual para todos (universal), vai permitir que o sujeito, singular, possa constituir-se nela e por ela. Jacques-Alain Miller e Jean Claude Milner, portanto, aproximam-se ao admitir que a inclusão do sujeito do inconsciente na estrutura marca o ponto de ruptura entre Linguística e Psicanálise. A partir daí, podemos localizar o sujeito do desejo na estrutura.

Por esse motivo, muito depois (no Seminário XX (1972-1973), já mencionado aqui), Lacan dirá que, em Psicanálise, não se está mais no domínio da Linguística e, sim, da *Linguisteria*. Cumpre dizer, portanto, que o presente capítulo visou a mostrar as bases que permitiram construir os frutos, para Psicanálise, do encontro de Jacques Lacan com a Linguística, frutos esses que, nesse momento, serão apenas aludidos por meio da necessidade ética, para a Psicanálise, de construir uma “teoria da linguagem” referida ao corpo do sujeito falante.

### 3. Psicanálise e Linguística, o que já se disse dessa relação

Lá vou eu de novo como um tolo  
 Procurar o desconsolo  
 Que cansei de conhecer  
 Novos dias tristes, noites claras  
 Versos, cartas, minha cara  
 Ainda volto a lhe escrever  
 Pra dizer que isso é pecado  
 Eu trago o peito tão marcado  
 De lembranças do passado  
 E você sabe a razão

BUARQUE, Chico. *Retrato em branco e preto*, 1968.

A tentativa de articular Linguística e Psicanálise já foi realizada, de diferentes maneiras, por pesquisadores que nos precederam. Vimos, com Jean-Claude Milner e Jacques-Alain Miller que, embora a Psicanálise tenha rompido com a Linguística, essa última, como diria Chico Buarque, deixou-lhe “o peito tão marcado de lembranças do passado” que, ressignificadas, já se integraram à fisionomia da Psicanálise lacaniana.

Este capítulo visa, portanto, a expor o que alguns linguistas, que se dedicaram a estudar os efeitos do encontro entre os dois campos do saber, disseram a respeito dessa integração. Para tal fim, ele está dividido em duas partes. Na primeira, dedicamo-nos a apresentar as contribuições de dois pesquisadores franceses, Claudine Normand e Michel Arrivé. Normand analisou o artigo de Milner que serviu de mote a esta dissertação; Michel Arrivé, por sua vez, escreveu uma obra cujo título coincide com o do texto de Milner, *Linguística e Psicanálise*. Na segunda, apresentaremos as ideias de pesquisadores brasileiros que também admitem esse enlace e dedicam-se a refletir seriamente a seu respeito, entre eles Lier-DeVitto.

### 3.1. O que disseram os pesquisadores franceses?

Arrivé e Normand (1998) organizaram uma coletânea de trinta e três trabalhos que, de diferentes modos, tematizaram a Linguística e a Psicanálise. A coletânea reúne os textos que foram alvos de exposição oral e de debates no *Colloque international de Cerisy-La Salle* (na França), realizado em setembro de 1998. A referida coletânea é dividida nas cinco grandes partes que se seguem: 1) *A comunicação: do que se trata?*, dedicada ao exame do conceito de “comunicação”; 2) *Enunciação?*, voltada a questões gerais a respeito da noção de sujeito; 3) *A língua às voltas com o inconsciente*, que aborda questões relativas aos efeitos da língua no psiquismo humano; 4) *Encontros teóricos*, na qual grandes pensadores (Saussure, Lacan, Hjelmslev) são colocados em confronto; e 5) *Linguagem e Lógica do significante*, dedicada, mais especificamente, à noção de significante.

Por sua estreita relação com a temática do presente trabalho, destacamos, a seguir, as ponderações de Claudine Normand.

#### 3.1.1. Linguística e/ou Psicanálise

Remetendo-se ao texto de Milner que, conforme explicitado na introdução, serviu como mote para a presente dissertação, Normand (1998), em seu trabalho “Linguística e/ou Psicanálise: de sua relação, se ela existe” (no original, “Linguistique et/ou Psychanalyse: de leur relation si elle existe”), afirma que Milner encerrou sua reflexão de modo abrupto e inconcluso, pois deixa em aberto a questão de saber se a ciência Linguística pode ouvir o discurso analítico e considerar, em suas pesquisas, o fato de o linguista ser ele próprio um sujeito falante e, por isso, participar de seu objeto.

Para discutir se a relação entre Linguística e Psicanálise existe e como ela se pôs efetivamente, Claudine Normand fez uma análise tendo como referência as conjunções “e”, aditiva e “ou”, alternativa e excludente. Examinou: a) o uso do “e”; b)

o do “ou”; e c) o uso de “e/ou”, que passamos a resumir na sequência. Depois, analisou as consequências dessas considerações.

- a) **Uso do conectivo “e”**: Para Normand, o conectivo “e” indica mais do que uma adição, uma ligação entre as duas disciplinas que seria “natural”. Em sua avaliação, o uso do “e” estabelece uma prioridade da primeira (Linguística) sobre a segunda (Psicanálise). O “e” é, nesse sentido, tendencioso, pois exclui a interferência que a Psicanálise, com a noção de sujeito do inconsciente, poderia ter sobre a Linguística. Assim posta, a relação torna-se de mão única. Na avaliação de Normand, o uso do “e” aponta para o fato de que apenas a Linguística teria contribuído para a formação da Psicanálise lacaniana. O “e”, contudo, pode, também, apontar para a disjunção entre as duas disciplinas, apontando para um “ou” excludente. Ele estaria apontando que a Linguística teria recusado considerar as consequências da noção de sujeito do inconsciente.
- b) **Uso do conectivo “ou”**: Normand ressalta que se, por um lado, Lacan apoderou-se de conceitos desenvolvidos pela Linguística como *estrutura*, barra interna ao signo, significante e sujeito da enunciação, graças aos quais elaborou noções como “alíngua” e “falasser”, por outro, os linguistas ficaram surdos aos efeitos que essas noções, que implicam o conceito de inconsciente, teriam sobre suas teorias linguísticas. Dessa maneira, Jakobson responde às questões colocadas sobre o sujeito da enunciação com base nas teorias da comunicação e da intersubjetividade, “vilipendiadas” – para retomar o termo de Normand – por Lacan em seu *Seminário XX*. Linguística e Psicanálise separam-se e Lacan, considerando que o que ele fazia não era da ordem da Linguística, já que envolvia o inconsciente, deixa esse campo a Jakobson e inaugura o que chamou de *linguisteria*:

Mas se consideramos tudo o que, pela definição da linguagem, se segue quanto à fundação do sujeito, tão renovada, tão subvertida por Freud, que é lá que se garante tudo que de sua boca se afirmou como o inconsciente, então será preciso, para deixar a Jakobson seu domínio reservado, forjar alguma outra palavra. Chamarei a isso de *linguisteria*. [...] Meu dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem não é do campo da linguística. (LACAN, 1985, p. 25)

Para Normand, Milner (em muitas de suas obras escritas entre 1978 e 1997) é o grande representante de um **ou** de exclusão, relativo a uma relação de incomunicabilidade entre os campos de saber. Outra autora que, na avaliação de Normand, vai na mesma direção de Milner é Kristeva (1999), pesquisadora que enfatiza que, ao se passar de um domínio para o outro, a linguagem escutada pelo analista não será a mesma dos linguistas.

- c) **Uso de “e/ou”:** Para Normand, “e” e “ou” não se excluem, de modo que Linguística e Psicanálise podem operar ora juntas, ora em alternância. Em suas palavras: “A orelha analítica e a orelha linguística operam aqui alternativamente ou juntas. Do enunciado mais trivial pode surgir o *Witz* que se torna dado de língua.” (NORMAND, 1998, p. 28). Por um lado, a língua, objeto do linguista, comportará sempre o desejo do linguista.<sup>43</sup> Por outro lado, os mecanismos comuns à língua não deixam de auxiliar o psicanalista a capturar o sujeito do inconsciente, já que não é necessariamente a partir de tropeços ou “agramaticalidades” que o sujeito vai se fazer *na* e *pela* fala. “A língua em seu uso mais comum, nas trivialidades de seus sintagmas feitos e nas chicanas da sintaxe, oferece toda espécie de passagem ao inconsciente” (NORMAND, 1998, p. 28).

Normand pondera que o centro da complicação para o estabelecimento dessa relação é a noção de sujeito da Psicanálise. Não podendo ignorá-la totalmente, o linguista vai tentar reduzi-la à descrição das marcas da enunciação no enunciado:

O que da língua está “em excesso”, a “floresta da linguagem”, não pode ser integrado à escrita da linguística que, em nome da ciência, exige completude e homogeneidade. O linguista só pode ignorar a falta, obriga-se a ignorá-la, e se ele se autoriza a assinalar esses “dados de impossível” que surgem no discurso de um sujeito, ele deve remetê-los para a descrição das marcas do “sujeito falante”, de seus efeitos sobre a sintaxe. (NORMAND, 1998, p. 24)

Enfim, para Normand, o linguista deve abrir mão de tudo que escapa à Linguística. Retornando a Milner, lembramos que

---

<sup>43</sup> Como mostrará Milner em *L’amour de la langue* (1978), a observação da língua envolve a escuta “da palavra própria à cura”. Comentaremos pormenorizadamente este aspecto no capítulo cinco deste trabalho.

os jogos de linguagem (chistes, lapsos, etc.), aos quais a psicanálise se atém, são certamente constituídos a partir da linguagem e suas estruturas... Estes jogos de palavras só interessam a psicanálise na medida em que marcam a emergência de um sujeito. Somente daí nascem os efeitos de sentido que eles operam. Ora, a Linguística não pode apreender nada de uma tal emergência. (MILNER, 1995, p.6)

Frisamos que o elemento que vai, então, escapar da órbita pretendida pela ciência Linguística é matéria para a Psicanálise. Se, para a Linguística, há o reconhecimento de marcas de subjetividade no enunciado (BENVENISTE, 1989, 1991); para a Psicanálise, por outro lado, o sujeito da enunciação não se limita ao *shifters*, às marcas do discurso, podendo manifestar-se onde menos se espera:

Nesse tipo de escuta em que a orelha analítica e a orelha linguística se confortam, percebemos que o sujeito da enunciação, longe de se limitar a uma categoria de unidades lingüísticas cujo papel e o lugar seriam bem delimitados (os famosos *shifters*) pode se manifestar e multiplicar as significações em qualquer lugar, onde menos esperaríamos. (NORMAND, 1998, p.29)

Assim, o sujeito a que a Psicanálise se refere é aquele que escapa dessas marcas, porque se presentifica mais além delas com um chiste ou um ato falho, por exemplo. É justamente por essa peculiaridade que se demonstra a presença da *lalangue* sempre prestes a tomar de assalto a língua.

Neste momento, retomamos ainda as palavras de Milner (1995, p. 2) “na medida em que a linguagem importa para a psicanálise, esta se constituirá propriamente nos limites da Linguística, admitindo-se, entretanto, que, ao dizer “limite”, diz-se, também, contato constante”.

Como podemos então falar desse sujeito tão heterogêneo e ao mesmo tempo tão aparente em suas manifestações? Para a Psicanálise, como exaustivamente mostrado por Milner, o sujeito é a se constituir na e pela fala, nos momentos nos quais essa “infecção” da língua pela *lalangue* acontece. Citando Normand (1998, p. 25), “é assim que o “amor da língua”, no linguista, concede sua parte à verdade (do desejo) e renuncia ao gozo (da escrita)”.

Normand ressalta que após o período em que a Linguística se permitiu incorporar o desejo do linguista, deixando-se “afetar” (“infectar?”) pela “escuta da

palavra própria à cura” (NORMAND, 1998, p. 27) –os caminhos se separaram, não houve “interdisciplinaridade”<sup>44</sup>.

O sonho era que se pudesse haver uma completude, na qual uma ciência pudesse esclarecer a outra, não havendo disputa de conceitos e sim uma complementaridade dos mesmos. Em suas palavras: “As duas disciplinas descobertas ao mesmo tempo deviam se esclarecer uma pela outra e permitir construir um novo objeto de pesquisa, coisa completamente diferente do produto bastardo da interdisciplinaridade”. (NORMAND, 1998, p. 27).<sup>45</sup> Entretanto, na avaliação de Normand, esse sonho não vingou. Os caminhos dessas duas ciências se separam. Enquanto a Psicanálise foi buscar o sujeito que se manifesta em sua fala, a Linguística vai se centrar em um objeto não menos fugidio, a língua, tentando tornar visíveis os mecanismos comuns da língua a partir dos quais um sujeito constrói sentidos quando fala.

Posto isso, cumpre esclarecer que não queremos, aqui, ignorar os esforços dos pesquisadores que trabalham adotando outras abordagens para articular as duas áreas, como, por exemplo, os que, entre outros, constam na introdução do presente trabalho. Por esta razão, no que segue, aproveitaremos as contribuições de um escritor, um dos raros linguistas que tem interesse em estudar os problemas do inconsciente e suas relações com a linguagem: Michel Arrivé, autor que declara querer usar de simplicidade para abordar essa relação.

---

<sup>44</sup> Não cabe, neste trabalho, discutir o esforço da Análise do Discurso Francesa em incorporar o conceito psicanalítico de sujeito em seu discurso. É possível, porém, indicar que *sujeito do inconsciente* e *sujeito da ideologia* não são instâncias análogas e nunca puderam ser teoricamente articulados. Sobre essa discussão, ver, por exemplo, Leite (1994). A respeito dos efeitos da Psicanálise no Interacionismo e na Clínica de Linguagem leia-se (DE LEMOS, 2002, 2007; LEMOS, T., 2002; FARIA, 2004; LIER-DEVITTO, 2006, 2011; SILVEIRA, 2007). Devemos dizer, ainda, que a problemática da interdisciplinaridade é tema constitutivo dos campos e debatido, portanto, por vários autores. Arantes (2001) e Andrade (2003) tratam dessa questão e dos efeitos “Frankenstein”. Lajonquière (1993) também discute essa interdisciplinaridade.

<sup>45</sup> Remetemos uma vez mais ao comentário de Canguilhem que citamos em nossa introdução, segundo o qual é impossível conceitos passarem sem deformações de um campo do saber para outro, pois cada ciência tem uma episteme própria, à qual não se pode, simplesmente, somar elementos de outra ciência com o intuito de “completá-la”.

### 3.1.2. É possível contornar a fronteira entre Linguística e Psicanálise?

Para a melhor compreensão de nossa proposta, vamos nos basear em um dos artigos do livro de Arrivé (1994) *Linguística e Psicanálise* - Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e Outros. O livro em questão se divide em duas partes, a saber: na primeira, examina os aspectos do conceito de símbolo para a Linguística e para a Psicanálise e, na segunda, Arrivé aborda a noção de significante nessas duas disciplinas.

O denominador comum utilizado pelo autor para estabelecer o exame dessa relação será o aspecto da homonímia presente nos conceitos que perpassam as duas disciplinas. Neste trabalho, abordaremos apenas o conceito de “significante”.

O linguista analisa a homonímia da palavra significante, “tal como aparece em Saussure e tal como aparece em Lacan” (ARRIVÉ, 1994, p. 95). Em sua avaliação, a homonímia é intensificada pelo fato de o léxico lacaniano ter sido tomado emprestado do léxico saussureano. Afirma que essa relação entre os significantes é muito mais complexa do que a relação entre, por exemplo, o símbolo saussureano e o lacaniano, pois, em sua avaliação, são empregados de maneira absolutamente independente.

No início do capítulo, o autor cita o começo de seu percurso de leitura dos textos de Lacan, em 1966, com o livro *Escritos*, afirmando que só sabia de duas coisas que julgava estarem estreitamente ligadas: o fato do inconsciente estar estruturado como uma linguagem e a questão do significante como colocada por Lacan. Como é o próprio Arrivé quem declarou acreditar saber do que se tratava o inconsciente e como se estruturava uma linguagem, vemos que, com a leitura de Lacan, o autor julgava que iria “aprender melhor”.

Ele confessa-nos, entretanto, que essa esperança se mostrou ineficaz desde as primeiras leituras de Lacan, uma vez que, nas palavras do autor, “a linguagem como a qual está estruturado o inconsciente não se confunde com a linguagem tal como a concebem os linguistas”. (ARRIVÉ, 1994, p. 96) Além disso, tendo percebido que “o significante lacaniano não se confunde com seu homônimo saussureano”, o linguista percebeu que compreendia menos do que inicialmente julgou compreender.

A respeito do parentesco de uma e de outra concepção de significante, Arrivé afirma que a teoria do significante é inseparável da teoria do sujeito. Para argumentar a favor dessa postulação, cita a fórmula de Lacan quando postula que “um significante representa um sujeito para outro significante”. Acrescenta, inclusive, que a fórmula “é enigmática e recorrente” (ARRIVÉ, 1994, p. 97). Em favor de sua argumentação, ele insere várias observações retiradas dos *Seminários* de Lacan. Selecionamos a citação que Arrivé retirou do *Seminário Encore – Mais, ainda* (LACAN, 1972-73, p. 129): “O indivíduo que é afetado pelo inconsciente é o mesmo que faz o sujeito de um significante”. Arrivé faz essa citação para mostrar a necessidade de se levantar o problema das relações entre uso do significante “significante” para um campo e para outro.

Feita a introdução do seu texto, o linguista afirma que, sem se preocupar com a ordem, vai situar as divergências e semelhanças entre os dois ensinamentos: o de Saussure e o de Lacan. Segundo Arrivé, em Saussure existe efetivamente uma teoria do signo, a qual se integra totalmente na teoria do significante: “sem signo não há significante e nem significado”. (ARRIVÉ, 1994, p. 98)

O autor indica que, em Lacan, existe, de certa forma “marginal”, uma teoria do signo. Mostra, ainda, que essa não vai se articular com a teoria do significante. Entre os dois, existe uma disjunção completa: “significante (e significado) de um lado, signo de outro”. (ARRIVÉ, 1994, p.98). Nota-se, portanto, que Lacan radicalizou a não correspondência biunívoca entre significante e significado que já estava apontada em Saussure na noção de “valor linguístico”, que tirava a estabilidade do signo linguístico.

Arrivé (1994) demonstra, assim, a plasticidade desses conceitos que passam de um campo a outro. Essa é a sua maneira de trabalhar a relação entre Linguística e Psicanálise. No epílogo do livro, o autor vai rejeitar o termo ‘conclusão’ pois, para ele, não se trata de apresentar soluções definitivas, pois, como afirma Lacan “às vezes é mais importante sustentar o problema levantado do que resolvê-lo. Não há absolutamente nada de obrigatório em fazermos uma ideia qualquer de uma possível solução da questão proposta”. (LACAN, 1999, p. 437)

Arrivé usa uma metáfora para explicar como pensa as relações entre Linguística e Psicanálise. Segundo ele, embora haja uma “parede” que divide esses

campos de saber, as homonímias vão funcionar como furos por onde certos conceitos transitam de um campo para o outro.

Ao negar a possibilidade de fusão das duas disciplinas, Arrivé afirma que as “aberturas” na parede não podem ser feitas com violência, exigindo um trabalho artesanal de “serralheria conceitual”. Em suas palavras:

Nada de perpetrar violência: as portas não têm de ser forçadas. Não quer dizer que se abram de imediato. Um delicado trabalho de serralheria conceitual, deve a cada passo, empreender-se. Uma vez oferecido o caminho, descobre-se que é sinuoso e entrelaçado de chicanas. É precisamente nessas sinuosidades e chicanas que se dá o encontro dos conceitos das duas disciplinas. De modo mais íntimo e precioso do que se provocassem efusões descontroladas. (ARRIVÉ, 1994, p. 131-132)

No que segue, tentaremos mostrar como os pesquisadores brasileiros têm tentado abrir essas portas.

### **3.2. O que disseram os pesquisadores brasileiros?**

Na direção discutida por Milner (1995), podemos incluir, ainda, os pesquisadores brasileiros que se dedicaram à questão do difícil encontro entre os dois campos.

Dentre os pesquisadores que se dedicaram a discutir, de diferentes perspectivas, a relação entre Linguística e Psicanálise, está Coelho (2004). Em sua tese de doutoramento, intitulada “Clínica Geral: Psicanálise e Linguística”, o pesquisador parte de uma inquietação comum à nossa: entender, “até para nós mesmos”, (COELHO, 2004, p. 8) as relações entre Linguística e Psicanálise.

Após ter afirmado que, comumente, linguistas e psicanalistas não se entendem, por trabalharem a partir de perspectivas muito diversas,<sup>46</sup> Coelho se propôs a, tendo a clínica como ponto de partida, pensar essa relação do ponto de vista da Psicanálise. Em sua avaliação, as teorias psicanalíticas sempre se referem a conceitos da Linguística, embora ressaltem, insistentemente, que não se trata dos

---

<sup>46</sup> De acordo com Coelho (2004), os primeiros escondem o riso quando os psicanalistas começam a falar “besteiras” a respeito da Linguística, por não dominarem esse campo do conhecimento, e os segundos, por sua vez, reprovam os linguistas por não poderem admitir a “falta” em seu objeto.

mesmos conceitos. No nosso caso, a clínica não é o ponto de partida. Cotejando as duas disciplinas, teorizamos os momentos de encontros e de desencontros entre esta ciência e esta práxis.

Embora pudéssemos citar mais estudiosos que se debruçaram nessas questões<sup>47</sup>, vamos nos concentrar, aqui, nos trabalhos que pertencem ao grupo ao qual nos associamos enquanto mestrandia do Lael. Destaque deve ser atribuído a Lier-DeVitto, que, como já apontado, coordenou um Projeto Integrado (CNPq 522002/97-8), hoje Grupo de Pesquisa *Aquisição, patologias e clínica de linguagem* (2001 em diante)<sup>48</sup>.

Uma bibliografia extensa, e amplamente reconhecida no país e no exterior, foi produzida por ela e pelos pesquisadores filiados ao Grupo, nos últimos 15 anos. Nesse empenho teórico, criou-se uma Clínica de Linguagem, teoricamente instruída, de início, pela filiação declarada ao Interacionismo e ao Estruturalismo Europeu. Mais recentemente, a Psicanálise faz presença em discussões acadêmicas<sup>49</sup>, em

---

<sup>47</sup> Maliska (2010) foi outro autor brasileiro que, tendo se dedicado a examinar as relações entre Linguística e Psicanálise, reconheceu que “as possíveis articulações teóricas entre Linguística e Psicanálise já percorreram diversas e diferentes caminhos” (MALISKA, 2010, p.20). Admite, com Milner, que a Linguística só foi tomar forma e conteúdo no interior da Psicanálise com as observações de Lacan. Ele avança uma tese audaciosa, “a ideia de que a causalidade presente no texto saussureano é de ordem real” (MALISKA, 2010, p.24). A discussão dessa afirmação exigiria uma discussão mais aprofundada que não empreendemos aqui, por não corresponder aos objetivos de nosso trabalho.

<sup>48</sup> Segundo DeVitto, este título inaugura um campo, na borda da Fonoaudiologia que, descomprometida com qualquer teorização linguística, caminha aderida ao discurso organicista seja sobre “linguagem”, seja sobre “aquisição de linguagem”.

<sup>49</sup> A ideia de discutir o possível diálogo entre Linguística e Psicanálise foi uma ideia nossa, apresentada em maio de 2009 como pré-projeto para a seleção do Mestrado no LAEL. O título desse trabalho era “Psicanálise e Linguística: um diálogo possível?” No resumo daquele projeto já se delineava nitidamente o que seria a espinha dorsal de nossa dissertação e, por isso, permitimo-nos reproduzi-lo aqui: “Este projeto de pesquisa visa examinar algumas das possíveis conexões entre Psicanálise e Linguística. Elas serão abordadas a partir dos dois eixos de investigação: o primeiro diz respeito a se um dado conceito linguístico perde seu vigor e especificidade ao tornar-se psicanalítico; o segundo visa examinar se certos conceitos linguísticos ganham em vigor e especificidade ao tornarem-se psicanalítico.” No ano de 2010, Lier-DeVitto ministrou a disciplina “Linguística e Psicanálise: um diálogo balizado por restrições teóricas e empíricas”, no *Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem* (LAEL), na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Nessa disciplina, baseando-se no texto de Jean-Claude Milner, discuti aspectos relevantes à migração de conceitos entre os campos. Na ementa da disciplina, consta que a docente “propunha um diálogo que fosse balizado por restrições teóricas e empíricas”, afirmando “que desejava retomar questões de incorporação de conceitos de um campo para outro”.

artigos (LIER-DEVITTO, 2011a, 2011b) e em dissertações (EMENDABILI, 2010) e teses (FARIA, 2004; ANDRADE, 2003, CARNEVALE, 2008).

Posto isto, cumpre reconhecer que esta dissertação participa da produção que configura este momento profícuo do LAEL, em que a discussão da interdisciplinaridade é constitutiva. Lá, considera-se que todos os campos que assumem o contato com outros campos devem fazê-lo incluindo-os em termos de alteridade. (LIER-DEVITTO, 2005).

Avaliando a relação da Fonoaudiologia com a Linguística, Lier-DeVitto observa que:

[...] se a linguagem tem uma entrada tão enviesada na Fonoaudiologia, como supor que ela possa favorecer a reflexão sobre a terapia? Dispensada nas explicações dos quadros patológicos, a entrada de aparatos descritivos nas *avaliações de linguagem* apenas expõe o modo de relação da Fonoaudiologia à Linguística e sela o mau encontro, que, aliás, ganha expressão mais acentuada na tendência comportamentalista da *terapia de linguagem*. Mais recentemente, essa clínica tem dirigido apelos à Psicanálise. Considero que esta “outra aproximação” mereceria ser investigada. (LIER-DEVITTO, 2007, p.196)

Em 2011, Lier-DeVitto escreve o artigo, “Abordagem de falas sintomáticas: sobre a condição intervalar da Clínica de Linguagem entre a Linguística e a Psicanálise”, para discutir a relação do linguista, do clínico de linguagem e do psicanalista com a fala. Vejamos o que nos diz a autora sobre a relação da Clínica de Linguagem com a Linguística:

... falas sintomáticas ganharam, por efeito da na teorização da Clínica de Linguagem, *existência interna* ao campo da Linguística. O ganho dessa inclusão, pela via da explicitação de articulações significantes, não pôde, entretanto, favorecer um discernimento entre *erro* na fala e *sintoma* na fala: ambas as ocorrências ficam homogeneizadas na categoria “erro”... Parece-me importante dizer que a implementação de um raciocínio lingüístico nada tem de específico a dizer sobre falas sintomáticas. Frente a esse quadro, parece-me legítimo afirmar que *falas sintomáticas são um impossível para a Linguística* (LIER-DEVITTO, 2011a, p. 62) (itálico da autora).

Lier-DeVitto pergunta se falas sintomáticas teriam lugar na Psicanálise. Vejamos como ela responde:

Parto da afirmação de que essas *falas* não se confundem com as manifestações que dão validade à Psicanálise, ou seja, **elas não se confundem com as formações do inconsciente**. Vale assinalar que as

*formações do inconsciente* têm ocorrência esporádica e imprevisível, enquanto que as *falas sintomáticas* são composições estáveis, no sentido de serem a cristalização de uma anomalia, i.e., de lógica significativa indesejada que burla a língua constituída. Deve-se, ainda, considerar o fato de que os sintomas na fala *não* podem ser contornados, ocultados, ou seja, eles ficam expostos e expõem o falante em sua falta/falha. Procuro, com esse assinalamento, deixar nítida a separação entre formações do inconsciente e falas sintomáticas, ou melhor, as falas mais relevantes para Psicanálise e aquelas que pressionam a Clínica de Linguagem (LIER-DEVITTO, 2011a, p.62) (itálicas da autora, negrito noss).

DeVitto pergunta, a seguir, se *falas sintomáticas* interessariam para a Psicanálise e responde com Vorcaro (no prelo) que falas sintomáticas são recolhidas como *sinais* de quadros clínicos “*sem maior detenção às condições subjetivas ali incidentes*”. Elas podem até criar “constrangimentos clínicos” ao método psicanalítico e “causar estranhamento ao agente da clínica”<sup>50</sup>. Frente a tais declarações, Lier-DeVitto sustenta: “É necessário ir mais longe para trazer à luz a impossibilidade que falas sintomáticas são para a Linguística e, as dificuldades que, de certa forma, colocam para a Psicanálise” (LIER-DEVITTO, 2011a, p. 63). A relevância da reflexão acima é, acima de tudo, “o tom”, ou melhor, a assunção de que “contato” não é adesão de um campo a outro. Respeitar limites é o norte, como ela nos mostra<sup>51</sup>.

Finalmente, merece menção, ainda, um artigo de Silveira (2007) acerca da aquisição da linguagem, que foi baseado na obra de Cláudia Lemos. Em: “Um certo retorno à Linguística pela via da Psicanálise”, ela aborda o movimento da autora que, em seu retorno ao estruturalismo europeu, procurou examinar os efeitos da leitura feita por Jacques Lacan do estruturalismo. Silveira mostra que, dentre esses efeitos, está certa leitura do *Curso de Linguística Geral*: o privilégio dado por Lacan à “teoria do valor”, como procuramos deixar claro nesta dissertação. Em suas palavras, o que Cláudia Lemos demonstra é que:

<sup>50</sup> Ver, também, Vorcaro (2000).

<sup>51</sup> Em seu texto “Benveniste e o sintoma de linguagem: A enunciação do homem na língua” Flores (2006) inclui considerações sobre o *sintoma* de linguagem. Encontramos aí momentos muito solidários às preocupações de Lier-De Vitto que, citada pelo autor, afirma que “a Linguística, não toma para si a tarefa de estudar a ‘linguagem patológica’, isto é, a ‘polaridade normal/patológico não faz parte do programa científico da linguística” (LIER-DEVITTO, 2001, p. 247).

entender a *língua* enquanto “objeto de estudo” é **interditado ao pesquisador**. Além disso, a língua não perfaz uma unidade de observação na aquisição da linguagem, já que criança/adulto não são o foco da observação pelo que o olhar constata, mas pela estrutura que movimenta o que, nesta dupla, se dá como aquisição da linguagem. (SILVEIRA, 2007, p.33-34)

Depreende-se dessa abordagem que *la langue é funcionamento* e, como tal, não observável. Silveira toca na questão do sujeito (que a Linguística desconhece) e aponta para o movimento de De Lemos na direção da Psicanálise. Segundo ela, Lemos teria chegado, em sua elaboração a respeito da aquisição da linguagem, num impasse: a dificuldade de coadunar o sujeito empírico da aquisição da linguagem (a criança) com a noção de sujeito como efeito de linguagem. Silveira sublinha o fato importante de que tal movimento foi motivado pelo encontro com “falas de crianças” e “não uma solução importada de uma área que já tenha uma elaboração do sujeito, como a Psicanálise [...]” (SILVEIRA, 2007, p.55). Esse ponto é de importância: o caminho de uma disciplina para outra deve ser motivado por “problemas internos”, ou seja, internos ao campo que realiza o movimento.

Todos esses autores, ao seu modo, recuam frente à possibilidade de interdisciplinaridade. Podemos, com eles, valorar “o gesto de Lacan”, que nunca tendeu seja à interdisciplinaridade ou à complementaridade entre Psicanálise e Linguística.

Para encerrar a presente discussão, parece-nos adequado o assinalamento de Lier-DeVitto (comunicação pessoal). Ela disse que, na aproximação entre Psicanálise e Linguística, houve afetação, sem dúvida, mas com transformações profundas nos conceitos incorporados. Houve *contato, mas não uma articulação, nem complementaridade*. A linguista e psicanalista, aproveitando uma expressão de Milner, utilizada contra a tendência de se fazer “Psicanálise aplicada”, sugere que os conceitos e operações incorporados da Linguística, “interpretaram os da Psicanálise”.

É, portanto, sobre o signo daquilo que “interpreta a Psicanálise” que, a partir deste ponto, passaremos a nos concentrar exclusivamente no exame da obra de Lacan.

## 4. O amor de Lacan pela Linguística

Já que dizem que da última vez eu falei de amor, por que não retomá-lo neste nível, e sempre com a ideia de marcar a distância entre a linguística e a *linguisteria*?

(LACAN, Jacques, 1972-1973, p. 26)

A Linguística se descobre excedendo-se a si mesma. (MILNER, 2002, p. 147)

O objetivo deste capítulo é pontuar, nos diversos momentos da formulação de Lacan, as vicissitudes de seu amor pela Linguística que se dão a ver em seus movimentos de apropriação dessa ciência, marcados por sucessivas aproximações e deslocamentos ou, como dissemos no título deste trabalho, encontros e desencontros.

O capítulo está dividido em duas partes. Na primeira, a partir de um texto de Jean-Claude Milner (2002), nosso esforço será o de apresentar a especificidade da relação estabelecida por Lacan com a Linguística, em especial nos momentos em que se vale do conceito de estrutura para construir sua elaboração teórica. Na segunda, a partir do “Discurso de Roma”, proferido em 1953, buscaremos apontar o que Lacan destacou como essencial da clínica psicanalítica: a posição do analista ao escutar a fala do paciente.

### 4.1. Lacan e a Linguística: particularidades dessa relação

Em *Lacan / Ciência da linguagem e teoria da estrutura em Jacques Lacan*, Milner (2002) afirma que existe uma especificidade na relação estabelecida por Lacan com a Linguística. Tal especificidade não se configura como mero prolongamento da relação estabelecida com a Linguística pelos estudiosos que o precederam no humanismo (gramática, filosofia, tradução, retórica). Ao contrário,

Lacan escapa do que se fazia até então na práxis psicanalítica para, valendo-se da Linguística, construir uma nova elaboração.

Milner defende que a relação da Linguística com a Psicanálise deverá ser examinada em si e não por meio do recurso a elementos externos (MILNER, 2002, p.196). Para esse exame, propõe dois caminhos: ou a Psicanálise vai se interessar pelas propriedades da linguagem, estabelecidas pela ciência Linguística, ou, deixando de lado essas propriedades, vai interessar-se exclusivamente pelo método da ciência Linguística.

Nesse livro, posterior ao artigo de 1995, ele ainda se surpreende com Freud ao afirmar que ele dedicou “pouquíssimo interesse pelo método da linguística científica” (MILNER, 2002, p. 196). Recorde-se que no texto que motivou esta dissertação (MILNER, 1995), o autor já havia esclarecido que Freud se interessa grandemente, em contrapartida, pelas propriedades da linguagem que poderiam esclarecer as propriedades dos processos inconscientes.

Com relação a Lacan, poderíamos pensar que ele se concentra no método da ciência da linguagem. Contudo, como esclarece Milner, isso não é verdade. Assim como Freud, Lacan interessou-se pelas propriedades da linguagem e sua peculiaridade foi valer-se do conceito de estrutura que, como sabemos, tomou emprestado da Linguística estrutural. Nas palavras de Milner (2002, p. 197): “Lacan se interessa somente pelo fato geral que a linguagem tenha as propriedades nela estabelecidas pela linguística estruturalista” (MILNER, 2002, p. 197).

O enunciado “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, interpreta Milner, significa que se a linguagem tem propriedades de estrutura, também o inconsciente. Nesse ponto, vê-se a importância que a ciência da linguagem ganha para a compreensão da estruturação do inconsciente. Nas palavras do autor:

A Linguística desempenha, então, o papel de uma ciência que estabelece propriedades materiais de um objeto particular, da mesma forma que as ciências anatômicas ou fisiológicas o fazem para o corpo. Ela é tomada, portanto, como uma disciplina capaz de fornecer informações dignas de confiança sobre seu objeto. (MILNER, 1995, p. 02)

Importa pensarmos, agora, como Lacan abordou o conceito de estrutura na construção de sua clínica. Milner é explícito quanto ao questionamento trazido pela

afirmação de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Leiamos suas questões:

Encontramos aqui um paradoxo: ao dizer que a linguagem tem propriedades de estrutura, acaso dizemos que ela tem propriedades específicas? E se por ventura essas propriedades não fossem específicas em que teríamos caracterizado o inconsciente dizendo-o estruturado como uma linguagem? (MILNER, 2002, p. 197)

Para respondê-las, o linguista postula a necessidade de distinguirmos dois tipos de estruturalismo: o que chamou de “estruturalismo forte” e o que chamou de “estruturalismo fraco”. No “estruturalismo fraco”, teremos a predominância da abordagem das propriedades mínimas de um sistema qualquer, enquanto que, no “estruturalismo forte”, o que predomina não são as propriedades, mas o sistema enquanto dotado de propriedades.

Na avaliação de Milner, Lacan acreditou tanto no estruturalismo forte como no fraco. Não chega a dar um exemplo de texto no qual o psicanalista teria demonstrado a crença no estruturalismo forte, mas localiza a crença no estruturalismo fraco no momento em que Lacan dedicou-se a fazer o comentário do “Seminário da Carta Roubada” (LACAN, 1998)<sup>52</sup>.

Vejamos com Milner: “se o nome de um sistema qualquer é **estrutura**, o nome de um sistema qualquer *reduzido a suas propriedades mínimas* é **cadeia**” (MILNER, 2002, p. 197). Pois bem, a Linguística (leia-se aí, “Saussure”) pode estudar a *língua (la langue)* dessa maneira - o que prova, sublinha Milner, ser viável estabelecer uma teoria, ao mesmo tempo, “metodologicamente pura e empiricamente não-vazia no que diz respeito à cadeia”. Esta conquista da Linguística certamente afetou Lacan já que é dela que pode retirar o sentido de *significante* para sua obra, qual seja: “algo que só pode ser considerado a partir das

---

<sup>52</sup> Nesse Seminário, como lembra Dosse, Lacan mostrará o papel exercido pelo significante *carta* em uma estrutura hierárquica: “Ali se pode ver como em um sistema, cujos elementos e leis têm a menor especificidade possível, emergem regularidades e propriedades” (MILNER, 2002, p. 201). Os sujeitos não podiam ver que a carta “brilhava” em seu silêncio. Foi Dupin quem, ocupando o lugar do analista, localizou a carta que estava à vista de todos, mas não era percebida justamente porque não havia sido pontuada, mencionada, posta em relevo por alguém. Embora a polícia tenha procurado várias vezes a carta, por que não a encontrava? Exatamente porque a procurava utilizando o que acreditava ser a metodologia científica: esquadrihar sistematicamente todo o escritório do ministro.

propriedades mínimas que o convertem em elemento de um sistema” (MILNER, 2002, p. 146).

Se a Linguística trazia uma verdade com força de transmissão, é não menos importante lembrar que Lacan não foi um aplicador: houve, portanto, transformação no conceito de significante: “Lacan não o utiliza do mesmo modo que na Linguística” (MILNER, 2002, p. 146), isso porque a combinação entre *estruturalismo fraco* e *estruturalismo forte*, ambos articulados por Lacan, como dissemos acima, promove a emergência de uma contradição entre os termos “estrutura” e “linguístico”, como nos mostra Milner:

Para sermos precisos: se o nome “linguístico” designa em um sistema de linguagem aquilo que o distingue de qualquer outro sistema possível, os nomes “estrutura” e “cadeia” designam, em um sistema semelhante, aquilo que, justamente, não é específico do linguístico. Em particular, o termo “significante” [no sentido acima] designa aquilo que num elemento linguístico não é compatível com o linguístico em sua especificidade. (MILNER, 2002, p.146).

Os linguistas estruturalistas (Saussure, Jakobson e mesmo Benveniste) assumiram o *estruturalismo forte* (*só um sistema tem propriedades*) e sustentaram, por aí, a *especificidade do linguístico* (sistema, cadeia, significante). Lacan faz “uma forçagem deliberada”, afirma Milner. Lacan diz: “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” - o “como” tem aí toda a importância porque indica que apenas que *o inconsciente é estruturado, é sistema, mas não é o sistema linguístico*.

Metáfora e metonímia podem ser admitidas como operações estruturais gerais, ou seja: “uma teoria geral da cadeia é uma teoria da metáfora e da metonímia; reciprocamente, uma teoria da metáfora e da metonímia é uma teoria da cadeia” (MILNER, 2002, p.147). Desse modo, essas operações seriam aplicáveis a toda e qualquer estrutura.

A especificidade de **um** sistema/cadeia só pode ser recuperada, afirma Milner, através do seguinte enunciado: “**uma estrutura qualquer tem propriedades que não são quaisquer**” (MILNER, 2002, p.147). Esta proposição - subjacente ao trabalho de Lacan e nomeada “hiperestruturalista” por Milner - salvaria o enunciado “é estruturado como uma linguagem” do perigo da circularidade inscrita na afirmação de que “uma linguagem nada mais tem que propriedades de estrutura e não há

propriedades senão pela estrutura”, que confunde especificidades e afirma generalidades.

Segundo Milner, apenas a conjectura *hiperestruturalista* (que caracterizaria o trabalho de Lacan frente à Linguística) seria, ao mesmo tempo, “requisito de consistência e ponto de heresia”. Tê-la sustentado significou, para Lacan, uma “exclusão interna” em relação a estruturalismo, ou seja: “Lacan se inscreve neste paradigma com uma tese que o separa do estruturalismo” (MILNER, 2002, p. 148).

Esclarece-se, assim, a afirmação de Milner no texto “Linguística e Psicanálise”:

Na medida em que a linguagem determina de maneira decisiva a existência do inconsciente, ela não é, aos olhos de Lacan, o que é apreendido pela ciência linguística. E se a Linguística, como ciência, é importante para a Psicanálise, não é porque ela apreenderia o essencial do fenômeno linguagem. (MILNER, 1995, p.05)

“Essencial” da linguagem, na Psicanálise é que “o significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante” (LACAN, 1998, p. 833). –Lembremos que, para a Linguística estruturalista, não há lugar para uma teorização sobre o sujeito falante. O significante, como “efeito de operações do sistema”, ganha *valor* numa *cadeia* – mas, note-se, **ganha valor linguístico**, ou seja, propriedades estruturais específicas e significado.

Não há, porém, valor que possa ser remetido à singularidade de uma fala nem de um falante. Em que pese o fato (a verdade) de que a ideia de sistema/estrutura é legitimamente uma conquista linguística, a Linguística se dissolve caso introduza o *factum loquendi* (MILNER, 1987, p.44), uma vez que ele é, por definição, “assistemático” (como disse Saussure); “caótico” (como disse Chomsky). É dele que vive a Psicanálise. Milner conclui: Lacan adota a teoria geral da estrutura, mas ela é imediatamente teoria do significante e teoria do sujeito (do inconsciente) – “este é o núcleo duro”. (MILNER, 2002, p. 202)

Lacan, portanto, foi fiel a Freud, quem instituiu uma “escuta para fenômenos languageiros”. Lacan referirá tais fenômenos à estrutura. Por isso, Milner afirma que: “Se a estrutura enquanto estrutura qualquer deve ser o ponto de nó da doutrina do inconsciente e da ciência moderna, então, **uma invenção teórica é necessária**” (MILNER, 2002, p. 206). Esta “invenção” constitui-se no conceito de *linguisteria*,

termo inventado por Lacan. Este termo será assunto privilegiado no quinto capítulo da presente dissertação. Podemos adiantar que ele vem para distinguir, como vimos no início, o que é do linguista e o que é do psicanalista.

De fato, esse foi um movimento de Lacan. Em o *Aturdido* (LACAN, 1973), há um “adeus de Lacan à Linguística” (MILNER, 2002, p. 206), de modo que ele vai situar o Inconsciente onde a Linguística não está. Pensamos, assim, ter podido avançar um pouco mais na direção que é apontada no título deste trabalho: a relação de Lacan com a Linguística envolveu “encontros e desencontros”.

#### **4.2. O que escuta o psicanalista?**

Na direção de investigar o modo como Lacan apropriou-se de elementos da ciência Linguística para elaborar sua clínica, nesta seção, retomaremos o texto que, em 1953, o psicanalista proferiu no Instituto de Psicologia da Universidade de Roma, a saber: “Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise”, conhecido como “Discurso de Roma”.

Nesse discurso, Lacan tematiza como a formação do psicanalista se dá. Seu objetivo é recuperar o estatuto da fala do paciente na clínica psicanalítica. Devido à grande importância desse texto fundador, permitimo-nos alongar o debate a seu respeito.

Frisamos que essa conferência se trata do primeiro momento em que, explicitamente, Lacan demonstrou interesse na linguagem e deu à Linguística o papel de guia para nortear o psicanalista para longe de seus preconceitos. Ao salientar o papel de vanguarda que essa ciência tinha em relação à Antropologia de seu tempo, afirmou que os psicanalistas não poderiam ficar indiferentes a ela (LACAN, 1953, p. 286).

A novidade que esse texto trouxe no contexto em que foi produzido foi, portanto, pensar a fala não enquanto um caminho para a obtenção de um objetivo previamente estabelecido por um padrão de normalidade qualquer, mas, sim, tomá-

la como um meio para a elucidação da verdade inconsciente do sujeito que está em análise.

Iniciamos nosso comentário pelo título. Como sabemos, Saussure ([1916] 1995), ao estabelecer a dicotomia “língua” e “fala”, fixou na primeira o objeto da Linguística. No título de Lacan, percebemos o movimento inverso: seu foco de interesse se volta à fala, aquela efetivamente pronunciada pelo paciente e seu analista.

Lacan (1953) inicialmente pontua que seu objetivo é retomar o papel da fala introduzido por Freud na Psicanálise. Acreditamos que o propósito de Lacan foi o de mostrar que se deve permanecer na fala e examiná-la para fazer a Psicanálise operar.

Na avaliação do psicanalista, a fala tinha sido deixada de lado pela orientação psicanalítica dominante, à época, de inspiração behaviorista. Lacan comentou, inclusive, que a sobreposição do behaviorismo à Psicanálise, nos Estados Unidos, “Domina a tal ponto a noção psicológica na América que está claro que doravante supera por completo na psicanálise, a inspiração freudiana.” (LACAN, 1953, p. 247).

Para Lacan, seus colegas se equivocaram quando caíram na tentação de abandonar a fala a favor do exame do comportamento do paciente. Especificando o tipo de engodo que visava a combater, o autor explicitou:

Trata-se da tentação que se apresenta ao analista de abandonar o fundamento da fala, justamente em campos em que sua utilização, por confinar com o inefável, exigiria mais do que nunca seu exame: a saber, a pedagogia materna, a ajuda samaritana e a mestria/dominação dialética. (LACAN, 1953, p. 244)

Lacan é enfático em sua crítica aos “doutos” colegas que, seduzidos pelo seu narcisismo, deixaram de dar atenção à fala do paciente, gerando uma teorização medíocre. Para Lacan, esses descaminhos “só poderiam ser corrigidos por um mero retorno ao estudo, no qual o psicanalista deveria tornar-se mestre/senhor, das funções da fala.” (LACAN, 1953, p. 245). Justificando a necessidade desse retorno aos estudos, afirmou que nenhuma técnica “pode ser compreendida e nem corretamente aplicada, (...) quando se desconhecem os conceitos que a fundamentam” (LACAN, 1953, p. 247).

Por este motivo, a matéria prima do “Discurso de Roma” é o exame da função e o campo da fala e da linguagem na Psicanálise. Em suas palavras: “Nossa tarefa será demonstrar que esses conceitos só adquirem pleno sentido ao se orientarem num campo de linguagem, ao se orientarem na função da fala.” (LACAN, 1953, p. 247, o grifo é nosso).

O autor não deixa dúvida a respeito da importância que dá à fala do paciente. Afirma que a fala é o único meio que a Psicanálise conta para poder operar. Em suas palavras: “Quer se pretenda agente de cura, de formação ou de sondagem, a psicanálise dispõe de apenas um meio: a fala do paciente” (LACAN, 1953, p. 248).

Prosseguindo na sua exposição, passa a anunciar seu interesse no tipo de resposta que o analista vai dar ao escutar seu paciente. É enfático ao dizer que toda fala pede uma resposta. Esse último apontamento remete à ação do analista. Vimos que a crítica de Lacan incidia sobre os colegas que se colocavam a serviço de uma vertente comportamentalista, funcionando, portanto, como uma espécie de “operário especializado em inconsciente”.

Lacan, ao contrário, afirma que o psicanalista é aquele que, no seu lugar de escuta, ouve o discurso que lhe é dirigido na literalidade significante, sem buscar uma confrontação empírica baseada em uma realidade além das palavras. O que Lacan retoma não parece tratar-se do “elo perdido”, mas do que deve fazer o psicanalista com relação à fala que lhe é dirigida, a saber: ouvi-la em um aqui e agora.

Então, cumpre interrogar: O que se pode fazer com a fala? Numa sessão de análise, não se trata de monólogo, introspecção, mas que o paciente fale para um interlocutor cuja presença o leva a “associar livremente”. O autor enfatiza que a função do analista é ocupar o lugar de escuta da fala do paciente. A escuta psicanalítica não se resume a ouvir, requer que quem ocupa a função de analista esteja à altura do inconsciente do seu paciente. Para que isso ocorra, um trabalho é necessário. Citando o autor: “Pois trata-se realmente de um trabalho, e tanto é um trabalho que se pode dizer que ele exige uma aprendizagem, e chegar a ver nessa aprendizagem o valor formativo desse trabalho.” (LACAN, 1953, p. 250)

Lacan tenta mostrar o quão importante é o fato de o analista sustentar-se na função de escutar a fala ao extremo. Sustentar-se nessa função, nesse lugar, não

implica que o analista vá sempre dar um sentido à fala do paciente, ou mesmo desculpabilizá-lo das dores da sua vida. Parece-nos que Lacan aponta para a posição de escuta do analista que mantém viva a demanda, a vontade de continuar falando e sempre mais. Ele afirma: “a arte do analista deve consistir em suspender as certezas do sujeito, até que se consumem suas últimas miragens. E é no discurso que deve escandir-se a resolução delas.” (LACAN, 1953, p.253)

A importância de continuar falando reside no fato de que, mesmo que a fala do paciente pareça desgastada, a manutenção da vontade de continuar falando propiciará que uma Psicanálise aconteça. É na escuta dessa fala que o analista pode captar algo do analisando, pois é só através dela que a apreensão do inconsciente daquele que fala se dará. Por esse motivo, Lacan frisa a necessidade de se servir da relação imaginária para selecionar o que, daquilo que fala o paciente, deve ou não ser escutado. Em suas palavras:

O único objeto que está ao alcance do analista é a relação imaginária que o liga ao sujeito como *eu*, e, na impossibilidade de eliminá-la, é-lhe possível servir-se dela para regular o afluxo de seus ouvidos, segundo uso que a fisiologia de acordo com o evangelho mostra ser normal fazer: ouvidos *para não ouvir*, ou dito de outra maneira, para fazer a detecção do que deve ser ouvido. Pois não existem outros, nem terceiro nem quarto ouvidos, para uma transaudição - que se pretenderia direta - do inconsciente pelo inconsciente. (LACAN, 1953, p. 255)

Pode-se dizer que, naquele momento, Lacan alinha a escuta do analista ao que chama de “fala plena”, expressão que se opõe à “fala vazia”, o blá-blá-blá de quem espera que o analista se junte a ela em uma ilusão de completude imaginária. Por “fala plena”, Lacan entende a fala que, transcendendo o aqui e agora, possibilita ao sujeito ressignificar o seu passado que, por estar sendo narrado no presente, torna-se, por assim dizer, atual. Se o paciente conta um fato que lhe ocorreu no passado, não se trata de um simples reviver e, sim, de uma atualização da sua história que, como se vê na citação de Lacan, na sequência, relaciona-se com a verdade de seu desejo inconsciente.

Sejamos categóricos: não se trata, na anamnese psicanalítica de realidade, mas de verdade, porque o efeito de uma fala plena é reordenar as contingências passadas dando-lhes o sentido das necessidades por vir, tais

como as constitui a escassa liberdade pela qual o sujeito as faz presentes.  
(LACAN, 1953, p. 255)

Ao ler a citação que acabamos de inserir, percebe-se que, naquele momento de sua elaboração, Lacan diferencia “realidade”, referenciada aos fatos empíricos, e “verdade”, referenciada à interpretação singular e inconsciente que cada um faz da realidade vivida. Portanto, é interessante frisar que o conceito de inconsciente mobilizado por Lacan se relaciona com sua presentificação na fala. Não se trata de uma pré-existência, mas, sim, de algo que se dá na e pela narração. Nela, passado/presente, real/imaginário, não se apresentarão como antagônicos nem complementares, mas, sim, como a irrupção da verdade inconsciente na fala.

Percebemos, portanto, a coerência de Lacan com a elaboração freudiana a respeito da hipnose. Sabe-se que Freud nunca foi bom hipnotizador. Talvez, justamente por esse motivo, tenha colocado em questão o que seria mais verdadeiro: o narrado sobre o efeito da hipnose ou as produções do inconsciente que, involuntariamente, causavam efeito de estranhamento na narrativa feita fora da hipnose.

Ao se referir a Freud, Lacan afirma que a “rememoração hipnótica é, sem dúvida, reprodução do passado, mas é, sobretudo, uma representação falada e, como tal implica toda sorte de presenças” (LACAN, 1953, p. 256). Acreditamos que, aqui, Lacan se refira justamente a uma atualização do passado na história narrada do analisando. Ao narrar, o paciente apropria-se do seu dizer, ou seja, reconhece-se nos fatos narrados e os ressignifica em um aqui e agora.

Parece-nos que, assim procedendo, podemos de fato falar em uma psico-análise, uma vez que não estamos lidando com conteúdos mnêmicos e, sim, com o relato. A esse respeito, Lacan cita Freud: “É justamente essa assunção de sua história pelo sujeito, no que ele é constituído pela fala endereçada ao outro, que serve de fundamento ao novo método a que Freud deu o nome de psicanálise”. (LACAN, 1953, p. 258)

Lacan refere-se ao inconsciente como uma lacuna no discurso consciente. Assim, podemos perceber a importância da fala, não remetida à sua suposta coerência interna, mas, sim, à possibilidade de ser truncada pelas produções do inconsciente, definido por Lacan: “o capítulo de minha história que é marcado por

um branco ou ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado.” (LACAN, 1953, p. 260)

O autor frisa que esse “capítulo censurado” pode ser resgatado, posto que suas manifestações podem ser reconhecidas em vários lugares: no corpo, nas lembranças de infância, na evolução semântica. Podemos inferir que, aqui, Lacan começa já a delinear o que, mais tarde, vai ser construído em termos de uma concepção de inconsciente não como um ser das profundezas, mas, sim, da superfície.

Acreditamos que Lacan buscou nos mostrar a existência do inconsciente não como uma exterioridade a que o sujeito não pudesse ter acesso ou que não fizesse parte dele, mas como algo que, desde sempre, estava já fazendo parte de sua historicidade. Podemos falar em dois momentos, o tempo em que o sujeito vive os fatos e o tempo em que ele os narra. A história vivida sempre se dá em um palco já determinado, em certo contexto, no qual tem certo sentido. Nessa direção, ganha relevo o excerto que se segue, no qual Lacan explica como trata analiticamente sua concepção de inconsciente:

O que ensinamos o sujeito a reconhecer como seu inconsciente é sua história - ou seja, nós o ajudamos a perfazer a historicização atual dos fatos que já determinaram em sua existência um certo número de “reviravoltas” históricas. Mas, se eles tiveram esse papel, já foi como fatos históricos, isto é, como reconhecidos num certo sentido ou censurados numa certa ordem. (LACAN, 1953, p. 263)

A história narrada estará também referendada a todo um contexto que o sujeito lançará mão para contar, mas, ao assim proceder, vai se apropriar dessa narração e fará dela a sua história, nela acrescentando sua assinatura.

Por que Lacan releu Freud? Acreditamos que para retomar um fio inaugurado pelo pai da Psicanálise: as questões da linguagem. Dessa maneira, faz uma leitura absolutamente inovadora de Freud.

Na segunda parte do “Discurso de Roma”, Lacan recorre ao conceito de estrutura, o que lhe permite permanecer inteiramente no campo da linguagem. Desse modo, dá à Psicanálise o estatuto de ciência, sem que isso possa significar, nem a concordância com o positivismo, nem uma tendência a buscar a verdade em realidades não palpáveis.

O estruturalismo, a nosso ver, parece dar essa garantia, essa sustentação a Lacan. A escolha do estruturalismo, portanto, permite-lhe o assentamento de sua prática unicamente na fala. Para tanto, uma das primeiras obras que Lacan retoma de Freud é a *Interpretação dos Sonhos* (1900), pois, segundo Freud, o sonho tem a estrutura de uma frase.

Lacan enfatiza que aqueles que acreditam que, para além da linguagem, podem encontrar a verdade do paciente por meio de sensações físicas, estão tão enganados quanto os comportamentalistas. Mais uma vez, o psicanalista aponta para a fala, e somente para ela, como a única morada da verdade do sujeito.

A partir da citação da *Interpretação dos sonhos*, o psicanalista francês afirma que, para Freud, o importante é o relato do sonho e, tendo como ponto de apoio o estruturalismo, comenta: “[...] já está perfeitamente claro que o sintoma se resolve por inteiro numa análise linguageira, por ser ele mesmo estruturado como uma linguagem, por ser a linguagem cuja fala deve ser libertada.” (LACAN, 1953, p. 270)

Lacan ilustra mais uma vez a total impossibilidade de o sujeito ser dono de si. Até mesmo com relação às combinações aleatórias de números, segundo o autor, não há arbitrariedade, pois elas foram feitas por um sujeito específico; não há, portanto, liberdade de escolha, pois somos determinados por nosso inconsciente. “É na ordem de existência de suas [dos números] combinações”, diz Lacan, “isto é na linguagem concreta que eles representam que reside tudo o que a análise revela ao sujeito como seu inconsciente”. (LACAN, 1953, p. 271)

Outro texto de Freud abordado por Lacan é “O chiste e sua relação com o Inconsciente”, a partir do qual nos mostra que “o efeito do inconsciente é demonstrado até os confins de sua fineza” (LACAN, 1953, p. 271). Por meio da gratuidade do riso, vemos que, no chiste, diferentemente do sonho e do ato falho, existe um terceiro elemento: o tesouro do significante, ou, mais especificamente, um lugar ocupado pelo código, aquilo que Lacan chama, em vários de seus trabalhos, de “Grande Outro” (A).

Ao analisar o que está em jogo em uma Psicanálise, o autor francês explicita que o cerne da Psicanálise é “o problema das relações, no sujeito, entre a fala e a linguagem” (LACAN, 1953, p. 281). Em sua avaliação, essas relações são marcadas pelo que Lacan chamou de três “paradoxos”, a saber:

1. **A existência, na loucura, de uma fala que renunciou a se fazer reconhecer:** Lacan lembra que, ao contrário do que acontece com outras falas, não há dialética na loucura. Aí, o sujeito é “mais falado do que fala” (LACAN, 1953, p. 281). Lacan afirma que “há uma ausência de fala”, uma “estereotipia”, repetições sem troca. A loucura nega o princípio geral da inexistência de fala sem o outro, sem exigir uma resposta, ainda que seja o silêncio. O paradoxo encontra-se no fato de que essas formas embalsamadas não são, no entanto, uma prerrogativa da loucura. Elas também estão presentes na neurose e revelam-se nas formas de resistência.
2. **A existência, na economia constitutiva das diferentes neuroses, de uma fala que é expulsa do discurso concreto:** Trata-se do fato de que, na descoberta freudiana, que privilegia a neurose, os sintomas podem lidos. Lacan mostra que a legibilidade dos sintomas deve-se ao fato de que eles são “um significante de um significado recalcado” (LACAN, 1953, p. 282), ou seja, são um tipo de “fala” que foi expulsa do discurso concreto e, por esse motivo, teve de aparecer em outro lugar, como, por exemplo, na perturbação das funções naturais do sujeito. Como o sujeito está alienado em relação a sua fala, esses significantes só serão legíveis por meio da escuta do analista, que perceberá neles a marca do sintoma para aquele sujeito.
3. **O fato de que, na “civilização científica”, o sujeito “perde seu sentido nas objetivações do discurso” (LACAN, 1953, p. 282):** Dialogando com o homem da civilização científica que, historicamente, assumiu um “eu” do homem moderno, isto é, forjou uma exterioridade objetivada para poder falar de si, Lacan mostra que, ao fazê-lo, ele perdeu a possibilidade de reconhecer a “razão de seu ser na desordem que ela denuncia no mundo” (LACAN, 1953, p. 283). Sabemos que a tentativa da ciência foi sempre a de excluir o sujeito para poder assim manter-se em uma posição de objetividade em relação ao que constrói. Sabemos que a ciência sempre procurou ter uma relação de fidelidade com a linguagem, que se expressa por uma preocupação com a exatidão dos conceitos e univocidade. Assim, ao tentar dar à Psicanálise um

estatuto de ciência, Lacan vê-se às voltas com a seguinte dificuldade: Como aí incluir o sujeito e ainda assim garantir uma cientificidade?

Em suma, após examinar o que está em jogo na Psicanálise, podemos concluir que, em seu cerne, está o que Lacan nomeou como “um muro de linguagem que se opõe à fala” (LACAN, 1953, p. 283). Foi por esse motivo que o psicanalista voltou-se à Linguística de Saussure: para nela encontrar os instrumentos que lhe permitiriam melhor estudar a linguagem.

Podemos dizer, portanto, que o encontro entre a Psicanálise e a Linguística promovido por Lacan teve uma causa cuja delimitação não escapa a quem se interessa pelo assunto: ele visou a contornar o problema das relações, no sujeito, entre a fala e a linguagem. Trata-se, portanto, de um amor cuja causa foi, antes de qualquer coisa, o compromisso de um psicanalista com sua clínica.

Como já mencionado no primeiro capítulo deste trabalho, Milner (1995) mostra que a faceta dessa vertente amorosa do encontro promovido por Lacan ganhou figurações diferenciadas. Se, em um primeiro momento, Lacan tentou se aproximar da Linguística sem se deter no fato de que “Saussure tinha excluído de seu campo tudo o que dizia respeito à fala como lugar de emergência do sujeito.” (MILNER, 1995, p. 2), mais tarde, passou a marcar a diferença entre o que ele fazia e o que o pai da Linguística havia feito. Foi nesse contexto que forjou a palavra “*linguisteria*”, “para designar esta relação de proximidade incessante e heterogeneidade absoluta” (MILNER, 1995, p. 2). A ela passamos no próximo capítulo.

## 5. Linguística e Psicanálise: as pedras do caminho de Lacan

Já conheço as pedras do caminho  
 E sei também que ali sozinho  
 Eu vou ficar, tanto pior  
 O que é que eu posso contra o encanto  
 Desse amor que eu nego tanto  
 Evito tanto  
 E que no entanto  
 Volta sempre a enfeitiçar  
 Com seus mesmos tristes velhos fatos  
 Que num álbum de retrato  
 Eu teimo em colecionar

BUARQUE, Chico. Retrato em branco e preto, 1968.

O presente capítulo, dividido em quatro partes, tem como objetivo mostrar como, paulatinamente, Lacan abriu mão da esperança de poder sustentar seu discurso exclusivamente num diálogo entre a Psicanálise e a Linguística.

A distinção entre os registros Imaginário, Simbólico e Real é a “pedra de toque do ensino de Lacan” (MILLER, 1987/1999, p. 15), sendo que, em seu discurso, “cada um desses termos foi sucessivamente ocupando o primeiro lugar” (p.16).

Lacan (1949) começa pelo registro do Imaginário quando inicia na Psicanálise, descrevendo o “Estádio do Espelho”. Desde então, Lacan se empenhava em distinguir o Imaginário do Simbólico dando, durante certo tempo, prevalência a este último. Posteriormente, passou a privilegiar o Real. Nesse tempo, o diálogo teórico com a Linguística podia sofrer retração na medida em que, como assinalou Lier-DeVitto (comunicação pessoal), “um discurso psicanalítico sobre *estrutura, cadeia significante, significante* já estavam estabelecidos” (LIER-DEVITTO, no prelo).

Esta ponderação é importante porque, dentre outros objetivos, este trabalho procurou mostrar que o conceito de “*linguagem*” não é idêntico para a Psicanálise e para a Linguística. Portanto, essa aproximação só poderia levar a torções

conceituais profundas em palavras que, do ponto de vista da linguagem comum, são idênticas.

Para iluminar esse ponto, abordaremos a noção de *lalangue*, com Milner (1978) e, por meio da recuperação dos elementos que permitem compreender as mudanças sociais que acabaram promovendo as transformações na obra de Lacan, buscamos mostrar algumas das pedras do seu caminho.

Ainda que a discussão das razões dessas transformações escape ao escopo desta dissertação, para melhor esclarecimento cumpre apresentar uma sinopse dos argumentos que têm sido usados por sociólogos, filósofos e psicanalistas para descrevê-las.

### **5.1. Da explicação para a implicação: a mudança de predomínio da clínica do simbólico para a clínica do real**

As alterações da relação de Lacan com a Linguística tiveram motivação clínica. Partiram de sua constatação de que era necessário responder às grandes transformações sociais. Lacan notou que, quando Freud inventou a Psicanálise, a sociedade era sustentada pelo poder do pai. Com Freud, vemos que o Édipo é o conceito pelo qual toda clínica psicanalítica vai se orientar (FREUD, 1924). Este é um paradigma que orientava o mundo antes da globalização: o fato do ser humano sempre buscar as razões para o que se estava dizendo, buscar uma explicação e uma causalidade.

O gesto de Lacan foi singular. Mantendo a separação entre a Linguística e a Psicanálise, e dando consequência às diferenças entre seus objetos, tentou produzir um monólogo articulado (FORBES, 2009, p. 23) entre os dois campos. O psicanalista Jorge Forbes, no contexto da grande imprensa (FORBES, 2008), utilizou-se da expressão “monólogos articulados”, cunhada por ele, para se referir à capacidade, por parte dos jovens, de articular seus monólogos sem a necessidade de ter um referencial comum.

Dois anos depois, em sua tese de doutoramento (FORBES, 2010), a expressão foi retomada na vertente clínica psicanalítica para examinar uma série diversa de encontros humanos (o consultório, a empresa e a escola). Após examiná-los, Forbes constatou que monólogos podem se articular (FORBES, 2010, p. 126), sendo a possibilidade desta articulação o desafio século XXI.<sup>53</sup>

Quando Lacan iniciou sua releitura de Freud, afirmou que *a verdade* do sujeito estava para além do seu sintoma, aderida a um encadeamento das palavras, por associação livre (LACAN, 1960). Na Primeira Clínica, ou “Clínica do Significante” - marcada pelos embates e efeitos do encontro com a Linguística – a escuta do analista aguarda a irrupção, na cadeia associativa do analisante, de relatos de sonhos, de manifestações do inconsciente, de lapsos, de contradições, de interrupções e pausa, de desarticulações discursivas, de esquecimentos.

Ele pontua, realiza cortes, interpreta, visando a levar o analisante a “desvelar” a causa latente, encoberta de seu sintoma. No século XXI, a demanda da análise tende a ser outra. A multiplicidade de informações faz com que alguém chegue à clínica com uma queixa diferente: não suportar a angústia da escolha. Na Segunda Clínica de Lacan - afetada pelas elaborações sobre o Real - a escuta do analista tenta responder a isso. Não mira o “latente”, mas o “manifesto”, já que o sujeito é o seu *Sinthoma*, termo que esclareceremos na sequência. (LACAN, 1975-1976).

Mas, o que é, então, ser um analista nessa Segunda Clínica? Vejamos um diálogo de Lacan com seu analisante, trabalhado por Allouch:

No tom irritado que é habitualmente o deste tipo de afirmação, ele [o paciente de Lacan] diz: –*Puxa! Eu sou uma besta.*

Lacan: – *Não é porque você diz que não é verdade.*

(ALLOUCH, 1999, p. 39)

A incidência de Lacan, no diálogo que acabamos de transcrever, valora o que sujeito disse e o responsabiliza pelo seu enunciado. Sua réplica cortante e abrupta

---

<sup>53</sup> De fato, a sociedade civil não está indiferente às modificações deste novo século. Exemplo dessa inquietação foram as conferências intituladas “Fronteiras do Pensamento” que ocorreram, em 2011, em São Paulo. Elas foram ministradas por filósofos que têm uma visão praticamente unânime no que diz respeito aos valores atuais. Essa unanimidade se refere à existência daquilo que Luc Ferry (2008) nomeia como um “ácido” sobre os valores até então tidos como tradicionais para a humanidade, ácido este que deixou o homem globalizado sem parâmetros. Pela falta de referências externas, ele está passando por uma grande transformação, o que dificulta, senão inviabiliza, a formação de um pensamento hegemônico.

desconcerta o analisante e o silencia. Este seria o tipo de entrada paradigmática de um analista da Segunda Clínica. Sem qualquer complacência, o psicanalista *ressoa* o dito. A *réplica* de Lacan não é resposta, nem repetição, nem desvelamento de um saber “não sabido” - *é um ato* que dá peso ao dizer inconsequente do paciente.

Sem detalhar a análise da resposta de Lacan, gostaríamos de salientar que Lacan: 1) não busca encontrar uma causa para o atributo de “ser uma besta” aplicado pelo paciente a si mesmo; 2) não tenta dissuadi-lo de sua auto depreciação; e, sim 3) Dá consequência ao que o paciente afirma, ratificando o que ele disse.

Se uma interpretação do analista, da Primeira Clínica, como se diz, pode *abrir para “mais saber”*, o ato do analista, da Segunda Clínica, *limita o dito* do paciente para que ele não escape do que disse. A ideia de “decifração” perde espaço. O significante, portanto, é tomado em *à letra*, “ao pé da letra” – o analisante terá que se haver com ele, com a sua palavra, com o núcleo duro de seu sintoma. Como afirmado, não se trata de decifrar o sintoma, mas de levar o sujeito ao não-sentido - *não há nada a decifrar*.

Nessa clínica, sujeito e palavra, heterogêneos que são entre si, estão aderidos. O paciente é chamado a se responsabilizar pelo que diz e não a “compreender” o que disse - *não há sentido além da palavra dada*. Por isso, o analista faz com que ela apareça em sua dimensão própria – ela deve *resonner*, ressoar.

Uma vinheta clínica relatada por Forbes (2009b)<sup>54</sup> nos ajudará na discussão. Trata-se do caso de um paciente portador de ataxia espinocerebelar<sup>55</sup>, já em estado avançado, que foi atendido pelo Dr. Jorge Forbes. Por causa da doença, seus braços e pernas já estavam paralisados, fato que o levava a locomover-se com muita dificuldade. O paciente recebeu uma indicação de atendimento psicanalítico de emergência, pois, segundo a médica que o encaminhou, estava bastante deprimido.

---

<sup>54</sup> O diálogo a ser relatado ocorreu na *Clínica do Genoma Humano* (USP), dirigida pela Dra. Mayana Zatz e pelo Dr. Jorge Forbes. Maiores informações: <[http://genoma.ib.usp.br/?page\\_id=52](http://genoma.ib.usp.br/?page_id=52)>

<sup>55</sup> Doença neurovegetativa, que afeta o cerebelo e suas principais conexões. Maiores informações, confira: <<http://hdl.handle.net/10183/8680>>

Segundo Forbes (2009b), ao receber o paciente, faltou-lhe coragem para lhe perguntar: “e aí, tudo bem?”. Então, ao se dirigir a ele, apenas falou: “bom dia”. O paciente respondeu: “Dr., o senhor faz uma ideia de como é acordar e não saber se vou conseguir dar uns passos para ir ao banheiro?”

O que se seguiu à pergunta angustiada foi uma réplica até então concebida como inusitada, uma vez que o analista retira a doença do foco da compaixão. Jorge Forbes diz: “eu não tenho a menor ideia”. Segundo Forbes (2009b), a essa resposta se seguiu um silêncio que lhe pareceu muito grande. O analista suportou o silêncio, que foi quebrado pela fala seguinte do analisante: “verdade, o senhor não pode ter nenhuma ideia”. O analista retruca: “mas o senhor pode me contar”.

Se fôssemos ilustrar esse diálogo tal qual em uma mancha de livro, certamente deixaríamos algumas linhas em branco para figurar o silêncio que se seguiu à resposta inusitada de Forbes. O analista suporta a tensão do silêncio, que não é preenchido por uma aguardada “substância imaginária” acerca do sofrimento do paciente.

Esse *ato analítico* deixou espaço para o paciente começar a se colocar como sujeito e não como mera encarnação de uma doença. Ao ressoar a resposta do paciente, ao se recusar a dar consistência para aquela queixa, o analista vai na direção de uma fala que desloca os lugares comuns e permite que um sujeito se configure.

Lemos (2007), com relação às mudanças de Lacan a respeito da *escuta para o significante*, faz o seguinte comentário:

Em vez de significantes que se engavetavam, o que Lacan quer que se leia é o encontro, colisão de palavras, que produzem faíscas – brilho que queima. O que passa a apontar, em vez do lapso é o *pun*, o trocadilho que diz tanto do humor quanto do gozo de Joyce, assim como no lugar de uma “leitura outra”, de outro sentido, diz de *uma perda de sentido*. (LEMOS, 2007, p.19) (ênfase nossa)

Essa citação nos leva ao *Seminário 23*, ministrado entre 1975 e 1976. Ali, Lacan enfatiza a palavra *ressoar*<sup>56</sup>. Se o *sintoma* é uma escrita, é uma combinação literal que, por esse motivo, pode ser decifrado; o *Sinthoma* indica um modo singular

---

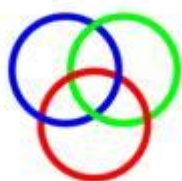
<sup>56</sup> *Sinthoma*, título do Seminário no qual essa noção apareceu, é uma recuperação, por parte de Lacan, da ortografia utilizada para a palavra “sintoma” no século XIV.

da relação entre o sujeito e seu modo singular de satisfação e, por isso, permanece opaco, não passível de apreensão pela via do simbólico. Daí se dizer que não existe sentido único que possa explicar a preferência por este ou aquele modo de satisfação.

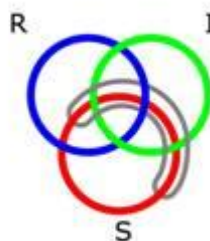
Lacan lançou mão de uma figura topológica, o nó borromeano, e trabalhou com as diversas possibilidades de seu enodamento para contemplar os diferentes modos de articulação de Real, Simbólico e Imaginário.

A Figura 1, que se segue, mostra a principal passagem existente entre a prevalência do Simbólico, que, para cada ser humano é sustentada pelas identificações fálicas, para aquela da prevalência do Real, impossível de ser simbolizado.

Figura 1 - Comparação entre duas modalidades de enodamento do nó borromeano



Nó com três aros



Nó enodado pelo *Sinthoma*

Embora o esclarecimento sobre a diferença entre os dois nós fuja ao escopo da dissertação, brevemente, é possível afirmar que no nó com três aros está pressuposta uma organização que se funda na dobra do real por meio da incidência do simbólico (LACAN, 1972-1973).

Posto isso, detenhamo-nos no exame do nó enodado pelo *Sinthoma*. Real, Simbólico e Imaginário apresentam-se unidos por um quarto círculo, que Lacan denomina *Sinthoma*. No nó enodado pelo *Sinthoma*, Lacan tentou dar uma solução para os casos nos quais esta dobra é inexistente. Reconhecendo, que, a partir da década de 70, quando proferiu esses Seminários, a predominância do Real estava ganhando força, trabalhou para formalizar modos alternativos de enodamento (LACAN, 1975-1976).

Lacan fala de Joyce para esclarecer o que pretende com termo *Sinthoma*. Ele destaca a importância do *artifício*, no sentido clássico de “modo engenhoso”, de “exercício de arte”. Em 1975, em conferência intitulada de “Joyce o *Sinthoma*”, Lacan trata da relação entre sintoma e *Sinthoma*. Segundo ele, a escrita de Joyce forneceu “o aparelho, a essência, a abstração” do sintoma. Lacan diz que o leitor de *Finnegans Wake*, de Joyce, defronta-se com *a pura trama literária da linguagem* e com o *trabalho do escritor que torna gozo opaco*. Lacan sustenta: Joyce não apenas tem sintomas (todos temos). A diferença é que, com sua arte, pôde inventar um *Sinthoma*. Dito de outro modo, o *Sinthoma* tem uma face indecifrável, mas que pode se propagar. Lacan frisa: *é possível gostar da obra de Joyce, mesmo quando não entendemos*. Isso indica uma verdade: o *significante ressoa*.

Assim sendo, cumpre formular a seguinte questão: quando algo nos toca, para além ou aquém da apreensão por meio do simbólico, onde este efeito se exerce? Lacan não nos deixa muito tempo sem esta resposta. Para ele, um significante, quando evacuado de sua carga simbólica ressoa no corpo do falante, como se lê no excerto a seguir:

Digamos que o que posso solicitar como resposta é da ordem de um apelo ao real não como ligado ao corpo, mas como diferente. Longe do corpo, existe a possibilidade do que eu chamei, da última vez, de ressonância, ou consonância. É no nível do real que essa consonância pode ser achada. Em relação a esses pólos que o corpo e a linguagem constituem, o real é que faz acordo. (LACAN, 1975-1976, p. 40)

Poderíamos concluir esta parte, por meio da qual estamos tentando direcionar a discussão para a inclusão **do corpo do falante** nos estudos linguísticos, com a diferença, feita por Lacan, entre *interpretar* e o *ressoar* (LACAN, 2007):

Existe uma série: sintoma, simbólico, linguagem;

- 1) Nesta série, colocaríamos a comunicação, a tentativa de compreensão;
- 2) Analogamente, existe a série: *Sinthoma*, Real, *lalangue*; e
- 3) Nela, colocaríamos a *ressonância* e a possibilidade de articulação dos monólogos.

Posto isso, cumpre esclarecer que diferença faz, para a discussão da presença de Lacan nos encontros e desencontros entre Psicanálise e Linguística, a mudança de perspectiva da organização psicossocial por meio do nó de três aros e da organização psicossocial por meio do *Sinthoma*. No primeiro caso, trata-se do encontro sustentado pelo simbólico. No segundo caso, por sua vez, trata-se do encontro por meio da ressonância. Evidentemente, os significantes continuam a ser usados, mas estão mais esvaziados de sua carga semântica que proporciona a comunicação.

Em que se reconheçam os equívocos de Lacan com relação à Linguística de seu tempo, ele fez uma equivalência do significante usado para fins comunicativos com a “linguagem” e reservou ao significante esvaziado de sentido o termo *lalangue*, apontando para a presença do corpo do falante em suas enunciações.

Na próxima seção, vamos nos dedicar ao esclarecimento desse conceito de *lalangue*, mencionado na série que acabamos de formalizar. A importância desse gesto reside no fato de que ele pode iluminar a presença de Lacan nos desencontros entre Psicanálise e Linguística.

## 5.2. *Lalangue*: turbulências na relação entre Linguística e Psicanálise

Que um único ser falante exista (...) ele é *falasser*: nele o ser e o falar não se desatam – se corrompem mutuamente um ao outro. (MILNER, 1978/1987, p. 61)

Na direção de esclarecer o que chamamos de “turbulência” na relação entre Linguística e Psicanálise, vamos, primeiramente, abordar um aspecto da noção de *lalangue* introduzida por Lacan. Para ele, “falamos porque não conseguimos nos juntar” – *lalangue* ficaria, nesse ambiente, referida à *impossibilidade de conjunção com o outro*, mesmo entre falantes de uma língua comum. Para o psicanalista, *lalangue*:

Isso quer dizer lalalá, a lalação, a saber, que é um fato que muito cedo o ser humano faz lalações, assim, basta ver um bebê, ouvi-lo, e que pouco a pouco há uma pessoa, a mãe, que é exatamente a mesma coisa, exceto por

se tratar de alguém encarnado, que lhe transmite *lalangue*. (LACAN, 1978, p. 105). (A tradução é nossa)

Lendo a citação que acabamos de transcrever, vê-se que Lacan relaciona *lalangue* com uma “língua” própria e indecifrável pelo outro - como a do bebê. Lalações são sequências sonoras articuladas pela homonímia. Vejamos como Milner descreve, no livro *L’amour de la langue*, o que a *lalangue* é: “(...) é o conjunto... copiar... até fazer signo”. (MILNER, 1978, pp. 64-65)

Para esclarecer, ao menos minimamente, como Milner explica a possibilidade de enlaçamento do desejo na *lalangue*, vamos, no que segue, destacar o capítulo intitulado “Sobre la langue”, em que as considerações de Milner ganham mais interesse para a presente dissertação, pois permitem perceber que é impossível falar de sujeito desejante no modelo de comunicação de Saussure (MILNER, 1978, p. 62-63).

Vê-se que, segundo Milner, a dimensão de *lalangue* tem relação com o corpo – instância que, por razões teóricas, não poderia ser considerada pela Linguística que se sustenta no ideal de que “o real da língua é da ordem do calculável” (MILNER, 1978/1987, p.7). Para se atingir a esse “ideal da ciência” há exigências:

- (1) Fazer da língua causa de si-mesma, não determinada por outra ordem qualquer (orgânica ou social ou psíquica);
- (2) Produzir uma escrita matemática: “um real representável para o cálculo”;
- (3) Fazer do falante o “suporte do cálculo”; e
- (4) Garantir a comunicação: dos falantes reterem, apenas, o fato de poderem ser, unicamente, “pontos de emissão e de recepção”.

As duas últimas condições acima enunciadas como necessárias à sustentação do “ideal da ciência” interessam-nos particularmente. Ora, se o falante é nada mais que suporte de um cálculo, ele só poderia ser abordado pelo viés da “mente” e “ponto de enunciação”. Nesse sentido, na Linguística, afirma Milner, o falante:

(...) é ponto sem divisão nem extensão, sem passado nem futuro, sem consciente e sem inconsciente, sem corpo – e sem outro desejo a não ser o

de enunciar. É o anjo que, desde sempre, imaja o que o sujeito se torna quando se retém dele (unicamente) a dimensão de pura enunciação (MILNER, 1978/1987, p. 7).

Mas se esse é o ideal do linguista, ele conflita frontalmente com aquele que concerne ao psicanalista. Basta considerarmos que *lalangue* é precisamente aquilo que, como *linguisteria*, cria a impossibilidade de conjugação entre Linguística e Psicanálise. Segundo Milner, o linguista, então, seria aquele que opera como se a língua fosse independente de um corpo falante – para ela, basta que o falante seja “suporte mental” da linguagem - do cálculo gramatical (LEMOS, 1995).

Entende-se, assim, que Milner faça referência a “anjos”, à relação entre espíritos e seres incorpóreos: nada, nesse caso, faria barreira à conjugação entre entidades – o trânsito entre mentes dispensaria a fala e mesmo a linguagem já que “tudo do outro se conheceria imediatamente” (MILNER, 1978/1987, p. 62). Disso decorre o corpo ser um verdadeiro obstáculo à conjugação. Ora ele tem, precisamente, lugar central na Psicanálise – nela, um corpo “tem passado e futuro, tem consciente e inconsciente”, ou seja, na Psicanálise, corpo é “matéria viva desejante” e submetida a todo tipo de contingência. Diversamente, também, do que ocorre na Linguística, corpo é *corpo falante* (*falasser*, nos termos de Lacan<sup>57</sup>) – a fala/linguagem é logicamente indispensável<sup>58</sup>.

Nesta dissertação, falamos do “amor de Lacan pela Linguística”. Podemos dizer que “um amor” (o de Lacan pela Linguística) fez suplência à impossibilidade de conjugação entre Linguística e Psicanálise. Motivado por esse amor, ele se aproximou da Linguística estrutural, dedicou-se à leitura e produziu diferença. Quem retoma ingenuamente o gesto de Lacan pode ficar com a ilusão de completude.<sup>59</sup> Como procuramos mostrar ao longo desta dissertação, trata-se de uma ilusão.

---

<sup>57</sup> Tradução do neologismo *parlêtre*, forjado por Lacan (1974).

<sup>58</sup> A operação lógica necessária para se chegar a isso nos remete à noção de “captura” do corpo pela linguagem, operação, mesma, da instituição do sujeito. A esse respeito ver os mecanismos da *alienação* e da *separação* (LACAN, 1964).

<sup>59</sup> Lembremos de que essa ilusão de completude foi também considerada, em um ensaio a respeito da revolta que é inerente ao ser humano, pelo escritor francês Albert Camus (2010). Em uma passagem de seu livro *L’homme révolté*, o autor nos mostra que o gosto da posse no amor é uma forma do desejo de durar e, também, que isso é, no entanto, impossível, posto que o homem é fadado a ser dividido, incompleto. Ele afirma: “Nenhum ser, mesmo o mais amado e que nos corresponde perfeitamente, nós nunca possuímos. Na terra cruel em que os amantes morrem às vezes separados, nascem sempre divididos, a posse total de um ser, a comunhão absoluta no tempo inteiro da vida é uma exigência impossível” (CAMUS, 2010, p.327). Lendo a citação, vemos que, para

Milner (1978/1987), por sua vez, perguntou-se a respeito do amor do linguista pela língua. Não cabe perguntar sobre o amor do linguista pela Psicanálise. Para ele, não há corpo, ele não reconhece o inconsciente e nem a Psicanálise, efetivamente. Mas, qual seria o *amor do linguista*?

Postulou Milner: “que o real da língua seja da ordem do calculável” (MILNER, 1978/87, p.7). Cabe, então, perguntar qual é o custo da operação a ser feita para que o real da língua seja da ordem do calculável. Já podemos dizer: pelo afastamento do corpo, pela obturação do tropeço, pelo recuo da fala como lugar de teorização. Apagam-se os espaços do heterogêneo, de *lalangue*. Faz-se reinar a ilusão da “mesmice”.

*Lalangue* obedece à lógica do não-todo, que escapa à intenção do falante de usar a palavra adequada, de atingir a adequação entre significante e significado ou entre palavra e coisa. *Lalangue* é inadequação: a verdade não chega pela via da adequação. Há fendas e derivas que são incidências do Real, um excesso que foge à simbolização.

Novarina (2009) diz que o real é fugidio, como uma fagulha (não é uma representação das coisas): “o real só aparece um instante para aquele que o rasga. É *súbito* e inesperado; *rasgado* e não revelado. Aparece em relances fulgurantes”. (NOVARINA, 2009 p.17). Sendo assim, podemos dizer que enquanto a Psicanálise se interessa pelos “relances fulgurantes” – eles são pontos de subjetivação na cadeia significante; a Linguística volta as suas costas para eles e passa o tempo a regularizar, a homogeneizar, a tamponar a ausência das palavras.

### 5.2.1. A ausência da palavra na literatura

Mesmo que a operação da Linguística na realização do ideal científico seja bem sucedida, esse ideal não se inscreve na esfera da Literatura. Ali, a demanda de

---

Camus, a conjunção entre dois seres não pode ocorrer. Essa perspectiva é análoga à de Milner, para quem tanto o amor à língua quanto as mentiras do amor vão se enraizar na *lalangue*, um lugar, uma instância onde será mantida como lugar dessa união impossível. Chegamos ao ponto mais importante da exploração de Milner a respeito do amor que os linguistas têm pelas línguas. O amor da língua é, portanto, como todo amor, fruto dessa denegação.

que a língua seja unívoca dissolve-se: o poético, como mostrou Jakobson (1960), rompe a ilusão de correspondência biunívoca entre palavra e referente, significante e significado. Na literatura, a perspectiva é a do não-todo. Ali, tem destaque “a homofonia, a homossemia, a homografia, tudo o que suporta o duplo sentido e o dizer em meias palavras” (MILNER, 1978/1987, p. 13). Desta última citação, entende-se porque a Literatura sempre encantou a Psicanálise, desde Freud. De um ponto de vista lacaniano, podemos dizer que em certa literatura contemporânea assistimos à presentificação de *lalangue*.

Nessa direção, tomemos como exemplo a produção da escritora francesa Marguerite Duras. Duras rompeu com uma modalidade de escrita, que, por falta de melhor palavra, chamaremos de “escrita figurativa”, para lembrar, por meio dessa nomeação, a tentativa da pintura figurativa de, supostamente, representar o mundo tal qual ele é.

A esse respeito, Seabra (2008) se lembra de Duras dizendo que ela consegue desestabilizar as marcas enunciativas que criam a ilusão da representação através de descompletudes, perturbações de ordem gramatical e sintática; de flutuações nos tempos verbais e oscilações entre o autobiográfico e o ficcional. Em *L'amant*, livro considerado autobiográfico, a memória “é estreitamente tecida com a escrita; uma escrita não mais a serviço da nostalgia, mas da força do dizer que deixa aflorar uma poética.” (SEABRA, 2008, p.44). No livro *Ecrire*, é a própria Duras quem nos fala das rupturas de sua escrita:

Haveria uma escrita do não escrito. Um dia isso acontecerá. Uma escrita breve, sem gramática, uma escrita de palavras sozinhas. Palavras sem gramática de apoio. Perdidas. Ali, escritas. E logo abandonadas. (DURAS, 1993, p.71) (a tradução é nossa)

Duras gostaria de alcançar o que, na Psicanálise, seria a dimensão da *letra*, aquilo que faz borda entre o Real e o Simbólico.<sup>60</sup> Lacan (1979) se identifica com o texto de Duras e escreve um trabalho em homenagem à escritora francesa. Nele,

---

<sup>60</sup> Para maior esclarecimento a respeito do conceito de “letra”, recomenda-se a consulta de Lacan (1971), seminário no qual o autor compara as noções de “fronteira” (aquilo que faz uma borda entre dois elementos de status idêntico, como, por exemplo, dois países) e o “litoral”, aquilo que faz uma borda vaga e, em certa medida, móvel, entre dois elementos de status diferente (a terra e a água). O psicanalista se apropria desta metáfora para defender a tese de que Real e Simbólico não tem nada em comum. Assim, a “letra” seria o elemento que fica no litoral dessas duas instâncias sem, propriamente, fazer parte de nenhuma delas.

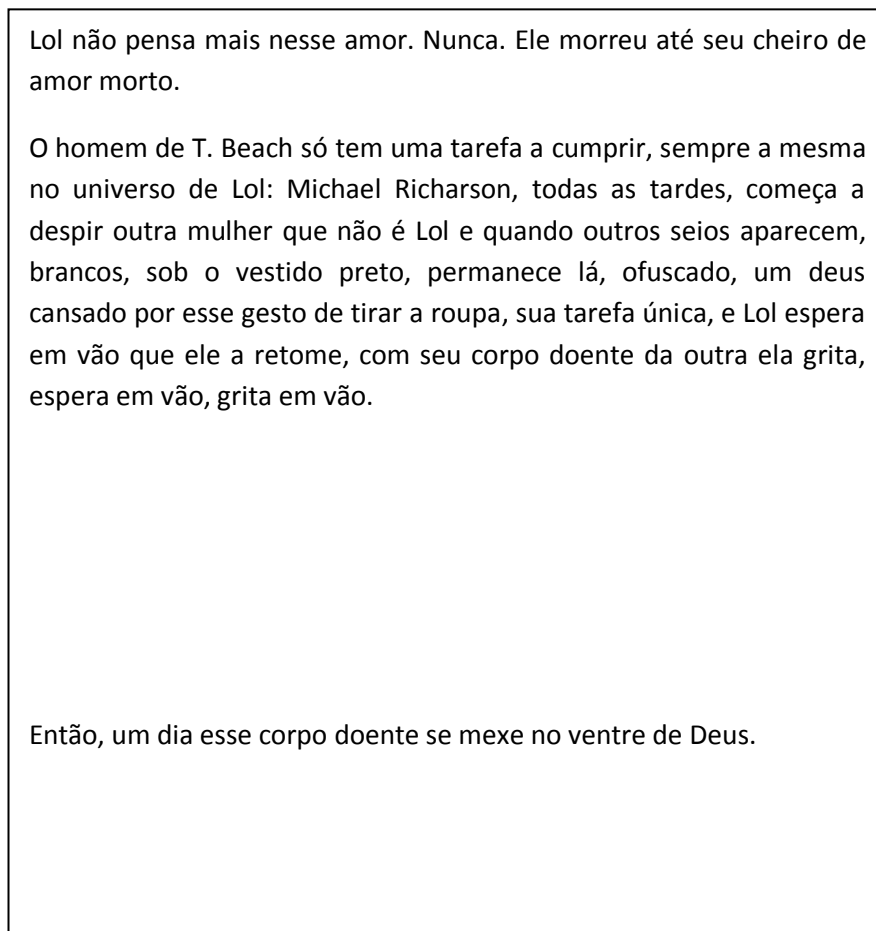
afirma que o artista é aquele que precede o analista. Ele diz, em “O Deslumbramento de Lol V. Stein”, que Marguerite Duras “mostra saber sem mim o que eu ensino” (LACAN, 1979, p.133).

Lacan eleva Duras à altura daqueles poetas e escritores que podem tocar<sup>61</sup> o leitor com operações de *lalangue*, evidenciando que a língua é bem mais que um instrumento de comunicação. No texto de Duras, há espaços brancos como silêncios que são constitutivos da escrita, como se pode ver no segmento a seguir:

---

<sup>61</sup> A esse respeito, ver Forbes (1999), em um texto no qual o autor aborda a possibilidade de capturar o gozo por meio da palavra que toca o corpo sem a necessidade de legitimação simbólica.

Figura 2: Disposição gráfica da página 37 de *O Deslumbramento de Lol V. Stein*  
(DURAS, 1986)



Em Duras, o espaço gráfico em branco destaca-se em meio ao texto escrito<sup>62</sup>. Quando o leitor folheia o livro, é surpreendido pela disposição visual da página. Frequentemente, a autora deixa várias linhas em branco e, às vezes, começa a escrever no meio da página. O efeito estético é alcançado nos “brancos” ou em outros traçados de *lalangue*. O último fato narrado foi a posição de Lol, a indicação

<sup>62</sup> Na passagem que acabamos de transcrever, Lol, a protagonista do livro de Duras, imagina, sozinha, que seu noivo Michael, qualificado como “o homem de T. Beach”, estaria despindo outra mulher, sua amiga Tatiana, revelando os seios brancos, sob o vestido preto. Vê-se que o narrador afirma que Tatiana é como uma doença para o corpo de Lol. A essa passagem não se segue a descrição, por exemplo, de como teria sido a relação sexual entre Tatiana e o noivo de Lol, ou, mais especificação sobre a doença de Lol, mas, sim, linhas em branco.

de ser aquela que espera em vão e a irrupção desses espaços brancos obriga o leitor a, junto com a personagem, suspender a respiração e, angustiado, confrontar-se com seu próprio vazio. Para nós, psicanalistas, os espaços em branco têm a função de convocar o analisante a “pôr de si na narrativa” (LACAN, 1966, p. 11).

Gérard Pommier (1987) assinala que o analista fala pouco; mas que isso “não é gratuito” - o fato de falar pouco é inversamente proporcional ao efeito de seu silêncio. Nas palavras do autor:

Falar não cura nada, não conserta nada – as palavras, ao contrário, agravam o sofrimento, quando não conduzem a outra coisa que não seja fixar sua significação. (POMMIER, 1987, p.35 – a tradução é nossa)

A escolha de Duras é, portanto, homóloga à do analista quando se cala frente à demanda de seu analisando. Ao sustentar os espaços em branco no texto da sessão, o psicanalista não obtura o que de surpreensivo pode advir quando se abre mão de chavões e de frases feitas com as quais uma pessoa pode se afastar do próprio desejo.<sup>63</sup>

---

<sup>63</sup> Exemplifiquemos por meio do caso de Paula, que faz parte de nossa experiência clínica. Sua queixa era estar sempre com pressão baixa, muito fria, cansada, “sem vida”. Paula procurou-nos por uma indicação do seu médico, com quem trabalhávamos. Na ocasião, tinha 50 anos. Era divorciada, mãe de dois filhos e profissional conhecida no Rio de Janeiro. Suas sessões, desde o início, foram pontuadas por grandes crises de choro, momentos nos quais dizia “que parecia que não chorava há muito tempo”. Em uma sessão, Paula nos disse que, durante o café da manhã, sua empregada lhe fez o seguinte comentário: “a senhora está com uma aparência de cansada, um pouco abatida”. Segundo ela, logo depois, foi tomar banho e ficou pensando no que a empregada lhe dissera. Durante o banho, percebeu o impacto deste comentário sobre ela e ficou preocupada a respeito de sua natureza. Por que dar tanto relevo a um comentário aparentemente banal? Essa dúvida fez com que Paula nos ligasse para pedir outra sessão. Já na sessão, ao ser perguntada a respeito do motivo de sua perplexidade, relatou os fatos e, logo após, dedicou-se a fazer associações. A primeira referia-se a sua infância, período em que era forçada a tomar muito óleo de fígado de bacalhau, pois sua mãe dizia que, assim, melhoraria e se tornaria uma “menina corada como as outras crianças e não mais abatida”. A segunda ligava-se a uma ocasião em que, acompanhando sua mãe em um açougue, resolveu ler o letreiro do estabelecimento que dizia: “Carnes de primeira e aves abatidas”. Nesse momento, cumpre ressaltar a presença da dimensão equivocizante da *lalangue*. Ignorando o significado da expressão “aves abatidas”, Paula mobilizou um significante presente na fala de sua mãe (uma criança não mais abatida), para gerar uma hipótese a respeito das aves congeladas, expostas sobre uma bancada. Então, perguntou à sua mãe se as aves “abatidas” eram aquelas que sofriam do fígado. Nesse ponto, contou-nos que sua mãe riu muito e que lhe explicou que a expressão “aves abatidas” era utilizada para designar as aves mortas, em um tempo em que não era incomum que se comercializasse, também, aves vivas, para serem abatidas em casa. Então, Paula se lembrou de que, enquanto explicava, sua mãe apontou para a bancada do frigorífico, com galinhas depenadas e congeladas. Lembrando-se da imagem das galinhas mortas, a paciente exclamou: “Sim, abatidas”. É nesse momento que suspendemos a sessão, limitando-nos a responder “Há muito tempo”. Concluída a exposição dessa vinheta clínica, procedamos a uma breve análise, tendo como foco a dimensão da *lalangue*. Ora, sabemos que a Psicanálise trabalha com a língua, com a palavra. Sabemos, também, que na língua teremos a presença do equívoco, do mal entendido (ambos

### 5.3. O desinteresse de Lacan na Linguística estrutural

Milner (2000) afirma que as indicações do desinteresse de Lacan pela Linguística *enquanto ciência* já estavam presentes no “Discurso de Roma” (1953). Na avaliação do autor, elas se aprofundaram ao longo dos anos 60 e culminaram no *Seminário XX*. Milner pergunta: “o que significa o enfraquecimento de um gesto assumido, no início, como tão decisivo?”; “quais teriam sido as causas?”; “Quais as consequências de tal desinteresse?” (MILNER, 2000, p.7).

Para responder a essas perguntas, o autor pergunta se o interesse de Lacan pela Linguística teria estado relacionado ao título de “ciência” que essa área conquistou ou se foi pelo “objeto” que ela produziu. O interesse pela ciência remeteria ao fato da Linguística ter-se tornado uma “ciência galileana” (com objeto universal e que atende ao requisito da literalização, por meio da escrita algébrica). Uma segunda hipótese seria de que Lacan teria se interessado pela língua, o objeto da Linguística saussuriana. Pode-se considerar que “ciência” e “objeto” interessaram a Lacan. Mas, como apontado ao longo deste trabalho, esse interesse teve direções bastante peculiares.

O interesse de Lacan pelo *objeto da Linguística* teve uma duração finita. Após um período inicial de investimento, a ruptura entre Linguística e Psicanálise foi se mostrando inevitável. Uma vez introduzido o sujeito na estrutura, Lacan acabou

---

constitutivos dela), dessa dupla ancoragem do significante que nos possibilitará outra forma de trabalho. Isso está presente na hipótese equivocada feita por Paula, ao amalgamar a expressão “criança abatida” à “ave abatida”. A equivocidade da língua é, portanto, a matéria prima da *lalangue* e da cura psicanalítica. Paula referia-se ao significante “abatida” sem, contudo pronunciá-lo. Dizia estar, “morta de cansaço, morta de medo, de sono e de fome”. Vemos, então, que a palavra “abatida” abarca dois sentidos: refere-se à cor amarelada, sem vida, mas, também, pode significar morta. Podemos fazer, portanto, a seguinte construção em análise (FREUD, 1937). O significante “abatida” foi usado para caracterizá-la em duas vertentes: 1) descritiva, referida à sua tez amarelada; 2) insultuosa, ligada ao fato de que, sua mãe, ao ter uma filha que não correspondia ao seu ideal de criança corada, sadia, a tratava como morta. Após ter feito esta construção, Paula percebeu que, durante toda sua vida, serviu, como um objeto, mortificado, ao desejo de sua mãe. Por esse motivo, encarnando o insulto da mãe, havia deixado que seu corpo fosse atravessado pelo significante “abatida” e, conseqüentemente, havia vivido uma vida de morta-viva.

reconhecendo que se interessava mais pelo fato de que os *homens falam* e menos pelo “objeto” da Linguística.

Por esse motivo, ao invés de dizer que estudava Linguística, Lacan acabou criando o neologismo “*linguisteria*” (LACAN, 1972-1973), por meio do qual, na avaliação de Milner, explicitou seu tributo à Linguística, ainda que a reunião entre Linguística e Psicanálise tenha se provado impossível (LACAN, 1973).

Miller (1996), em “Le Monologue de L’Apparole”<sup>64</sup>, discute as principais características daquilo que nomeou como o “último ensino de Lacan”. Nele, o autor é explícito ao afirmar que Lacan, por si próprio, afirma seu afastamento da Linguística. Ele diz:

[...] no derradeiro ensino de Lacan, é preciso se acostumar com a degradação do Simbólico. Evidentemente, este não era o caso antes. Não era assim quando o próprio Lacan se estigmatizava dizendo: “eu delirei com a Linguística”. No que ele delirou com a linguística? Precisamente, quando acentuou a primazia das palavras sobre as coisas, quando atribuiu às palavras o poder de fazer as coisas por nós (MILLER, 2007, p. 195). (a tradução é nossa)

Ao abordar as transformações na obra de Lacan, no que tange à relação do psicanalista *com a Linguística*, Miller (1996) anota uma trajetória que vai do diálogo ao monólogo. Lacan passou da tentativa de estabelecer um “diálogo” entre Linguística e Psicanálise para a produção de um monólogo *a respeito da linguagem*. Passa a privilegiar, portanto, a *lalangue* em detrimento de um estudo da língua nos moldes freudianos que, como é de senso comum, preocupava-se, por exemplo, com a morfologia da língua dos pacientes. Fato é que Lacan deixa a Linguística para os linguistas, como já pontuado nesta dissertação.

#### **5.4. Para além do sujeito da linguagem, o corpo do falante**

Mas, e se eu fosse obrigado a falar? E se esse impulso a falar fosse o sinal de instigação da linguagem, da eficácia da linguagem em mim? E se minha vontade só

---

<sup>64</sup> Todas as traduções que se referem ao trabalho de Miller (1996) presentes nesta dissertação são nossas. As páginas citadas correspondem a essa tradução.

quisesse também tudo a que eu fosse obrigado, então isto, no fim, sem meu querer e crer, poderia sim ser poesia e tornar inteligível um mistério da linguagem? E então seria eu um escritor por vocação, pois um escritor é bem, somente, um arrebatado da linguagem? (NOVALIS, 2001, p. 196)

Chegamos ao último ponto da questão que estamos examinando: o percurso que vai do diálogo ao monólogo, nos termos enunciados no final do item precedente.

No *Seminário XX*, Lacan opera uma transformação, ao tomar para a Psicanálise a exigência de enunciar seu modo próprio de ver a linguagem: a investigação a respeito de como *lalangue* pode afetar o corpo do falante nele produzindo efeitos, como, por exemplo, o rubor e o arrepio.

Por esse motivo, escolhemos a epígrafe desta parte final da dissertação, que faz menção à mútua afetação corpo-linguagem... “ser e fala se corrompem mutuamente”. Isso significa que não há unidade no falasser. Há alteridade insuperável entre ser e linguagem. Para Lacan, o real insiste e incide, mas não se inscreve. Não é passível de simbolização. Como diz Lacan: “O Real não cessa de não se inscrever” (LACAN, 1964).

Pois bem, Lacan passa pelo diálogo (não correspondido) com a Linguística e fica com a exigência de teorizar a respeito da linguagem. Ele a realiza sob o conceito de *linguisteria*, como procurei indicar nesta dissertação. De fato, a relação de Lacan com a Linguística não pode ser compreendida como diálogo. Lacan costumava dizer que sua busca foi motivada por “um delírio” ao ler *A interpretação dos sonhos* (FREUD, 1900).

Posto isso, podemos fechar este capítulo com uma citação de Lacan que, esperamos, resuma a trajetória deste trabalho, que procurou iluminar aspectos da impossível reunião entre Psicanálise e Linguística:

Consegui fazer os ignorantes se interessarem por algo mais, o que não era meu objetivo, porque, para a Linguística, devo dizer-lhes, estou pouco me lixando. *O que me interessa diretamente é a linguagem, porque penso que é com ela que lido quando tenho que fazer uma psicanálise.* (LACAN, 1971, p. 42-43) (ênfases nossas).

## Considerações finais

Escrever é um diálogo infinito com a multidão de vozes que se comprimem em nós e que não param de insistir em chamar nossa atenção, cada uma tentando passar na frente da outra. Quando paro de escrever, outras vozes se fazem ouvir para me lembrar o que não pude captar e que assombra ainda minha reflexão. LE BRETON, David. **Éclats de voix**, 2012<sup>65</sup>.

O que mais nos inquietava e intrigava, quando começamos este trabalho, eram os conceitos provenientes da Linguística que pululavam na obra de Jacques Lacan. Que retrato poderia ser feito das aproximações e distanciamentos feitos pelo psicanalista com relação a eles? A leitura do texto de Jean-Claude Milner (1995) agregou inquietações e impulsionou a presente dissertação. Logo no início, deparamo-nos com uma afirmação contundente: os conceitos trazidos da Linguística para a Psicanálise haviam sido tão profundamente modificados que se poderia pensar em uma “ruptura” entre os dois campos.

A proposta “milneriana” foi muito angustiante na medida em que frustrou nossas expectativas iniciais de buscar um diálogo entre as duas disciplinas, expectativas essas que haviam gerado o projeto de pesquisa com o qual nos submetemos à seleção para o programa de Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL), da PUCSP. O texto de Milner (2005) parecia trazer uma desilusão já que erigia um obstáculo à ideia de encontro pacífico entre Psicanálise e Linguística.

Seguindo o raciocínio de Jean-Claude Milner, percebemos que nossa perspectiva inicial era equivocada na medida em que supunha uma completude imaginária, na qual as duas partes envolvidas (Psicanálise e Linguística) poderiam formar um todo harmônico. Pudemos nos dar conta da profunda dissimetria entre os dois campos de conhecimento e nos deparamos com a impossibilidade de uma esperança de diálogo entre as duas disciplinas. Por esse motivo, passamos a nos interessar por uma possibilidade mais modesta, porém, a nosso ver, mais produtiva:

---

<sup>65</sup> A tradução é nossa.

pontuar, na obra de Lacan, as transformações dos conceitos absorvidos da Linguística até a formulação da *linguisteria*, que sanciona a ruptura, entre esses dois campos.

De fato, ao longo de nosso trabalho, percebemos que os conceitos não são imutáveis. Auxiliados por uma leitura de Canguilhem (1963), bem como de trabalhos de colegas que se dispuseram a cotejar semelhanças e diferenças entre campos de saber diverso, concluímos que os conceitos sofrem profundas deformações e ajustes quando migram de uma episteme para outra. Tendo isso em mente, pudemos acompanhar, com maior serenidade, a trajetória de certos conceitos da Linguística (e da Antropologia estrutural) na obra de Lacan.

Postas essas considerações iniciais, passemos ao exame das respostas às perguntas de pesquisa que nortearam o trabalho:

1. Com relação ao encontro do psicanalista Jacques Lacan com a Linguística, pudemos perceber que alguns conceitos advindos dessa disciplina foram fundamentais para Lacan no estabelecimento de sua Primeira Clínica, também conhecida como a “clínica do significante”. (MILLER, 1999). Referimo-nos, mais especificamente, a três conceitos e duas operações que foram importados por Lacan em sua obra: o signo linguístico, o significante e o significado; as noções de metáfora e de metonímia e a diferença entre sujeito do enunciado e sujeito da enunciação. Notamos, ao longo da análise empreendida que, ao deparar com esses conceitos, Lacan os transformou, agregando a eles a noção de sujeito do desejo do inconsciente que, evidentemente, não fazia parte da Linguística por ele estudada.
2. Com relação às aproximações e distanciamentos feitos pelo psicanalista dos textos da Linguística, entre 1945 e 1973, podemos dizer que os segundos superaram as primeiras. Mesmo no momento de maior encantamento, Lacan jamais se aproximou da Linguística para fazer corpo com ela. A continuidade da elaboração de sua teoria levou-o a abandonar seu interesse pela Linguística como ciência e a manter, não obstante, o interesse pela linguagem. Na Segunda Clínica, mais especialmente no período conhecido como o “último Lacan” (MILLER, 1996), o psicanalista radicalizou sua busca

pela singularidade humana, por definição, fora das línguas correntes, comuns a todos. Remeteu-a aos neologismos, às palavras forjadas para nomear um estilo único, como, por exemplo, a palavra “joyceano”, na expressão “texto joyceano”, utilizada para aludir à irrepetibilidade/singularidade do modo de escrever desse escritor. Por esse motivo, apoiando-se nos conceitos que lhe serviram de base, Lacan forjou outros: de *Linguística*, passou à *Linguisteria*, de *Língua*, forjou o neologismo *Lalangue*. Considerando que a Psicanálise é uma *práxis*, essas transformações acontecem em função de uma clínica<sup>66</sup>.

Podemos concluir que a relação de Lacan com a Linguística foi forte e sempre tensa, redundando em um desencontro radical que deu origem ao seguinte comentário, com o qual finalizamos nosso último capítulo, no *Seminário XVIII, Um discurso que não seria do semblante*:

O interesse, a onda de interesse que contribuí para levar à linguística, é, ao que parece, um interesse que vem de ignorantes. Pois bem, isso já não é tão ruim. Antes eles eram ignorantes, agora se interessam. Consegui fazer os ignorantes se interessarem por algo a mais, o que não era meu objetivo, porque, para a linguística, devo dizer-lhes, estou pouco me lixando. O que me interessa diretamente é a linguagem, porque penso que penso que é com ela que lido quando tenho que fazer uma psicanálise. (LACAN, 1971, p. 42-43)

Frisemos alguns pontos. Ao referir-se ao seu encontro com a Linguística, Lacan frisa que: 1) após a realização de um percurso, continuou interessado pela linguagem; 2) afirmou que a linguagem continua sendo aquilo com o qual o psicanalista tem de lidar quando dirige uma análise, quando opera na direção de uma cura; e 3) perdeu o interesse pela Linguística, com a qual, em suas palavras, “está pouco se lixando”.

É importante frisar que não se trata de um menosprezo ou desdém por parte de Lacan. Essa afirmação não foi feita no campo da discussão Linguística, mas, sim,

---

<sup>66</sup> Assim, a Primeira Clínica de Lacan ocorreu em um momento em que a sociedade tinha, mais claramente, uma organização verticalizada, como podemos dizer, pai orientada, tendo o Complexo de Édipo como um conceito em torno do qual a clínica gravitava. Já a segunda clínica responde a uma organização horizontal, em que o que conta é a pluralidade dos modos de viver. Na organização horizontal, sem mais um referente externo e vertical, o sujeito vai ter que procurar nele mesmo sua “orientação”, seu destino, não se trata mais de trabalhar um passado com perspectivas futuras e, sim, inventar o seu presente.

no de uma discussão ética, mais especificamente, na ética da Psicanálise, em que trabalhar com a ética é sair do campo da moral, do que é certo e errado.

Na vigência da ética do real, compreende-se que, posto um sintoma qualquer, não há mais nada a ser decifrado. Assim, a clínica será organizada pela invenção do porvir. Trata-se, portanto, da clínica do ressoar. Ao invés de interpretar, o analista ressoa o dito do paciente, o que “tornará impossível ao analisante elaborar uma cadeia significativa sem que surja imediatamente a dimensão do fora de sentido e de gozo”. (SEYNHAEVE, 2008)

Não se trata de levar o paciente a falar consigo próprio, a uma forma de solilóquio ou de “ecolalia a dois”, mas de radicalizar as diferenças, impossíveis de serem transpostas entre interlocutores diferentes. Lembremo-nos da posição de Novarina com relação ao que está implicado no ato de falar.

Falar não é comunicar. Falar não é trocar nem fazer escambo – das ideias, dos objetos -, falar não é se exprimir, designar, esticar uma cabeça tagarela na direção das coisas, dublar o mundo com um eco, uma sombra falada; falar é antes abrir a boca e atacar o mundo com ela, saber morder. (NOVARINA, 2009, p.14)

Vê-se que Novarina coloca a fala no campo da tensão. “Atacar o mundo com ela”, “saber morder” são suas expressões. Transpondo essa afirmação para o encontro de duas disciplinas, podemos dizer que a sustentação dessa zona de tensão nos parece tão trabalhosa quanto produtiva, por não estar previamente assentada em uma certeza garantida por epistemes fechadas.

O sentido que a escrita desta dissertação ganhou para mim talvez reflita a plasticidade que observamos nos conceitos quando passam de um campo de saber para outro. Escrever não é copiar um monte de palavras, mas, antes, fazer com que elas possam ressoar. Podemos, muitas vezes, seguir um roteiro e imaginar que em tal lugar vamos colocar ou pontuar tal coisa. Mas nos deparamos com a força da escrita que, mesmo sem querer, vai conduzindo-nos por caminhos outros que não aqueles traçados com tanta exatidão em um roteiro.

Aceitar essa imposição da escrita, embora seja um caminho mais duvidoso, leva-nos ao abandono de um saber preestabelecido para seguirmos em direção a uma construção singular. Eis a entrada no “inferno da escrita” (RIOLFI, 2011), local

em que o ato de escrever pode se tornar um poderoso dispositivo de transformação da relação do sujeito com o saber. Nas palavras de Riolfi:

Em cada texto que alguém se propõe a escrever, este dispositivo pode tornar operacional ou não. Restará sempre uma dúvida a respeito da possibilidade de sucesso neste ato. A incerteza a respeito da eficácia do dispositivo é o combustível que alimenta uma fogueira perene ao longo de muitos anos. (RIOLFI, 2011, p.22)

Assim, aventurar-se por terras e campos diferentes, torna-se uma tarefa extremamente enriquecedora e instigante, quando fazemos vacilar semblantes tranquilizadores, porém sem nenhuma consequência. Como psicanalistas que somos, sabemos o que significa falar sem consequência.

É preciso que se inverta o lugar da busca de saber: não há saber que preexista, por isso se procuramos encontrá-lo em algum lugar, ele não vai estar. A certeza de que se pode ter no fim da busca do saber é apenas do processo, (enquanto tal), de busca, é aí onde ele estará e vai se fazer e se constituir na sua busca e no seu processo, não em algo já *prêt-à-porter*. Assim como a Psicanálise não admite preexistentes, esse saber, que fica como resto de uma escrita, como produto final de um trabalho, também é a se constituir, não há o *prêt-à-porter*, há que se por de si. É isso, a nosso ver, que constitui a singularidade de uma busca, o que faz com que um mesmo assunto tão batido em teses e livros seja paradoxalmente único.

Nenhum texto é claro, nenhum texto é óbvio, sua clareza ou obviedade vai se revelar à medida que utilizarmos os instrumentos adequados para abri-los. Os textos são sempre produtores de Inibição, Sintoma e Angústia (FREUD, 1925-1926), mas que podem se tornar pré-textos se com eles resolvermos nos defrontar.

“Ressoar permite o laço social baseado na articulação de monólogos”. (FORBES, 2010, p. 82). Foi essa a tarefa, a de continuar a ressonância iniciada por Jacques Lacan, que nos dispusemos a conduzir nos caminhos desta dissertação.

## Referências Bibliográficas

ALLOUCH, Jean. **Alô Lacan?** É claro que não. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 1999.

ANDRADE, L. **Ouvir e escutar na constituição clínica de linguagem.** Tese de Doutorado. São Paulo. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

ARANTES, Lúcia. Sobre a instância diagnóstica na clínica de linguagem. In: LIER-DEVITTO, Maria Francisca, ARANTES, Lúcia (org.). **Aquisição, patologias e clínica de linguagem.** São Paulo. Educ-Fapesp, 2006. p. 315-329.

\_\_\_\_\_. **Diagnóstico e clínica de linguagem.** Tese de doutorado. São Paulo. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

ARON, Paul, SAINT-JACQUES, Denis, VIALA, Alain (org.). **Le Dictionnaire du littéraire.** Paris: PUF, 2002.

ARRIVÉ, Michel. **Linguística e Psicanálise:** Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e Outros. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

ARRIVÉ, Michel, NORMAND, Claudine (1998). **Linguistique et psychanalyse.** Paris: Editions in Presse, 2001.

BARROS, Manoel. **O Livro sobre Nada.** Rio de Janeiro: Editora Record, 1996.

BEIVIDAS, Waldir. **Inconsciente e Sentido:** Ensaios de Interface Psicanálise, Linguística, Semiótica. São Paulo: Annablume, 2009.

BENVENISTE, Émile (1970). O aparelho formal da enunciação. In: **Problemas de Linguística Geral II.** São Paulo: Pontes, 1989. p. 81-92.

\_\_\_\_\_. (1958). Da subjetividade na linguagem. In: **Problemas de Linguística Geral I.** 3. ed. São Paulo: Pontes, 1991. p. 284-293.

BORGES, Jorge Luis. **Ficções.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BOUQUET, Simon e ENGLER, Rudolf (orgs). **Escritos de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2002.

CANGUILHEM, Georges. Dialectique et philosophie du nom chez Gaston Bachelard. In: **Revue Internationale de Philosophie**. Paris: 1963.

CAMUS, Albert. **L'homme révolté**. Paris: Éditions Gallimard, 2010.

CARNEVALE, Luciana Branco. **O falante entre cenas**: descaminhos da comunicação na deficiência mental. Tese de Doutorado. São Paulo. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

CHEMAMA, Roland e VANDERMERSCH, Bernard. **Dictionnaire de la psychanalyse**. Paris: Larousse, 2009.

CHOMSKY, Noam. **Syntactic Structures**. The Hague: Mouton and Company, 1957.

COELHO MENEZES, Daniel. **Clínica geral. Psicanálise e linguística**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, março de 2004.

COBAS, Carlos; GARCIA, Jorge; DEMATINE, Hector; ZACK, Oscar. **Introducción para una lectura de Jacques Lacan**. Universidade de Buenos Aires: Editorial Tekné, 1987.

DOR, Joël. **Introdução à leitura de Lacan**. O inconsciente estruturado como uma linguagem. Porto Alegre: Editora Artmed, 1989.

DOSSE, François (1945). **História do Estruturalismo**. Vol. 1. O campo do signo. Bauru: Edusc, 2007.

DURAS, Marguerite. **O Deslumbramento** (Le ravissement de Lol V. Stein). 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

\_\_\_\_\_. **Écrire**. Paris: Folio/Gallimard, 1993.

EMENDABILI, Mariana E. T. **Um estudo de perspectivas teórico-clínicas nas demências**: sobre a relação linguagem, memória e sujeito. Dissertação. São Paulo. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

FARIA, V. O. **Distúrbio Articulatorio**: um pretexto para refletir sobre a disjunção entre teoria e prática na clínica de linguagem. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

FERRY, Luc. **Famílias, amo vocês**: política e vida privada na era da globalização. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

\_\_\_\_\_. **Qu'est-ce qu'une vie réussie?** Paris: Grasset, 2002.

\_\_\_\_\_. **La révolution de l'amour**: Pour une spiritualité laïque. Paris: Plon, 2010.

FLORES, V. N., BARBISAN, L. B, FINATTO, M.J.B. TEIXEIRA, M. **Dicionário de linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

FLORES, Valdir do Nascimento. Benveniste e o sintoma da linguagem: a enunciação do homem na língua. In: **Émile Benveniste: interfaces, enunciação e discursos**. Letras n.33, Julho/Dezembro 2006, PPGL Editores, Universidade Federal de Santa Maria.

FÓNAGY, Ivan. **La Vive Voix. Essais de Psycho-Phonétique**. Paris, Bibliothèque Scientifique Payot, 1991.

FONSECA, S. C. **O afásico na clínica estrutural**. Tese de Doutorado. São Paulo. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002.

FORBES, Jorge. O Sonho Acabou, Viva o Sonho! In: **Revista TRIP** 163, fevereiro, 2008. p. 64-65.

\_\_\_\_\_. Família e Responsabilidade. In: **Jornal Estado de Direito**. 23ª edição, 2009. p. 22-26. Disponível em: <http://www.estadodedireito.com.br/2011/01/28/familia-e-responsabilidade>. Acesso em: 10 ago. 2011.

\_\_\_\_\_. Não tenho a menor ideia. In: **VIII CONGRESSO DA ESCOLA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE**: O Analista e os semblantes. Florianópolis, 2009b.

p. 7. Disponível em: <[http://www.psicanaliselacaniana.com/estudos/documents/NAOTENHOAMENORID\\_EIA.pdf](http://www.psicanaliselacaniana.com/estudos/documents/NAOTENHOAMENORID_EIA.pdf)>. Acesso em: 12 jan. 2012

\_\_\_\_\_. (1999) Geração mutante: palavra diz, palavra toca. In: <[http://www.ebp.org.br/biblioteca/pdf\\_biblioteca/Jorge\\_Forbes\\_Geracao\\_%20Mutante.pdf](http://www.ebp.org.br/biblioteca/pdf_biblioteca/Jorge_Forbes_Geracao_%20Mutante.pdf)>. Acesso em: 20 fev 2012.

\_\_\_\_\_. **Inconsciente e responsabilidade**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, 2010.

FREUD, Sigmund (1900). A Interpretação dos sonhos. In: **Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, v. IV, 1976.

\_\_\_\_\_. (1901). Psicopatologia da vida Cotidiana. In: **Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, v. VI, 1976.

\_\_\_\_\_. (1905). Os chistes e sua relação com o inconsciente. In: **Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, v. VIII, 1977.

\_\_\_\_\_. (1911). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia paranoides). In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. XII, 1976. p.15-105.

\_\_\_\_\_. (1910). A significação antitética das palavras primitivas. In: **Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, v. XI, 1976. p.137-146.

\_\_\_\_\_. (1910). Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. In: **Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, v. XI, 1976. p.53-124.

\_\_\_\_\_. (1915). Os instintos e suas vicissitudes. In: **Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, v. XIV, 1976. p.129-162.

\_\_\_\_\_ (1919). “Uma criança espancada” uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In: **Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, v. XVII, 1976. p. 223-225.

\_\_\_\_\_ (1921). Psicologia de grupo e análise do ego. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. XVIII, 1976.

\_\_\_\_\_ (1924). A dissolução do complexo de Édipo. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. XIX, 1976. p. 215-217.

\_\_\_\_\_ (1925-1926). Um estudo autobiográfico. Inibições, sintomas e ansiedade. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. XX, 1976. p. 95-201.

\_\_\_\_\_ (1937). Construções em análise. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. XXIII, 1976. p. 291-304.

GADET, F.; HAK. T. **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990.

GREIMAS, A.J. COURTÈS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.

HAROCHE, Claudine; HENRY, Paul; PÊCHEUX, Michel. La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours. **Langages**. Paris, número 24, p. 93-106, 1971.

HENRY, Paul (1969). Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux. In: GADET, F.; HAK. T. **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990.

HERBERT, Thomas. Remarques pour une théorie générale des ideologies. In: **Cahiers pour l’analyse**. Paris: Cercle d’épistémologie de L’Ecole Normale Supérieure, n. 9, p. 174-192, 1968.

HOLLANDA, Chico Buarque de & JOBIM, Tom. Retrato em branco e preto. In: **Poesia e Cantos**. São Paulo, Arlequim, 1968. 3 disco sonoro.

KRISTEVA, Julia. **História da linguagem**. Lisboa: Edições 70, 1999.

LARI, Rodolfo. O estruturalismo lingüístico: alguns caminhos. In: **Introdução à linguística, fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004. Vol. 3.

JAKOBSON, Roman (1960). **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2010.

LACAN, Jacques (1949). O estádio do espelho como formador da função do eu. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 96-103.

\_\_\_\_\_. (1951). Intervenção sobre a transferência. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 214-225.

\_\_\_\_\_. (1953). Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 238-324.

\_\_\_\_\_. (1953b) O Simbólico, o Imaginário e o Real. In: **Nomes-do-Pai**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. (1956) A coisa freudiana ou seu sentido de um retorno a Freud em Psicanálise. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 402-437.

\_\_\_\_\_. (1957) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 496-533.

\_\_\_\_\_. (1955-1956). **O Seminário, livro 3: as psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

\_\_\_\_\_. (1957-58). **O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

\_\_\_\_\_. (1960) Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 807-842.

\_\_\_\_\_. (1966) Abertura desta coletânea. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 9-11.

\_\_\_\_\_. (1970). Radiofonia. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 400-447.

\_\_\_\_\_ (1971). **O Seminário, livro 18: De um discurso que não seria do semblante.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

\_\_\_\_\_ (1972-73). **O Seminário, livro 20, Mais ainda,** Jorge Zahar Editor, 1985.

\_\_\_\_\_ (1972). O Aturdito. In: **Outros Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 448-497.

\_\_\_\_\_ (1973). Televisão. In: **Outros Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 508-543.

\_\_\_\_\_. (1974-1975/s.d.) **R.S.I. O seminário XXII.** Versão não comercializável, em francês e português.

\_\_\_\_\_ (1975-1976). **O Seminário. Livro 23: O Sinthoma.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

\_\_\_\_\_ **Lacan in Italia 1953-1978.** Edição bilíngue. Milan: La Salamandra, 1978, p. 104-147. Conférence donnée au Centre culturel français le 30 mars 1974, suivie d'une série de questions préparées à l'avance, en vue de cette discussion, et datées du 25 mars 1974.

\_\_\_\_\_ (1979). Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein. In: **Outros Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 198-205.

LANDI, Rosana. **Sob efeito da afasia:** a interdisciplinaridade como sintoma nas teorizações. Dissertação de mestrado em linguística aplicada e estudos da linguagem. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000.

LAJONQUIÈRE, L. de. **De Piaget a Freud:** para repensar as aprendizagens. Petrópolis: RJ, Vozes, 1993.

LE BRETON, David. **Éclats de voix.** Une anthropologie des voix. Paris: Métailié, 2012.

LEITE, Nina Virgínia de Araújo. **Psicanálise e Análise do Discurso - O Acontecimento na Estrutura.** 1. ed. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1994. v. 1.

LEITE, Nina Virgínia de Araújo. Lalingua: território do gozo/território de lalingua. In: LEITE, Nina; AIRES, Suely; e VERAS, Viviane. **Linguagem e Gozo**. Campinas, São Paulo, 2007. p.115-127.

LEMOS, Cláudia Theresa Guimarães de. Joyce e Lacan: um gozo dito opaco. In: LEITE, Nina; AIRES, Suely; e VERAS, Viviane. **Linguagem e Gozo**. Campinas, São Paulo, 2007. p.15-25.

\_\_\_\_\_. Língua e discurso na teorização sobre aquisição de linguagem. In: **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 30, n. 4, p. 9-29, 1995.

LEMOS, Cláudia de; LIER-DEVITTO, Maria Francisca de Andrade Ferreira; ANDRADE, Lourdes; SILVEIRA, Eliane Mara. Le saussurisme en Amérique Latine au XXe siècle. **Cahiers Ferdinand de Saussure**. Suíça, v. 56, p. 165-176, 2004.

LEMOS, Maria Theresa Guimarães de. **A língua que me falta**. Uma análise dos estudos em aquisição de linguagem. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

LENY MRECH. Entre o tratar e o educar: o mesmo sujeito? In: **Proceedings of the 7th Formação de Profissionais e a Criança-Sujeito**. 2009. Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000032008000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032008000100004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 dez. 2011.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

LIER-DEVITTO, Maria Francisca de Andrade Ferreira & ANDRADE, L. Considerações sobre a interpretação de escritas sintomáticas de crianças. In: LIER-DEVITTO, M. F. e ARANTES, L. (orgs). **Faces da Escrita**. 1ed. Campinas: Mercado de Letras, 2011b, v.1, p. 95-116.

LIER-DEVITTO, Maria Francisca de Andrade Ferreira. Abordagem de falas sintomáticas: sobre a condição intervalar da clínica de linguagem entre a Linguística e a Psicanálise. In: SILVEIRA, E. M. (org.). **As bordas da linguagem**. 1ed. Uberlândia-MG: EDUFU, 2011a, v.1, p.57-67.

LIER-DEVITTO, Maria Francisca de Andrade Ferreira. “Delírios da Língua: o sentido linguístico e subjetivo dos monólogos da criança”. In: LIER-DEVITTO, Maria Francisca, ARANTES, Lúcia (org.). **Aquisição, patologias e clínica de linguagem**. São Paulo. Educ-Fapesp, 2007. p. 79-95.

\_\_\_\_\_. Patologias da linguagem: sobre as ‘vicissitudes de falas sintomáticas’. In: LIER-DEVITTO, Maria Francisca, Arantes, Lúcia (org.).

**Aquisição, patologias e clínica de linguagem.** São Paulo. Educ-Fapesp, 2007 (b). p. 183-200.

LIER-DEVITTO, Maria Francisca, ARANTES, L. (org.) **Aquisição, patologias e clínica de linguagem.** São Paulo, Editora PUCSP/FAPESP, 2007. p. 33-56.

LIER-DEVITTO, Maria Francisca de A. F. Falas sintomáticas: um problema antigo, uma questão contemporânea. In: FREIRE, M. M.; ABRAÃO, M. H. e Barcelos, A. M. (orgs.) **Linguística aplicada & contemporaneidade.** Campinas: Pontes, 2005.

LIER-DEVITTO, Maria Francisca de A. F.. Sobre o sintoma: efeito da fala no outro, déficit de linguagem, ou ainda? **Letras de Hoje.** Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 245-252, 2001.

LIPOVETSKY, Gilles e SERROY, Jean Serro. **A tela global:** mídias culturais e cinema na era hipermoderna. Porto Alegre: Sulina, 2009.

\_\_\_\_\_. **A cultura-mundo.** São Paulo: Companhia das letras, 2011.

MALISKA, Maurício Eugênio. **Entre linguística e psicanálise.** O real como causalidade da língua em Saussure. Curitiba: Juruá, 2010.

MILLER, Jacques-Alain. La Suture. In: **Cahiers pour l'analyse.** Paris: Cercle d'épistémologie de L'Ecole Normale Supérieure, número 1/2, 1966.

\_\_\_\_\_ (1985). S'truc dure. **Matemas II.** Buenos Aires: Ediciones Manantial S.R.L., 1988.

\_\_\_\_\_. Acción de la estructura. **Matemas I.** Buenos Aires: Ediciones Manantial S.R.L., 1988.

\_\_\_\_\_. La logica del significante. **Matemas II.** Buenos Aires: Ediciones Manantial S.R.L., 1988.

\_\_\_\_\_. Teoria de la lengua. **Matemas I.** Buenos Aires: Ediciones Manantial S.R.L., 1988.

\_\_\_\_\_. Le monologue de *l'apparole*. In: **L'apparole, et autres blablas**. La Cause Freudienne. Revue de Psychanalyse. Paris: Publications ACF, 1996.

\_\_\_\_\_. Le monologue de l'apparole. In: **La cause freudienne. Revue de psychanalyse**. Paris: EURL-Huysmans, 1996. p. 7-18

\_\_\_\_\_. Sur le tout dernier enseignement de Lacan. In : **Figures de la psychanalyse**, 2007/1 n° 15, p. 87-97. Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-figures-de-la-psy-2007-1-page-87.htm>>. Acesso em: 01 jul. 2011.

\_\_\_\_\_. **Perspectivas do Seminário 5 de Lacan**. Rio de Janeiro: Zorge Zahar, 1999.

MILNER, Jean-Claude. **L'amour de la langue**. Paris: Éditions Verdier, 1978.

\_\_\_\_\_. **Introduction à une science du langage**. Paris: Éditions du Seuil, 1989. (Seuil/Des Travaux).

\_\_\_\_\_. Linguistique et Psychanalyse. Disponível em: <<http://www.universalis.fr/encyclopedie/linguistique-et-psychanalyse>>, 1995. Acesso em: 15 set. 2009.

\_\_\_\_\_. De la linguistique à la linguisterie. In : AUBERT, J., CHENG, F., MILNER, J.C., REGNAULT, F., WAJCMAN, G. **Lacan, l'écrit, l'image**. Paris: Flammarion, 2000. p. 7-25.

\_\_\_\_\_. **Le périple structural**. Paris: Éditions Verdier, 2002.

\_\_\_\_\_. **Os nomes indistintos**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.

NOVALIS, Friedrich Von Hardenberg. **Pólen: Fragmentos, Diálogos, Monólogo**. São Paulo: Iluminuras, 2001.

NOVARINA, Valère. **Diante da palavra**. 2 ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

NORMAND, Claudine (1998). Linguistique et/ou psychanalyse: de leur relation si elle existe. In: **Linguistique et psychanalyse**. Paris: Press editions, 2001.

PÉLISSIER, Yan; BÉNABOU, Marcel; LIÉGE, de Dominique, CORNAZ, Laurent. **789 Néologismes de Jacques Lacan**. Paris, EPEL, 2002.

POMMIER, GÉRARD. **El desenlace de un analisis**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1987.

RADZINSKI, A. (1985). "Lacan/Saussure: les contours théoriques d'une rencontre". In: **Langages 77** (Le sujet entre langue et parole(s)), Paris: Larousse, mars/85.

RIOLFI, Claudia Rosa. Lições da coragem: o inferno da escrita. In: BARZOTTO, Valdir & RIOLFI, Claudia R. (orgs). **O inferno da Escrita: produção escrita e psicanálise**. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 11-31.

SALUM, Isaac Nicolau. Prefácio à edição brasileira do Curso de linguística geral. In: SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1995.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1995.

SEABRA, Margaret R. S. **Uma escrita contemporânea em tradução - Marguerite Duras: L'Amant**. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2008.

SEYNHAEVE, Bernard. Carta de Seynhaeve endereçada a Carmen Cuñat, 2008. Versão não comercializável, a tradução é nossa.

SILVEIRA, Eliane Mara. Um certo retorno à linguística pela via da psicanálise. In: LIER-DEVITTO, M.F., ARANTES, L. **Aquisição, patologias e clínica de linguagem**. São Paulo: Editora PUC-SP EDUC, Fapesp, 2007. p. 33-56.

\_\_\_\_\_. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística**. São Paulo: Mercado das Letras, FAPESP, 2007.

\_\_\_\_\_. Abordagens distintas de um manuscrito saussureano. In: **Seminário do Gel, 58**, 2010. Texto inédito.

VORCARO, A. **A criança na clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.